



Anais do

XX ENPEMT

Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia

Novos Caminhos da Musicoterapia Brasileira

7 a 11 de dezembro de 2020

Belo Horizonte-MG

XX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia

7 a 11 de dezembro de 2020

Presidente - Mt. Emily Hanna Pinheiro Ferreira

Comissão Científica

Coordenadora: Mt. Dra. Verônica Magalhães Rosário (APEMEMG 1-0027)

Pareceristas

Mt. Me. Alexandre Ariza Gomes de Castro (APEMEMG 1-0025)

Mt. Me. Aline Moreira Brandão André (AMTRJ 628-1)

Mt. Dra. Eliamar A. Fleury Ferreira (AGMT 0007)

Mt. Me. Frederico Gonçalves Pedrosa (APEMEMG 1-0029)

Mt. Me. Iara Del Padre Iarema Ulkowski (APMT 222)

Mt. Dr. Igor Ortega Rodrigues (APEMESP 1-010453)

Mt. Dr. José Davison da Silva Júnior (AMTPE 003-1)

Mt. Dra. Marly Chagas Oliveira Pinto (AMTRJ 068-1)

Mt. Dra. Mayara Kelly Alves Ribeiro (AGMT 088)

Mt. Dra. Noemi Nascimento Ansay (AMTPR 078-94)

Mt. Dra. Verônica Magalhães Rosário (APEMEMG 1-0027)

Elaboração dos Anais

Mt. Me. Alexandra Monticeli de Souza Ricardo Belato (APEMEMG 1-0002)

Mt. Dra. Mayara Kelly Alves Ribeiro (AGMT 088)

Mt. Me. Rhainara Lima Celestino Ferreira (APEMEMG 1-0017)

Mt. Dra. Verônica Magalhães Rosário (APEMEMG 1-0027)

Comissão Organizadora

Coordenadora: Mt. Me. Emily Hanna Pinheiro Ferreira (APEMEMG 1-0001)

Núcleo de Coordenação

Mt. Me. Alexandra Monticeli de Souza Ricardo Belato (APEMEMG 1-0002)

Mt. Me. Rhainara Lima Celestino Ferreira (APEMEMG 1-0017)

Núcleo de Organização:

Mt. Me. Alexandra Monticeli de Souza Ricardo Belato (APEMEMG 1-0002)

Mt. Aline Silva Magalhães (APEMEMG 2-0003)

Mt. Arthur Bortolus (APEMEMG 1-0020)

Mt. Dr. Éber Marques Júnior (AGMT 0114)

Mt. Emily Hanna Pinheiro Ferreira (APEMEMG 1-0001)

Mt. Leticia Lima Dionizio Borges (APMT 199)

Mt. Marina Barbosa Soares (APEMEMG 1-0015)

Mt. Me. Rhainara Lima Celestino Ferreira (APEMEMG 1-0017)

Mt. Dra. Verônica Magalhães Rosário (APEMEMG 1-0027)

Mt. Dr. Marcos Vinícius de Sousa Medeiros (CPMT 005/19-MA)

Núcleo de Marketing:

Mt. Aline Silva Magalhães (APEMEMG 2-0003)

Mt. Ana Elisa Reis Amorim (AGMT 0156)

Mt. Leyrick (APEMEMG 1-0039)

Mt. Mariana Gutierrez Andrade (APEMESP 1-200173)

Mt. Maria Luiza Pinho (APEMEMG 1-0038)

Mt. Marina Reis Freitas (APEMEMG 1-0035)

Realização

**Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de Minas Gerais -
gestão 2019-2021**

Presidente

Mt. Me. Emily Hanna Pinheiro Ferreira

Vice-presidente

Mt. Me. Alexandra Monticeli de Souza Ricardo Belato

Secretária

Mt. Marina Barbosa Soares

1ª Tesoureira

Mt. Me. Rhainara Lima Celestino Ferreira

2º Tesoureiro

Mt. Arthur Bortolus

União Brasileira das Associações de Musicoterapia - gestão 2019-2020

Presidente

Eber Marques (AGMT)

Vice-presidente

Glairton de Moraes Santiago (AMTCE)

Primeira Secretária

Magali Ferreira Pinto Dias (AMTPR)

Segundo Secretário

Daniel Sodré de Aguiar Braga (APEMESP)

Primeira Tesoureira

Ana Elisa Reis Amorim (AGMT)

Segunda Tesoureira

Luciana Lan arin da Silva (AMTPR)

E56 Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia (20.:2020: Belo Horizonte, MG).

Anais do XX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia [recurso eletrônico]: novos caminhos da musicoterapia brasileira / Coordenadora Emily Hanna Pinheiro Ferreira. - Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2021.

1 recurso on-line (134 p.:il) : PDF

Realização do evento: Escola de Música da UFMG, APEMEMG e UBAM.
Elaboração dos Anais: Alexandra Monticeli de Souza Ricardo Belato, Mayara Kelly Alves Ribeiro, Rhainara Lima Celestino Ferreira e Verônica Magalhães Rosário.
Inclui bibliografias.
ISBN: 9786588804223

1. Musicoterapia - Congressos. I. Ferreira, Emily Hanna Pinheiro. II. União Brasileira das Associações de Musicoterapia. III. Associação de Professores e Estudantes de Musicoterapia do Estado de Minas Gerais. IV. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Música. V. Título.

CDD: 780.13

Ficha catalográfica elaborada por: Rachel Mariana Mateus de Oliveira CRB/6 1417

Sumário

EVENTO.....	9
Programação:	10
Abertura: 07/12	12
Palestrantes	12
1º Dia - 07/12	13
Mesa Redonda - A regulamentação da Musicoterapia no Brasil.....	13
Participantes:	13
Resumos:	14
Musicoterapia e autismo	14
Atendimentos em convênio MT.	14
2º Dia - 08/12	16
Sala A: Pesquisa em Musicoterapia Hospitalar	16
Palestrantes:.....	16
Resumos:	16
Caminhos da prática e da pesquisa em Musicoterapia Hospitalar	16
Pesquisa em Musicoterapia na UTI Neonatal	17
2º Dia - 08/12	18
Sala B: Musicoterapia familiar	18
Palestrantes:.....	18
Resumos:	19
Intervenção Centrada na Família (ICF): relato de experiência	19
3º Dia-09/12	21
Sala A: Mesa redonda- Pesquisadores brasileiros fora do Brasil	21
Participantes:	21
Resumos:	22
Pesquisadora brasileira em Portugal	22
Compartilhando experiências de pesquisa em musicoterapia na Universidade de Aalborg	23
Sala B: Mesa redonda - Pesquisas nas universidades	24
Participantes:	24
Resumos:	26
Pesquisas em Universidades - um breve relato sobre a atuação na Universidade Federal de Goiás	26
Pesquisas em Musicoterapia	26
Pesquisas nas Universidades Brasileiras	27
4º Dia-10/12	28
Sala A: Musicoterapia Organizacional	28
Participantes:	28
Resumos:	28
TOM – Transformando Organizações através da Música: Desenvolvimento e contribuições	28

Musicoterapia Organizacional - Prática, Pesquisa e Mercado	29
Sala B: Mesa Redonda - Musicoterapia e TICS	30
Palestrantes:.....	30
Resumos:	31
Musicoterapia e TICS	31
Desdobramentos dos atendimentos por TICS.....	31
Musicoterapia e TICS	32
ARTIGOS	33
★ A cognição social em Musicoterapia: perspectivas e atuação em uma instituição de saúde mental	34
★ A figura feminina e o cuidado: a profissão de musicoterapeuta sob a perspectiva de gênero	39
A Musicoterapia Improvisacional no tratamento de adolescentes autistas: estudos de casos.....	44
A Musicoterapia Organizacional Mediada por TICs no Desenvolvimento de Competências de Professores de uma Escola Pública de Pernambuco	49
A Musicoterapia sob um Olhar Político: Reflexões a partir de entrevistas	53
A Pandemia, o SUAS e a Musicoterapia: Uma breve análise de conjuntura	57
A tendência musicalizante: uma audaciosa proposição conceitual acerca da inclinação inata do ser humano a se expressar e contemplar a si mesmo e seu entorno no nível sonoro-musical.....	61
Análise do domínio “Cognição” do protocolo Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP)	65
Atendimentos Musicoterapêuticos Remotos na Associação Brasileira de Esclerose Tuberosa: um relato de experiência	71
Encontros Musicais como estratégia interdisciplinar de cuidado: uma revisão integrativa	76
Estudo de Validação de conteúdo do Protocolo de Avaliação em Musicoterapia para Bebês Prematuros (PAMBP): Relato de pesquisa.....	81
★ Iniciando uma Cartografia: a Musicoterapia em Saúde Mental no Brasil.....	85
Música Para Quem Cuida: um relato de experiência em meio à pandemia de COVID-19	89
Musicoterapia Aplicada A Grupos De Crianças Diagnosticadas Com Autismo.....	94
Musicoterapia com pessoas vivendo com HIV: o que temos na literatura até aqui?	98
Musicoterapia e Tecnologia: a produção musical como recurso de composição no setting terapêutico	102
Musicoterapia em Grupos Terapêuticos Online: uma prática transdisciplinar.....	107
★ Musicoterapia, intervenção precoce e consciência corporal	111
Musicoterapia, qualidade de vida e idosos: uma revisão integrativa	114
Método Bonny de Imagens Guiadas e Música no Brasil: recorte em periódicos.....	121
O Tempo Emocional e o Tempo Cronológico nos Encontros de Musicoterapia com Idosas Institucionalizadas	125
★ Saúde com Arte: laboratório acadêmico de sonoridades sociais	129
Texto de Encerramento	133

EVENTO

Programação:

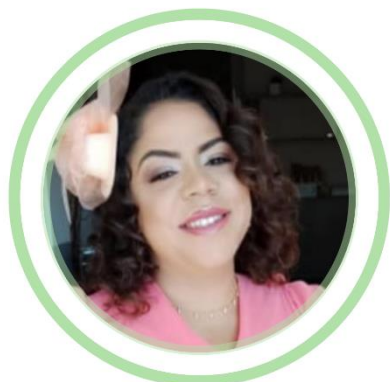
07/dez.	Abertura (18:30h)	Mt. Me.Emily Hanna (Presidente APEMEMG)	Clique aqui para assistir
		Profa. Dra. Cybelle Loureiro	
		Mt. Éber Marques (Presidente UBAM)	
	Mesa Redonda - A regulamentação da Musicoterapia no Brasil (19h-21h)	Mt. Meiry Geraldo	
Mt. Maria Angela Rodrigues			
Mt. Dra. Mariane Oselame			
Mt. Éber Marques			
08/dez.	Sala A: Pesquisa em Musicoterapia Hospitalar	Mt. Dra. Elvira Alves	Clique aqui para assistir
		Mt. Dra. Ambra Palazzi	
	Sala B: Musicoterapia familiar	Mt. Dra. Fernanda Valentim	Clique aqui para assistir
		Mt. Simone Pressotti	
09/dez.	Sala A: Mesa redonda- Pesquisadores brasileiros fora do Brasil (19h-21h)	Mt. Letícia Dionizio	Clique aqui para assistir
		Mt. Me. Edinaldo Santos	
		Mt. Dr. Gustavo Gattino	
	Sala B: Mesa redonda - Pesquisas nas universidades	Mt. Dr. Renato Sampaio	Clique aqui para assistir
		Mt. Dra. Cláudia Zanini	
		Mt. Dra. Noemy Ansay	
		Mt. Dra. Nathalya Avelino	
	10/dez.	Sala A: Musicoterapia Organizacional	Mt. Rogério Jales
Mt. Alexandre Ariza			
Sala B: Mesa redonda - Musicoterapia e TICS		Mt. Kelly Dantas	
		Mt. Melissa Lima	
		Mt. Dra. Marina Freire	

11/dez.	Mesa redonda- trabalhos vencedores no XX ENPEMT ★	Mt. Simone Pressotti	Clique aqui para assistir
		Mt. Me. Ivan Moriá	
		Mt. Dra. Raquel Siqueira	
		Mt. Beatriz Gontijo	
	Encerramento	Mt. Me. Alexandra Monticeli	

★ Os cinco trabalhos desta mesa redonda foram selecionados por terem os maiores números de curtidas e comentários dentre os vídeos de apresentação dos trabalhos submetidos ao evento postados no canal do ENPEMT no youtube.

Abertura: 07/12

Palestrantes



Mt. Me. Emily Hanna Pinheiro Ferreira (APEMEMG)

Durante os anos que cantou em corais participou de encontros de corais, cantou na Sala São Paulo em 2001 no Encontro Internacional de Corais. Participou do Coral Infante Juvenil do Palácio das Artes durante nove anos, onde participou de vários encontros. Participou das Operas Tosca e Lá Boheme, participou da gravação do CD " O palhaço cantador", participou das apresentações do CD " Villa Lobos e os brinquedos de rodas", participou da gravação do CD " Meninas Cantoras de Santa Luzia", participou da apresentação " Bandeira do Povir e sementes". Graduada em Música com Habilitação em Musicoterapia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2016). Mestre em Música (linha de pesquisa Sonologia) pela Universidade Federal de Minas Gerais (2018- cursando). Tem experiência na área de reabilitação motora, cognitiva e física, experiência com idosos, crianças com deficiência intelectual, crianças com atraso do desenvolvimento, experiência na área de Unidade de Cuidados Progressivos. Atua no Ministério Universidades renovadas (MUR) desde 2013/2, onde desenvolve atividades religiosas no meio acadêmico.



Mt. Éber Marques Júnior (UBAM)

Presidente da UBAM (2019-2020). Presidente da AGMT (2016-2017). Docente no curso de Musicoterapia- CENSUPEG. Especialista em Saúde Mental e Neuropsicologia pela UNIVERSO-GO. Graduado em musicoterapia pela UFG, bacharel em psicologia pela UNIVERSO-GO.



Dra. Profa. Cybelle Loureiro (UFMG)

Doutorado em Medicina área de conhecimento Ciências Aplicadas à Cirurgia e Oftalmologia - Faculdade de Medicina-UFMG (2009); Mestrado em Música área de conhecimento Educação Musical - Escola de Música - UFMG (2005); Bacharelado em Musicoterapia - University of Iowa (1991); Bacharelado em Música Instrumento Piano - Conservatório Musical Carlos Gomes (1975); Representante da América Latina na Federação Mundial de Musicoterapia-WFMT (2009-2014); Membro da Comissão em Formação e Clínica na WFMT (2014);

Professora de Musicoterapia na Universidade Federal de Minas Gerais (2009), Coordenadora do Bacharelado em Musicoterapia (2009); Professora Permanente no PPG em Neurociências - ICB-UFMG linha de pesquisa: neurociências, música e artes (2011); Professora Permanente do PPG em Música - EM-UFMG (2011) área Sonologia.

1º Dia - 07/12

Mesa Redonda - A regulamentação da Musicoterapia no Brasil

Participantes:



Mt. Meiry Geraldo

Musicoterapeuta com especialização em Psicodrama Aplicado e mãe de uma criança com autismo fundou a GALERIA AUT em 2014 criando um espaço virtual de informação e de compartilhamento da Arte das pessoas com autismo. Atualmente faz atendimento clínico a crianças com TEA além de participar de vários projetos culturais e comunitários.



Mt. Maria Angela Aparecida Rodrigues

Musicoterapeuta e Harpista; Bacharel em Musicoterapia – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Pós-graduanda no curso de Métodos e Técnicas Receptivas na Musicoterapia Clínica e Hospitalar (lato sensu) (CESUNPEG). Pós-graduanda em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo. Apraxia de Fala na Infância Introdutório (ABRAPRAXIA- Dra. Elisabete Giusti -Fonoaudióloga Infantil). Aprimoramento em Apraxia exclusivo para Musicoterapeutas (ABRAPRAXIA– Mt. Denise Suzuki). Atuante nas áreas de Estimulação Pré-Natal Musical, Bebês com Necessidades Especiais, Autismo e Neuroreabilitação.

Mt. Dra. Mariane do Nascimento Oselame

Musicoterapeuta. Atual Presidente do Comitê Latino Americano de Musicoterapia. Doutoranda em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública- Fiocruz, Mestre em Psicossociologia



de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Especialista em Saúde Comunitária pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Presidente da União Brasileira de Associações de Musicoterapia- UBAM (Gestão 2015/18). Docente do grupo Censupreg para cursos de pós-graduação. Atualmente atua no Departamento Geral de Ações Sócio Educativas (Degase). Atuação na área de Saúde Mental e Atenção Psicossocial, bem como Desenvolvimento Social. Experiência e participação no desenvolvimento e execução de atividades multidisciplinares de área social. Atuou em treinamentos e capacitação de gestores de RH na área de inclusão social.

Resumos:

Musicoterapia e autismo

Mt. Meiry Geraldo

A palestra aborda o autismo, a música e a musicoterapia na prática do tratamento das pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Há uma contextualização sobre a escolha de trabalhar com esses pacientes dentro da trajetória de vida da palestrante, já que além de musicoterapeuta é mãe de uma pessoa com autismo. A apresentação mostra os benefícios da musicoterapia para autistas, como também alguns recursos do uso de imagem associada à música; além do atendimento por TIC's e a importância da UBAM em estabelecer essas diretrizes. Ressalta ainda, o quanto a música fortalece essa população nas interações sociais, tanto na musicoterapia de grupos como também através de ações musicais, como o por exemplo o Concurso Musical: A Música e a Voz do Autismo e o FlashMob Inclusivo, promovido pela Galeria Aut em parceria com a Musicoterapia BH. Ao final ressalta a importância da nossa profissão ter a regulamentação, pois o "fazer música dentro da sessão de musicoterapia" é próprio do musicoterapeuta e trabalhar com pessoas com autismo requer: conhecimento, formação, persistência, dedicação e afeto pois nossos pacientes merecem atendimentos de qualidade.

Atendimentos em convênio MT.

Mt. Maria Angela Aparecida Rodrigues

Atendimentos de musicoterapia em convênios custeados pelos planos de saúde vem sendo um desafio e um caminho muito extenso, com um percentual muito restrito de profissionais, pais e gestores da saúde sobre as comprovações científicas, as avaliações validadas que podem mensurar os benefícios da musicoterapia e suas diversas áreas de atuação ainda são muito questionadas e distorcidas com performance e educação musicalização ou ensino musical. Em anamneses aplicadas em 180 famílias foi possível identificar que 87% não conhecem a musicoterapia e 13% conhecem e já tiveram contato com um musicoterapeuta. Dos profissionais que indicam a musicoterapia a maioria são fonoaudiólogos, seguidos de

terapeutas ocupacionais e neurologistas respectivamente. As dificuldades que os convênios exigem são ausência de conselho da profissão, valor do profissional e quantidade de atendimentos mensais, e o principal é instrumentos de avaliação que sejam conhecidos, acessíveis e reconhecidos. Das experiências vivenciadas é explícito que em algum momento os convênios, clínicas e planos de saúde irão aumentar a procura por profissionais da musicoterapia, mas fica a questão se estes profissionais estarão dispostos e aptos a prestar este serviço que exige inúmeras comprovações principalmente quantificáveis.

2º Dia - 08/12

Sala A: Pesquisa em Musicoterapia Hospitalar

Palestrantes:



Mt. Me. Elvira Alves dos Santos

Musicoterapeuta (UFG); Especialista em Cuidados Paliativos (PUC-MINAS); Pós Graduanda em Musicoterapia em UTI (Sociedade Argentina de Terapia Intensiva - SATI); Mestre em Música (UFG); Doutoranda em Ciências da Saúde (FM-UFG). Musicoterapeuta do Centro Estadual de Reabilitação e Readaptação Dr Henrique Santillo. Musicoterapeuta pesquisadora e membro voluntário da equipe de Cuidados Paliativos do HC - UFG. Atuando nas áreas de Reabilitação e Hospitalar, com ênfase em UTI e Cuidados Paliativos.



Mt. Dra. Ambra Palazzi

Formada em Canto Lírico pelo Conservatório de Música Pergolesi (Fermo, Itália); Especialista em Musicoterapia pelo Curso de Musicoterapia de Assis (Itália); Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Especialista em Neuropsicologia (UFRGS). Atua como musicoterapeuta e pesquisadora na área neonatal, materno-infantil e pediátrica. É professora em cursos de Especialização em Musicoterapia no Brasil e na Itália.

Resumos:

Caminhos da prática e da pesquisa em Musicoterapia Hospitalar

Mt. Me. Elvira Alves dos Santos

A música tem sido utilizada no contexto hospitalar ao longo dos anos, no intuito de promover bem-estar, melhorar a qualidade de vida dos pacientes internados e seus familiares, e ainda como forma de humanização do ambiente hospitalar, sobretudo desde o início da pandemia da COVID-19, onde temos vistos inúmeras divulgações de profissionais utilizando a música nesse ambiente. No entanto, é importante ressaltar a diferença entre a utilização da música por diversos profissionais de saúde, onde a música é utilizada de forma secundária ao tratamento, muitas vezes apenas no intuito de humanizar o serviço proporcionando bem estar ao paciente,

e a utilização da música por um Musicoterapeuta, onde a música vai além da humanização em saúde, sendo imprescindível na relação terapêutica e consequentemente no tratamento do paciente. Atualmente, existem evidências dos efeitos da música na diminuição do estresse, depressão e ansiedade (JIAN AN TAN, 2019); parâmetros hemodinâmicos como: frequência cardiorrespiratória e pressão arterial (GOKÇEK, E., & KAYDU et al, 2019; KARTIK SYAL et al, 2017; ZANINI, 2009), no controle da dor (CHAI et al, 2017), entre outros sintomas; na sedoanalgesia (PASQUALE & HONG, 2016), na expressão de sentimentos diante o adoecimento e a hospitalização (GATINO; SILVA; MOURA, 2016), etc. Dessa forma, nossa apresentação teve como objetivo relatar a prática do Musicoterapeuta no contexto hospitalar, apresentando sua utilização e possíveis benefícios à pacientes clínicos e cirúrgicos; pacientes em reabilitação intensiva pós AVE (Acidente Vascular Encefálico), TCE (Traumatismo Crânio Encefálico), LM (Lesão Medular); pacientes em Unidade de Terapia Intensiva; pacientes em Cuidados Paliativos, etc; e ainda no cuidado ao cuidador formal e informal. Ressaltamos a importância do musicoterapeuta capacitado para atuação em contexto hospitalar, uma vez que ao promover diversas alterações fisiológicas, mobilização de conteúdos emocionais, a música também pode ter efeitos iatrogênicos, podendo trazer prejuízos ao tratamento do indivíduo hospitalizado.

Pesquisa em Musicoterapia na UTI Neonatal

Mt. Dra. Ambra Palazzi

Nas últimas décadas a musicoterapia se destacou como uma disciplina emergente na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTINEo), mostrando fortes impactos para a autorregulação e o neurodesenvolvimento dos bebês pré-termo internados, para a saúde mental materna e a relação mãe-bebê. A Intervenção Musicoterápica para Mãe Bebê Pré-termo (IMUSP) é uma intervenção de musicoterapia que visa sensibilizar e facilitar o canto materno para o bebê prematuro. Está organizada em 6 sessões com a díade mãe-bebê na UTI Neo, envolvendo o canto de músicas familiares, o canto dirigido ao bebê e a composição de uma música para o bebê. A IMUSP foi implementada num hospital público de Porto Alegre (RS) com 33 díades mãe-bebê pré-termo. Os resultados de três estudos que investigaram os efeitos da IMUSP, mostraram que a intervenção reduziu a ansiedade, o estresse e a depressão pós-parto das mães, favoreceu a estabilização e a ativação emocional dos bebês, promoveu o engajamento do bebê e o canto materno durante a interação. A IMUSP destacou-se como uma intervenção individualizada, centrada na família, adequada à cultura brasileira e em linha com os princípios do SUS, tendo um potencial de impacto na relação mãe-bebê pré-termo no longo prazo.

2º Dia - 08/12**Sala B: Musicoterapia familiar****Palestrantes:****Mt. Dra. Fernanda Valentim**

Fernanda Valentim é Musicoterapeuta. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). Mestre em Música e Bacharel em Musicoterapia (UFG). Especialista em Terapia de Casais e Famílias (IEP/PUC-GO). Coordenadora e Professora do Curso de Graduação em Musicoterapia da Escola da Música e Artes Cênicas (UFG).

**Mt. Simone Presotti**

Graduada em Psicologia (PUC-MG). Especialista em Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem de 0 a 6 anos (FAMIH-BH) e bacharela em Música com Habilitação em Musicoterapia (UFMG). Área de atuação clínica em neuroreabilitação de crianças, adolescentes, adultos e idosos. Fellowship NMT (Neurologic Music Therapy) no programa de certificação internacional Robert F. Unkefer (Colorado, EUA). Atua como professora convidada em vários cursos de pós-graduação interdisciplinar e está no corpo docente da pós-graduação em Musicoterapia da Faculdade Censupeg (pólos Betim e Pouso Alegre). Afiliada à WFMT (World Federation of Music Therapy), à APEMEMG (Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia de Minas Gerais) e compõe o capítulo mineiro da Comissão Científica da ABENEPI (Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil e Profissões Afins). Publica e apresenta trabalhos em eventos nacionais e internacionais. Atua na formação EAD como autora de cursos sobre "Brincadeiras Educativas e Capacitação de Brincantes", como expert das plataformas Eduk e 21 Conecta. Autora do blog Musicoterapia Bh e do programa de estimulação infantil "Música para Crescer".

Resumos:

Intervenção Centrada na Família (ICF): relato de experiência

Mt. Simone Presotti

A Musicoterapia é realizada a partir de utilizações variadas do som, da música e de cada um de dos elementos que a constituem. O trabalho terapêutico, que utiliza recursos sonoros para alcançar as demandas do paciente, desde que realizado por um musicoterapeuta qualificado, com bases sustentadas e justificadas a partir da ciência sistematizada e reconhecida, dentro das normas éticas da profissão, é musicoterapia. Assim, podemos dizer que a musicoterapia tem muitas possibilidades. Sendo a música e seus elementos o recurso primordial do fazer terapêutico, a musicoterapia apresenta uma interface de expressão artística. Nas sessões de musicoterapia, a expressão sonora, produzida a partir do encontro paciente e terapeuta, se faz ouvir. Mesmo que seja um som, um ruído, uma melodia ou uma harmonia, poderá dar voz a sentimentos, ampliar o movimento e articular o pensamento em ideias. Deslocando paciente e terapeuta em uma relação dinâmica, promove ganhos e o desenvolvimento de competências. O setting musicoterapêutico é composto por instrumentos apropriados e adaptados para o manuseio das crianças de acordo com necessidades específicas. As intervenções acontecem a partir de experiências musicoterapêuticas que abrangem a audição, a improvisação, a recriação e a composição. Segundo relato dos pais, a musicoterapia na Intervenção Precoce apresentou resultados relevantes, potencializando ganhos na interação, imitação e cognição. Um balbúcio, se transforma em célula melódica, que se organiza em uma estrutura rítmica e ganha significado no contexto relacional. Mesmo um paciente não verbal encontra um espaço comunicativo nesta interação, tornando a sessão de musicoterapia um território de reconhecimento que o torna sujeito, constituindo o Eu. A presença de intercorrências na infância relacionadas ao atraso no desenvolvimento neuropsíquico e motor podem ter como causa fatores genéticos, biológicos ou ambientais (MIRANDA; RESEGUE; FIGUIEIRAS, 2003). Independente do diagnóstico apresentado pela criança, a musicoterapia irá trazer benefícios e os estudos das neurociências comprovam a relevância da sua presença na intervenção precoce e atenção multidisciplinar. Na atualidade se considera crescente o número de patologias na infância, trazendo para as famílias que vivem esta realidade uma série de vulnerabilidades. Vamos considerar como vulnerabilidade ao conjunto de fatores que podem aumentar ou diminuir os riscos a que estamos dispostos em todas as situações da vida (TIBÚRCIO, 2009). Frente a informações generalistas, os pacientes e suas famílias podem se tornar alarmados e desolados diante de prognósticos que nem sempre se aplicam ao quadro em questão, ampliando a vulnerabilidade familiar frente a realidade a ser enfrentada. Na musicoterapia focamos nossa prática nos aspectos saudáveis e nos potenciais de expressão do paciente, considerando sempre seu quadro geral e suas especificidades. Nossos objetivos terapêuticos visam potencializar suas habilidades e possibilidades, a fim de que ele alcance sua melhor performance enquanto sujeito nos aspectos motor, cognitivo e interpessoal. A música, de forma natural e intuitiva, é usada na interação com a criança a fim de motivar, organizar e até mesmo amortizar frustrações. Sabe-se que a música é processada de forma difusa e complexa no cérebro, ativando vários circuitos neuronais e recrutando habilidades multimodais (MUSZKAT, 2012). A experiência sonora integra percepções múltiplas em uma experiência única, emocional, que direciona nossos sentidos, nosso corpo, nossa cognição. Portanto, as atividades sonoras envolvem percepções visuais, auditivas, táteis, motoras e cognitivas, constituindo um recurso que estimula o desenvolvimento global da criança. Neste trabalho, trazemos a experiência realizada desde 2015 no atendimento a grupos com crianças de seis meses a quatro anos e seus cuidadores. O

projeto recebeu o nome de Música para Crescer e tem como base para as conduções junto às famílias a ICF - Intervenção Centrada na Família. Esta forma de conduzir o processo terapêutico não é considerada como uma técnica de tratamento, mas sim como um conjunto de estratégias/métodos de prestação de serviço. A Intervenção Centrada na Família está baseada em valores, crenças e atitudes que visam reconhecer e dar suporte, sempre considerando a expertise da família. Trata-se mais de uma forma de conduzir a intervenção terapêutica, priorizando o saber familiar durante todo o processo. Dentro desta condução cada uma das demandas do paciente e de sua família são importantes e definem as metas terapêuticas. Devemos ressaltar que neste período de distanciamento social provocado pela Pandemia do COVID- 19, a Intervenção Centrada na Família mais que uma opção, se tornou uma necessidade. O retorno positivo das famílias demonstrou a importância da presença da musicoterapia como suporte emocional. A musicoterapia potencializou o uso da música e dos recursos sonoros, levando informação e orientando tanto as famílias como os demais profissionais da saúde e educação.

3º Dia-09/12**Sala A: Mesa redonda- Pesquisadores brasileiros fora do Brasil****Participantes:****Mt. Letícia Lima Dionizio Borges**

Musicoterapeuta, APMT – 199. Colaboradora no projeto MusicoterapiAçores, mestranda em Musicoterapia pelo Instituto Música e Processo em Vitória-Gasteiz (Espanha), Bacharel em Música com habilitação em Musicoterapia pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. É também Técnica em Eventos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP. Possui também formação no modelo DIR 101: introdução ao DIRFloortime. Pesquisadora na área de Musicoterapia e Espiritualidade. Atua como Musicoterapeuta em Portugal desde 2018 na área de gerontologia/demência na Associação Alzheimer Açores e atendimento clínico privado com crianças com transtorno do neurodesenvolvimento, doenças raras, atrasos globais do desenvolvimento.

**Mt. Me Ednaldo Santos**

Doutorando em psicologia, musicoterapeuta, músico multi-instrumental e professor de música especializado em educação especial. Na área de musicoterapia, atua no âmbito clínico e organizacional com diversas patologias, utilizando os instrumentos de percussão como estimuladores do desenvolvimento neurológico, cognitivo e emocional. Como músico estudou percussão na universidade, violão clássico e saxofone no conservatório. Tocou em diferentes orquestras, corais, bandas, big bands no Brasil e na Europa. Além de ministrar treinamentos presenciais e online em universidades e empresas, se dedica à pesquisa científica sobre o uso da musicoterapia como forma preventiva de doenças mentais e suicídio.



Mt. Dr. Gustavo Gattino

Professor associado na Universidade de Aalborg (Dinamarca) nos cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em Musicoterapia. Membro do grupo internacional de avaliação em musicoterapia (IMTAC). Editor da Revista Portuguesa de Musicoterapia, Revista Brasileira de Musicoterapia e da Revista de Musicoterapia da Rede Latino-Americana para a Primeira Infância. É bacharel Musicoterapia pelas Faculdades EST (2007), mestre (2009) e doutor (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou doutorado sanduíche no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) na Universidade do Porto (UP), Porto, Portugal. Tem experiência no cuidado de pessoas com deficiência intelectual, autismo e deficiências múltiplas em musicoterapia.

Resumos:

Pesquisadora brasileira em Portugal

Leticia Dionizio

A palestra fez parte de uma mesa redonda juntamente com outros Musicoterapeutas colegas de profissão que compartilham algo em comum, além do amor pela profissão o fato de “Serem Musicoterapeutas Brasileiros em outro país - na Europa”. Nesta palestra em questão foi apresentado a trajetória para atuar como Musicoterapeuta em Portugal, mais precisamente na Ilha de São Miguel nos Açores. Um momento para compartilhar os desafios e as oportunidades que surgem quando está fora do seu país de origem tanto no nível pessoal, acadêmico (pesquisa) e a nível profissional.

Pesquisador brasileiro na Espanha

Ednaldo Santos

Realizar os estudos de mestrado/doutorado fora do Brasil tem suas vantagens e desvantagens. Entre os primeiros desafios estão decidir o país, encontrar uma universidade, se preparar para os testes de idiomas, os procedimentos burocráticos para solicitar o visto, buscar residência, escolher seguro de saúde e passagem aérea. No país de destino, temos que adaptar a cultura, alimentação, mudanças climáticas, ausência dos eventos familiares e outros que requerem muita resiliência. No entanto, temos vários aspectos positivos, como o acesso a equipamentos, livros e diversos outros materiais que devido ao valor é inacessível no Brasil. Conhecer e desenvolver pesquisas com pessoas de diferentes países contribui significativamente, tanto no desenvolvimento dos estudos como pessoalmente. Estudar na Europa, possibilita participar de vários congressos científicos em diferentes países, com um custo de viagem menor que viajar

entre os estados brasileiros. Os impostos para instrumentos musicais profissionais costumam ser menores que no Brasil. Porém cabe ressaltar que a qualidade dos cursos de mestrado/doutorado das universidades brasileiras como a UFMG tem um alto nível de excelência, igual e até mesmo superior a muitas universidades estrangeiras, por isso recomendo analisar e comparar antes de decidir estudar fora do Brasil.

Compartilhando experiências de pesquisa em musicoterapia na Universidade de Aalborg

Gustavo Schulz Gattino

Esta palestra tem o objetivo de compartilhar pesquisas desenvolvidas a partir do grupo de pesquisa de musicoterapia da Universidade de Aalborg (AAU). A Universidade de Aalborg oferece os cursos de bacharelado (em dinamarquês), mestrado (em dinamarquês) e doutorado em musicoterapia (em inglês). A Universidade de Aalborg está entre as cinco universidades com mais publicações de musicoterapia do mundo. Nesse momento, o grupo de pesquisa está focado nos temas de musicoterapia e demência, musicoterapia e saúde mental, musicoterapia e famílias, musicoterapia e autismo, e musicoterapia e avaliação. Dentre algumas reflexões importantes sobre essa palestra, destaco que ter feito a minha formação de pesquisador no Brasil foi essencial para poder desenvolver o meu trabalho como pesquisador fora do país. Destaco também que a grande diferença entre ser pesquisador fora do Brasil é a maior disponibilidade de tempo para pesquisar. Concluindo, é preciso que cada vez mais os musicoterapeutas brasileiros (dentro e fora do país) façam parte de diferentes redes de pesquisa ao redor do mundo para aumentar as colaborações entre pesquisadores.

3º Dia-09/12

Sala B: Mesa redonda - Pesquisas nas universidades

Participantes:



Mt. Dr. Renato Tocantins Sampaio

Possui graduação em Musicoterapia (1996) e em Educação Artística - Licenciatura Plena em Música (1997), mestrado em Comunicação e Semiótica (2001) e doutorado em Neurociências (2015). É Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais, onde leciona na Graduação em Música/Musicoterapia, na Especialização em Neurociências, na Especialização em Transtorno do Espectro do Autismo, no Programa de Pós-graduação em Música e no Programa de Pós-graduação em Neurociências. Tem experiência na área de Musicoterapia, Neurociências e Arte-Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Prática Clínica em Musicoterapia, Avaliação Musicoterapêutica, Transtornos do Desenvolvimento, Educação Musical e Educação Inclusiva. Líder do Grupo de Pesquisa (cadastrado no CNPq) "Centro de Estudos em Musicoterapia" na UFMG. Apresentou trabalhos em eventos científicos e publicou artigos e capítulos de livro no Brasil e no Exterior.



Mt. Dra. Cláudia Zanini

Musicoterapeuta. Doutora em Ciências da Saúde, Mestre em Música, Especialista em Musicoterapia em Educação Especial e em Saúde Mental pela UFG - Universidade Federal de Goiás. Realizou Pós-Doutorado no Programa de Musicoterapia da Temple University (Filadélfia-EUA). Especialista em Gerontologia titulada pela SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia). Bacharel em Piano pela UFG. Docente e Pesquisadora do Curso de Musicoterapia da UFG desde 1999, primeiro ano da graduação. Atualmente é vice coordenadora, tendo sido coordenadora por duas vezes. Coordenou o NEPEV-UFG - Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Envelhecimento (junho/2015 a agosto/2020). Secretária adjunta da Diretoria da SBGG-GO, da qual foi presidente da Gerontologia de 2014 a 2018. Atualmente é membro da Comissão de Educação e Certificação da WFMT - World Federation of Music Therapy (2020-23). Membro do Conselho de Ética da UBAM - União Brasileira das Associações de Musicoterapia. Membro da Comissão Científica da AGMT - Associação Goiana de Musicoterapia.



Mt. Noemi Ansay

Formada em Musicoterapia pela Universidade Estadual do Paraná (1992), pós-graduação em Psicopedagogia pela Universidade Tuiuti (2002), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2009) e Doutorado em Educação pela UFPR (2016) no Programa de Pós-graduação em Educação na linha de pesquisa de Políticas Educacionais. Diretora da Faculdade de Artes do Paraná, Campus II - Portaria 962/2020 Professora do Bacharelado em Musicoterapia da Unespar desde 2008. Faz parte do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia - NEPIM-CNPq. Professora do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI). Faz parte da Comissão Editorial da Revista Incantare. Membro da Comissão Universidade para índios - CUIA - Campus Curitiba II. Portaria 09/2020 DG. Mediadora do Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI). CPMT 078/94-PR.



Mt. Nathalya Avelino

Musicoterapeuta, Doutora em Engenharia Biomédica (UAM) e Mestre em Bioengenharia (UNICASTELO) com linha de pesquisa em Musicoterapia Biomédica. Possui especialização em Metodologia da Docência no Ensino Superior, e em Musicoterapia, pelo Conservatório de Música - Centro Universitário (RJ). CEO do Centro Biomédico da Música. Atua como coordenadora nacional do curso de especialização em Musicoterapia - lato sensu - da Faculdade CENSUPEG. É membro da Comissão de Formação do Comitê Latino Americano de Musicoterapia (CLAM), da Comissão de Políticas de Organização Profissional (UBAM) e da Comissão de Formação e Científica da APEMESP. Foi diretora da Associação Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM - Gestão 2015 - 2018). É licenciada em Música pela Universidade do Estado do Pará (2008). Atuou como coordenadora dos Trabalhos de Conclusão de Curso, Coordenadora Adjunta e Docente do Curso de Licenciatura Plena em Música da UEPA - Campus XII - Santarém. Palestrante TEDx.

Resumos:

Pesquisas em Universidades - um breve relato sobre a atuação na Universidade Federal de Goiás

Cláudia Regina de Oliveira Zanini

Para avançar como área de conhecimento, a Musicoterapia tem passado, ao longo das últimas décadas, pelo tripé prática-pesquisa-teoria, que se inter-relaciona como um espiral em um *continuum*. A partir de uma reflexão inicial sobre o momento atual da pesquisa e do ensino em Musicoterapia no mundo, o objetivo dessa conferência é apresentar a Universidade Federal de Goiás como uma instituição formadora de musicoterapeutas pesquisadores, tendo o relato de experiência da palestrante para evidenciar as conexões entre pesquisa, ensino e extensão nesse contexto. Segundo Bradt (2020), as restrições impostas pela pandemia resultaram em problemas como atrasos significativos em projetos de pesquisa e exigiram que equipes de pesquisadores em Musicoterapia revisassem seus projetos e até reformulassem suas questões de pesquisa inicialmente pensadas. Nesse ínterim, foi criado o *Global Music Therapy Educators Network* (McCaffrey et al, 2020), com a participação de educadores e pesquisadores musicoterapeutas de vários países. No Brasil, cada instituição de ensino superior passou por adaptações e, nas universidades públicas federais, houve a implantação de ensino remoto emergencial, sendo necessárias readequações para o funcionamento das atividades de pesquisa e extensão coordenadas pelos docentes. Buscando elucidar e exemplificar o caminho de um(a) docente pesquisador(a), ressalta-se que a pesquisa se dá em orientações de Iniciação Científica, projetos relacionados à Trabalhos de Conclusão de Curso, orientações ou co-orientações de especialização, mestrado, doutorado, além de outros projetos/pesquisas que podem envolver parcerias com outros pesquisadores e/ou outras instituições. Como parte do relato de experiência da autora/palestrante são abordadas as seguintes ações: projeto de pesquisa “A Movimentação de Grupos em Musicoterapia - vivenciando musicalmente papéis grupais”; projeto de pesquisa e extensão “O Efeito da Intervenção Musicoterápica no tratamento da Hipertensão Arterial”; e, projeto de pesquisa “Pesquisas de musicoterapeutas brasileiros em Pós-Graduação Stricto Sensu”. Finalmente, reflete-se sobre os desafios e as imprevisibilidades na trajetória do ser pesquisador em Musicoterapia na universidade, papel para o qual é preciso preparação e educação contínua, visando o desenvolvimento de cada vez mais evidências científicas para a Musicoterapia em suas diversas áreas de aplicação.

Pesquisas em Musicoterapia

Noemi Ansay

A produção científica no mundo e no Brasil cresce de forma vertiginosa, sendo que em nosso país ela cresceu 30%, entre os anos de 2014 a 2019, este número representa o dobro da média mundial (CLARIVATE ANALYTICS, 2019). Quanto às pesquisas em Musicoterapia, estas também tiveram um crescimento expressivo, no caso das pesquisas desenvolvidas por meio dos docentes e discentes do Bacharelado em Musicoterapia do Campus de Curitiba II, Unespar, no Estado do Paraná, estas são realizadas por meio de projetos de iniciação científica (PIC), trabalhos de conclusão de curso, por meio do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia (NEPIM) e pesquisas realizadas por docentes. Outra importante forma de divulgar o conhecimento científico é a organização do periódico *Incantare*, que possui caráter interdisciplinar e dedica-se à publicação de artigos com contribuições para o campo da

Musicoterapia, da Música, da Educação, da Saúde e de áreas afins. Percebe-se que as (os) professoras(es)-musicoterapeutas-pesquisadoras(es) são desafiados constantemente no exercício da sua profissão, buscando registrar as articulações entre teoria e prática. “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. (FREIRE,1996, p.32).

Pesquisas nas Universidades Brasileiras

Nathalya Avelino

O grande desafio da pesquisa nas universidades, assim como em outras áreas, tem sido a falta de infraestrutura e laboratórios equipados para as investigações que podem trazer inovação para o setting clínico da musicoterapia. Na minha atuação em pesquisa, realizamos uma caracterização Eletromiográfica do Uso de Instrumentos Musicais na Reabilitação, onde foi comparado as ativações musculares a partir do uso do ganzá (instrumento musical adaptado com peso) e halter (equipamento utilizado na fisioterapia), respectivamente. O resultado mostrou que ambos ativam os mesmos músculos e alcançam amplitude de movimento adequada para reabilitação ortopédica de punho e braço. No período de pandemia, ampliamos os estudos relacionados às adaptações de instrumentos musicais na reabilitação respiratória pós-covid, buscando formas de avaliar o esforço pulmonar quando comparado aos aspectos grave e agudo da música. Os instrumentos avaliados e readaptados foram escaleta, gaiata, flauta doce (seguindo o modo de uso do respiron e do shaker). Além disso, foi feito o estudo acerca das características e efeitos da música na variabilidade da frequência cardíaca e nos níveis de lactato sanguíneo durante o exercício físico. Temos alunos em todo o Brasil participando de grupos de estudo, além de professores e pesquisadores, possibilitando intercâmbio com universidades de outros países.

4º Dia-10/12

Sala A: Musicoterapia Organizacional

Participantes:



Mt. Me. Paulo Rogério de Oliveira Jales

Mestre em Música pela UFBA – Universidade Federal da Bahia (2002), licenciado em Música pela UECE – Universidade Estadual do Ceará (1998) e Pós-graduado em Musicoterapia pela FACPED – Faculdade Padre Dourado (2016). Idealizador e palestrante do TOM – Transformando Organizações da Música, programa que utiliza a música como principal ferramenta para treinamento e desenvolvimento de competências, promoção de qualidade de vida e processos de recrutamento e seleção nas empresas. É também regente titular e orientador vocal dos corais: CERBRAS – Cerâmicas do Brasil, AFABEC – Associação dos Funcionários Aposentados do BEC, ACEA – Associação Cearense dos Economiários Aposentados, Associação Brahma Kumaris e UniFametro.



Mt. Me. Alexandre Ariza Gomes Castro

Mestre em Música pela Universidade Federal de Goiás. Musicoterapeuta com Bacharelado em Musicoterapia - UFG. Formação em Psicoterapia Corporal, CORE Energetics pelo CORE Energetics Institute - NY/UNIPAZ – DF. Atuação ampla nas áreas Hospitalar e de Reabilitação. Musicoterapeuta Organizacional com experiência em Treinamento e Desenvolvimento de Pessoas. Hoje é professor da disciplina de musicoterapia Hospitalar e Organizacional na CENSUPEG. Atua também como Consultor Líder em Gestão de Negócios Gastronômicos pela GASS Solutions.

Resumos:

TOM – Transformando Organizações através da Música: Desenvolvimento e contribuições

Rogério Jales

O TOM – Transformando Organizações através da Música é um programa de desenvolvimento de pessoas e equipes que utiliza a Música como principal instrumento. Hoje fundamentado na Musicoterapia Organizacional pode ser utilizado na promoção de qualidade de vida,

treinamento e desenvolvimento de competência, bem como no recrutamento e seleção de pessoas. Já foi realizado em mais de 60 empresas atingindo mais de 5 mil pessoas. O TOM vem sendo desenvolvido desde o início da minha atuação profissional que se deu principalmente no ambiente organizacional a partir do ano 2000, logo após a conclusão da minha graduação no curso de Licenciatura em Música pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e antes do Mestrado também em Música pela Universidade Federal da Bahia. Foi nesse ambiente que pude experimentar inúmeras atividades onde a música era utilizada como principal meio para alcançar objetivos organizacionais como: desenvolvimento de equipes, promoção de qualidade de vida, motivação dos colaboradores e etc. no ano de 2011 foi realizado o primeiro treinamento de forma profissional denominado “ Liderando com Maestria”, onde o objetivo era refletir sobre liderança a partir da figura do maestro e seu grupo musical. Desde então o TOM vem sendo desenvolvido principalmente a partir da demanda das empresas. A criação da identidade visual bem como a primeira formatação do programa TOM se deu em 2015. Até então o programa era fundamentado na Música de uma forma geral, entretanto a partir do momento que conclui a pós-graduação em Musicoterapia e conheci da Musicoterapia Organizacional essa vem sendo a base da sua fundamentação teórica. Desde o ano de 2017 tenho contribuído com a divulgação da Musicoterapia Organizacional através da participação em eventos de Musicoterapia como: Congresso em Fortaleza (2017), Simpósio em Teresina (2018), Fórum em Recife (2018), Congresso no Rio de Janeiro (2018), e XX ENPEMT (2020); de recursos humanos: Ceará RH 2017 e 2018 e também com a orientação de trabalhos acadêmicos: Raiana Moraes Araujo (2018), Eva Vilma de Menezes P Jales (2019) e Caricelma Aparecida Lima Albuquerque (2020).

Musicoterapia Organizacional - Prática, Pesquisa e Mercado

Alexandre Ariza

O trabalho teve como objetivo apresentar um panorama da prática, a pesquisa e mercado atuais da Musicoterapia Organizacional interligando esses aspectos. Na primeira parte – PRÁTICA - foi proposta uma nova definição da área organizacional como sendo "a aplicação da musicoterapia para promover a saúde organizacional – prevenção e tratamento – sob uma perspectiva sistêmico-ecológica". Partindo dessa definição o cliente é visto como o conjunto formado por pessoas e a organização. Assim, para atuar nas organizações o musicoterapeuta precisa ter competências específicas e assumir alguns cuidados especiais que vão garantir uma atuação diferenciada das demais áreas da musicoterapia. A segunda parte do trabalho abordou a PESQUISA trazendo uma síntese dos 33 trabalhos relacionados ao tema encontrados que envolvem principalmente temáticas relacionadas à saúde do trabalhador, processo seletivo e efeitos de técnicas e da música nos trabalhadores. A partir disso foram apontadas direções para novas pesquisas indicando um vasto horizonte a ser pesquisado. Por fim foram abordadas as necessidades do MERCADO e o potencial da musicoterapia para melhorar as relações humanas nas organizações. Como conclusão foram indicados caminhos de como esses três aspectos - Prática, Pesquisa e Mercado - devem estar alinhados para se apoiar no desenvolvimento da área organizacional da musicoterapia.

4º Dia-10/12

Sala B: Mesa Redonda - Musicoterapia e TICS

Palestrantes:



Mt. Kelly Dantas

Pós-graduanda em Dinâmica de Grupos e Gestão de Equipes pelo Centro de Ensino, Avaliação e Pesquisa de Goiás (CEAPG). Foi coordenadora de grupo voluntária no projeto de extensão TOCA Grupo Terapêutico Online (2020). Vice-presidente da gestão 2018-2020 da Associação Goiana de Musicoterapia (AGMT). Participou do curso de aperfeiçoamento profissional em Musicoterapia no Centro Estadual de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo - CRER (2018) desenvolvendo o trabalho científico? Musicoterapia e Comunicação não violenta: metodologias possíveis no desenvolvimento de competências profissionais? Graduada em Musicoterapia pela Universidade Federal de Goiás (2017). Foi estagiária em Musicoterapia na Associação de Combate ao Câncer em Goiás ACCG - Hospital Araújo Jorge (2017). Pesquisadora no estudo intitulado? Os desdobramentos da Musicoterapia na interação social de adolescentes autistas? Realizado na Associação de Serviço à Criança Especial de Goiânia (ASCEP) e Instituto Pestalozzi de Goiânia, (2017). Atualmente é musicoterapeuta no CAPS III Bem Me Quer, situado no município de Aparecida de Goiânia - GO.



Mt. Melissa Lima

Graduada em Licenciatura em Música pela Universidade Federal da Bahia - UFBA e Pós-graduada em Musicoterapia - FAC. Membro da Comissão de Apoio Institucional da Associação Baiana de Musicoterapia - ASBAMT. Fundadora e coordenadora da A Casa da Música - Espaço de Educação Musical e Musicoterapia. Tem experiência na área de musicoterapia com ênfase na clínica infantil, assistência especial ao TEA, Síndrome de Williams e Transtorno do Desenvolvimento. Experiência também em Terapia de Som, com ênfase em intervenções com mesa-lira. Na área de Educação Musical, atuação com ênfase em educação musical contemporânea e apoiada na antroposofia.

**Mt. Dra. Marina Freire**

Musicoterapeuta, Docente do curso de Musicoterapia (Bacharelado em Música - Habilitação em Musicoterapia) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e vice-diretora do Centro de Musicalização Integrado (órgão complementar da Escola de Música da UFMG). Doutora em Música (Linha de pesquisa Educação Musical) pela Universidade Federal de Minas Gerais (2019). Mestre em Neurociências (Linha de pesquisa Neuropsiquiatria clínica) pela mesma Universidade (2014). Bacharel em Musicoterapia pela Universidade de Ribeirão Preto (2007). Trainee na Abordagem Nordoff-Robbins de Musicoterapia pela Universidade de Nova York (2018-cursando). Possui experiências interdisciplinares nas áreas de Saúde, Humanas, Música e Artes, com ênfase em Musicoterapia Improvisacional Musicocentrada no atendimento ao ser humano por meio da sintonia com sua musicalidade.

Resumos:**Musicoterapia e TICS**

Kelly Dantas

A pandemia da Covid-19 repercutiu com impactos significativos em todas as esferas da sociedade, ocasionando mudanças na rotina e estilo de vida das pessoas em todo o mundo. Tem-se assim a exigência por parte das autoridades de medidas contra a disseminação do vírus, como o uso de máscaras de proteção e a prática do distanciamento social. Esse cenário também trouxe consigo a reorganização da vida social evidenciando o papel das TICs nas atividades de lazer, celebração de datas comemorativas, interação e trabalho. A tempo, a UBAM elaborou documentos para nortear os atendimentos musicoterapêuticos mediados por TICs. Logo, a inquietação desta autora foi sobre a viabilidade ou não de se transpor tudo o que havia conhecido e vivenciado da prática clínica musicoterapêutica para o ambiente virtual, ponderando todas as suas nuances. Após a experiência adquirida, foi possível perceber o potencial terapêutico da música no acolhimento, vínculo e suporte a mudança de estados emocionais dos atendidos. Ademais, o (a) musicoterapeuta necessita estar atento (a) às particularidades desse setting e de sua clientela, considerando a adaptação, o planejamento e a flexibilidade frente aos atendimentos por meio das TICs. O autocuidado do (a) musicoterapeuta torna-se pauta ainda mais relevante frente a situações de tragédias.

Desdobramentos dos atendimentos por TICS

Mt. Melissa Bernardo Lima

Em março de 2020, a pandemia do COVID-19 favorece o surgimento de um novo contexto musicoterápico clínico. A dialética: musicoterapeuta-paciente sofreria mudanças e, uma nova paisagem musicoterápica, considerando o setting e as qualidades de interação musical, de

conexão de rede e das tecnologias, se tornaria alvo de debates e pesquisas. Ainda em março, a UBAM publicou as Diretrizes Nacionais de Atendimentos Musicoterapêuticos Mediados por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), sugerindo um alinhamento de ações, norteadas pela continuidade dos atendimentos. Este estudo propõe uma discussão acerca da experiência clínica infantil, diante desta nova realidade, visando a continuidade dos atendimentos em caráter emergencial e provisório. Os planos de tratamento precisaram ser remodelados, resultando em alterações significativas em objetivos e estratégias terapêuticas, adequando-se a cada caso. Em crianças com TEA, foram constatados prejuízos em algumas habilidades adquiridas anteriormente, em atendimento presencial, entretanto, puderam ser avaliados ganhos, estrategicamente conquistados a partir de intervenções por TICs. Ressalta-se que, em casos específicos de pacientes que apresentam importante déficit na integração sensorial, com baixa ou nula sustentação em videochamadas, além de quadro severo de ansiedade, apenas o atendimento assíncrono manteve-se. A adesão das famílias foi relevante para a otimização deste modelo de atendimento e engajamento da criança. A retomada presencial mostrou-se necessária e crescente desde setembro de 2020, trazendo desafios decorrentes dos novos cuidados com biossegurança em sessão.

Musicoterapia e TICs

Marina Freire

A necessidade do distanciamento social, devido à Pandemia de COVID-19 instalada no mundo em 2020, trouxe muitos desafios e possibilidades para a Musicoterapia. No Brasil, com o apoio da União Brasileira das Associações de Musicoterapia, musicoterapeutas passaram a se aventurar nos atendimentos remotos, mediados por tecnologias de informação e comunicação. Na UFMG, alguns projetos de extensão conseguiram manter suas práticas musicoterapêuticas de maneira remota, como no Centro de Investigação em Esclerose Múltipla, em Residências Terapêuticas e no Centro de Musicalização Integrado (CMI). Em minha experiência no CMI, atendo e supervisiono pacientes entre 4 e 21 anos de idade, em sessões síncronas (ao vivo) e assíncronas (pré-gravadas), ambas com resultados gerais positivos. Os desafios logísticos e tecnológicos são muitos, entre eles, má qualidade de internet e delay sonoro. Por outro lado, ganhamos maior engajamento das famílias atendidas, devido à necessidade da mediação familiar nos atendimentos. A prática remota também possibilitou irmos além das sessões convencionais, focando mais nas orientações familiares, realizando plantões terapêuticos e trazendo perspectivas comunitárias em redes sociais. Um exemplo é o “Música Para Quem Cuida”, projeto musicoterapêutico de homenagem musical a profissionais da saúde e assistência social, a fim de incentivar autocuidado, propiciar alento, ânimo, conexão e encontro através da música. Assim, em meio a adversidades, encontramos maravilhosos potenciais da Musicoterapia, antes pouco explorados. Os movimentos em prol da continuidade da prática musicoterapêutica consolidam a busca por conexão humana, a qual é possível de se atingir por meio da experiência musical, mesmo que à distância.

ARTIGOS

★ A cognição social em Musicoterapia: perspectivas e atuação em uma instituição de saúde mental

Ivan Moriá Borges Rodrigues
Renato Tocantins Sampaio

Resumo: A musicoterapia (MT) no contexto de saúde mental promove um outro modo de tratamento à pessoa com transtorno mental, ampliando suas possibilidades de comunicação e interação social (PUCHIVAILO, 2014). Poucos estudos abordam a relação entre a experiência musical coativa em MT e a Cognição Social (CS), e não foram encontrados instrumentos de avaliação que abordem diretamente os componentes da CS. A partir da análise musicoterapêutica de uma vinheta clínica de um atendimento musicoterapêutico com uma pessoa com esquizofrenia, este trabalho busca estabelecer relações entre a MT e componentes da CS, a fim de possibilitar o desenvolvimento, no futuro, de instrumentos de avaliação musicoterapêuticos específicos para tal tema.

Palavras-chave: Musicoterapia. Saúde Mental. Esquizofrenia. Cognição Social. Leitura Musicoterápica.

Social cognition in Music Therapy: perspectives and performance in a mental health institution

Abstract: Music therapy (MT) in the context of mental health promotes another mode of treatment for people with mental disorders, expanding their possibilities of communication and social interaction (PUCHIVAILO, 2014). Few studies address the relationship between coercive musical experience in MT and Social Cognition (SC), and no assessment instruments have been found that directly address the components of SC. Based on the music therapy analysis of a clinical vignette of a music therapy service with a person with schizophrenia, this work seeks to establish relationships between TM and SC components, in order to enable the development, in the future, of specific music therapy evaluation instruments for this purpose.

Keywords: Music Therapy. Mental Health. Schizophrenia. Social Cognition. Musictherapy's Read.

Introdução

Muitos são os estudos que referenciam benefícios de comunicação e de interação social em Musicoterapia (MT) a pessoas com transtorno mental (GERETSEGGER et al, 2017), porém, na maior parte das vezes, tais estudos não se referem ao constructo de Cognição Social e/ou a seus componentes, abordando os aspectos de comunicação e interação social de modo generalizado. A Cognição Social (CS) pode ser entendida em cinco pilares: *Processamento e percepção de emoções; Teoria da mente; Empatia; Inteligência social e Estilo atribucional* (GREEN, 2008 apud VASCONCELLOS, 2014). O levantamento realizado por Zmitrowicz e Moura (2018) identificou 55 escalas de avaliação em MT, porém nenhuma delas avalia especificamente algum elemento da CS. Tal fato justifica a necessidade de estudos que

estabeleçam de forma mais aprofundada o que é vivenciado no processo musicoterapêutico à CS.

Este trabalho busca promover um outro olhar ao tratamento em saúde mental, uma vez que os prejuízos em CS aos pacientes com esquizofrenia são muito visíveis (VASCONCELLOS, 2014). Teve sua gênese a partir de reflexões sobre a MT no Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM), uma instituição pública de atenção psicossocial em Belo Horizonte que atende pessoas em sofrimento psíquico, principalmente aqueles diagnosticados com esquizofrenia ou outros transtornos psicóticos.

Método

Este trabalho busca estabelecer a relação entre a MT e a CS a partir da transcrição musicoterapêutica em partitura e análise de um trecho de improvisação realizada durante uma sessão de musicoterapia no CERSAM. Apoiaremos no método de análise de improvisação em MT proposto por Lee (2002), bem como em algumas sugestões presentes no livro de Wosch e Wigram (2007). Esta leitura estará relacionada com os pilares da CS e promove uma reflexão sobre o assunto para instigar futuros trabalhos relacionados ao desenvolvimento de protocolos e avaliação da CS em MT.

Este exemplo clínico será narrado em primeira pessoa (pelo primeiro autor deste artigo). Aqui exemplificamos apenas com os compassos 34 a 41. Por este ser um relato da experiência profissional do primeiro autor deste artigo, não se fez necessário a aprovação por comitê de ética, principalmente devido ao foco deste relato não recair sobre a condição ou sobre a evolução clínica do paciente.

Resultados e discussão

Cláudio (nome fictício) entrou na sala de MT e abruptamente iniciou um canto com muitas variações melódicas, interrompendo a sessão que já havia iniciado. Eu pego a viola caipira para acompanhá-lo e logo o ambiente sonoro foi instaurado, representado na figura

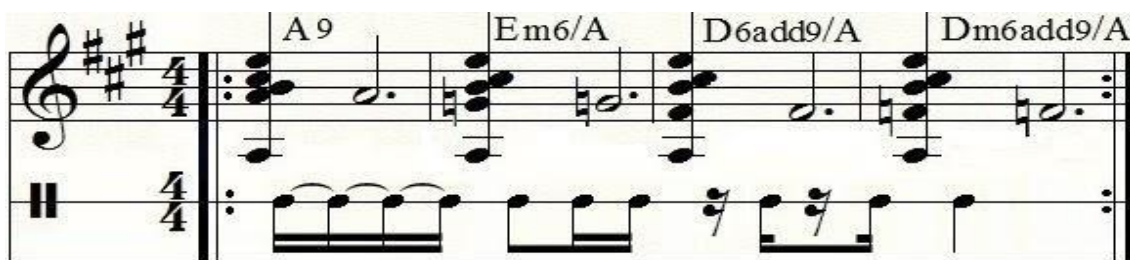


Figura 1. Estrutura harmônica (superior) e rítmica (inferior) da improvisação. (MORIÁ, 2020)

Nos acordes representados na linha superior é possível identificar uma estrutura onde todos possuem o mesmo grupo de notas, destacando a única nota alterada que os definem, representados em mínimas pontuadas: Lá, Sol bequadro, Fá# e Fá bequadro. A linha inferior ilustra o ritmo que executei estes acordes. Após a estabilização do equilíbrio rítmico e harmônico estabelecemos uma conversa musicada.

Para contemplar os elementos extramusicais relacionados à CS que surgiram nesta improvisação foi acrescentado novos elementos visuais à transcrição, como as figuras de uma pessoa que representam movimentos corporais e expressões faciais; figura de uma mão que demonstra a entrega da frase (melódica), ligada à figura de um olho, apontando contato visual para mudança de turno, identificados na figura 2.

No exemplo foi percebido que a estrutura cíclica dos acordes favoreceu um maior engajamento entre usuário e terapeuta, as trocas de turno promovidas também por comunicação visual muitas vezes se sustentaram na quadratura da música. Esta estrutura possibilitou uma variável interessante em relação às entradas em cada compasso, que se variam em tético (compassos 34, 36, 37, e 40), acéfalo (compassos 35, 39 e 41) e anacruse (compassos 38 e 41).

Estes elementos podem ser relacionados à CS, pois são situações musicais que exigem a atenção espacial e social, que se relacionam ao diálogo musical estabelecido entre os participantes. Algumas frases tiveram intenções melódicas, como é o melisma no início do compasso 41, que apoiada ao olhar de Cláudio solicita o início da minha frase (em vermelho), iniciada em anacruse após essa comunicação não verbal, representada nos símbolos presentes na figura 2.



34 Em6/A Usuário: eu es-ta-va no quar-to ma - go-a- do es-tress-sa- do

35 D6add9/A

36 Dm6add9/A mas a-chei u-ma *fff* for-ma de me des-es-tres-sar es-ta-va

37 A9

38 Em6/A tam- bém o - pri-mi - do

39 D6add9/A

40 Dm6add9/A aí en-con-trei o CER - SAM

41 A9

42 MT: Foi noCER-SAM

Figura 2. Trecho da improvisação destacando elementos extramusicais (MORIÁ, 2020)

Ao final do compasso 34 há um símbolo de acento (>), representando uma ênfase da nota executada. Neste momento Cláudio identifica seu estado emocional através de sua produção: enfatiza a nota dó, também executada pelo terapeuta (6ª de Em6/A) denotando uma boa percepção auditiva e compreensão de regras musicais, trazendo o conteúdo verbal “eu estava no quarto magoado”. Este momento pode ser relacionado ao pilar da CS “*Processamento e percepção de emoções*”. Durante esta frase foi percebido uma expressão forte e intensa ao cantar, também com bastante movimento corporal (representado com um dos elementos visuais já citados). Este momento pode ser entendido como catarse, que se caracteriza numa descarga emocional intensa (Puchivalio, 2014), incitada, neste caso, pela experiência musical.

Se relacionando ainda à percepção musical e à compreensão de regras musicais, é possível estabelecer uma relação destes fatores entre os pilares da CS denominados *Empatia* e *Inteligência social*, uma vez que respeitar as funções harmônicas ultrapassam comandos verbais. Cláudio canta a nota fá bequadro no compasso 40, que representa a única nota alterada do acorde Dm6add9/A, o que aponta para a conexão entre habilidades musicais e sociais.

Considerações finais

Por meio de uma leitura musicoterápica é possível identificar alguns elementos da CS, que apontam perspectivas interessantes para a intervenção musicoterapêutica em saúde mental. Para isso são necessários mais estudos que busquem modos sistematizados de análise e desenvolvimento de testes para melhor compreensão sobre esta relação e proporcionar uma intervenção mais consistente.

Referências

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

GERETSEGGER, M. et al. Music therapy for people with schizophrenia and schizophrenia-like disorders. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, 2017. DOI: 10.1002/14651858.CD004025.pub4.

LEE, C. A Method of Analyzing Improvisations in Music Therapy. **Journal of Music Therapy**, v. XXXVII, n.2, p.147-167, 2000.

MORIÁ, I. **Improvisação musicoterapêutica**. Transcrição de áudio, Finale. Belo Horizonte, 2020. Partitura manuscrita.

PUCHIVAILO, M.C. **Repercussões clínicas de uma experiência em grupo de Musicoterapia com pessoas em sofrimento psíquico grave: Um estudo**

fenomenológico. 391f. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

VASCONCELLOS, P.C. **A relação entre sintomas negativos e cognição social na esquizofrenia**, 82 f. Monografia de Especialização em Neurociências. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

WOSCH, T.; WIGRAM, T. (EDS.). **Microanalysis in music therapy: methods, techniques and applications for clinicians, researchers, educators and students.** London: Jessica Kingsley, 2007.

ZMITROWICZ, J.; MOURA, R. Instrumentos de avaliação em musicoterapia: uma Revisão. **Revista Brasileira de Musicoterapia** - Ano XX nº 24 ANO 2018. (p. 114-135), 2018.

★ A figura feminina e o cuidado: a profissão de musicoterapeuta sob a perspectiva de gênero

Beatriz Santos Gontijo
Ana Elisa Reis Amorim

Resumo: Ao longo da história a figura feminina se apresenta associada ao cuidado, inicialmente às atividades que ocorriam dentro dos lares estendendo-se aos ambientes profissionais e escolha de carreira no mundo contemporâneo. Como resposta a esse movimento algumas profissões passaram a destacar-se como “femininas”. Nota-se que isso se dá, especialmente, em carreiras relacionadas direta ou indiretamente ao cuidado. Apesar da inserção das mulheres em outros espaços profissionais, percebe-se que isso ainda é frequente. Por meio de uma breve revisão literária propomos refletir sobre como a figura feminina relacionada ao papel de cuidadora impacta a profissão de musicoterapeuta, sob a perspectiva de gênero. Por fim, percebemos a necessidade de mais estudos voltados à discussão da mulher enquanto profissional musicoterapeuta e dos desdobramentos que a feminização pode acarretar na escolha da carreira de musicoterapeuta.

Palavras-chave: Musicoterapia e gênero. Cuidado. Feminino. Gênero e Profissão.

Care and the feminine figure: the profession of music therapist from a gender perspective

Abstract: Throughout history, the feminine figure is associated with care, a bulletin of activities that took place inside homes, extending to professional environments and career choice in the contemporary world. As a response to this movement, some professions started to stand out as "feminine". It is noted that this occurs, especially in careers directly or indirectly related to care. Despite the insertion of women in other professional spaces, it is clear that this is still frequent. Through a brief literary review we propose to reflect on how the feminine figure related to the role of caregiver impacts the profession of music therapist, from a gender perspective. Finally, we realized the need for more studies focused on the discussion of women as a professional music therapist and the consequences that feminization can bring about in choosing a career in music therapy.

Keywords: Music Therapy and gender. Care. Feminine. Gender and Profession.

Introdução

No decorrer da história encontramos vários recortes que mostram a mulher como provedora do cuidado em relação ao marido, filhos, pais ou ao lar de forma geral. Desde os primórdios há registros das mulheres curandeiras que exerciam a função de cuidar dos feridos ou doentes com ervas e tratamentos naturais “as mulheres, através dos séculos e das civilizações, sempre fizeram curativos, administraram remédios, descobriram plantas medicinais.” (KOVALESKI, TORTATO, CARVALHO, 2013, p. 12). Desse modo, nota-se uma forte ligação entre a figura feminina e o exercício de atividades relacionadas ao cuidado como as profissões de enfermagem, nutrição e psicologia (SPLENDOR, ROMAN, 2003).

Apesar da inserção das mulheres em outros espaços profissionais, a ligação entre o cuidado e a mulher permanece forte. Isto é evidenciado pela escolha da carreira profissional, onde percebemos que muitas mulheres exercem profissões direcionadas ao cuidado enquanto um número menor de homens opta por essas carreiras.

Desse modo, surgiu a necessidade de investigar sobre as mulheres na musicoterapia. Há muitas publicações sobre intervenções musicoterapêuticas voltadas à mulher, porém poucas discussões sobre o papel da mesma na profissão em si. Assim, esse estudo objetivou refletir sobre como a figura feminina relacionada ao papel de cuidadora impacta a profissão de musicoterapeuta, sob a perspectiva de gênero.

A relação do cuidado e a figura feminina ao longo da história

Durante décadas a mulher foi vista como alguém sem autonomia enquanto sujeito no mundo e que, considerando as divisões de trabalho, se ocupariam somente com as atividades voltadas para o servir-cuidar-nutrir (TEDESCHI, 2012).

Evidências históricas trazidas pelos pré-historiadores indicam que as primeiras descobertas no âmbito da saúde, ainda sem registros formais, foram feitas por mulheres.

As mulheres foram também as primeiras farmacologistas descobrindo pela observação, tentativa e a experimentação prudente as virtudes terapêuticas das plantas. Os seus saberes acumulados durante milênios constituíram a quase totalidade da farmacopéia até a chegada da química terapêutica. Inventaram ainda o tratamento das plantas e das peles de animais, para transformá-las em tecido. (KOVALESKI, TORTATO, CARVALHO, 2013, p. 12-13).

Quitete, Vargens e Progianti (2010) pontuam que os problemas começaram a surgir quando, durante a Revolução Industrial, passaram a contratar mão-de-obra feminina e infantil por possuir um valor mais baixo.

Feminização das profissões de cuidado

Antes de refletir sobre a feminização das profissões relacionadas ao cuidado, faz-se necessário pontuar o conceito de divisão sexual do trabalho:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (HIRATA, KERGOAT, 2007, p. 599).

Segundo Borges e Detoni (2017), existe uma feminização do trabalho na área da saúde que é consequente à divisão sexual do trabalho. Os autores reforçam a importância de “refletir que as mulheres são treinadas para exercer funções de cuidado desde a infância – por exemplo, brincadeiras de bonecas, cuidar dos irmãos, auxiliar nos serviços domésticos” (p.146). Desse modo, o que ocorre quando essa menina cresce e se torna uma mulher é a naturalização dessas práticas de cuidado ao seu cotidiano.

Borges e Detoni (2017) pontuam que “a divisão sexual do trabalho é um fator que provoca, ainda, muitas diferenças e discriminações no meio profissional, especialmente no campo da saúde e hospitalar” (p.155).

Histórico e reflexões da profissão de musicoterapeuta

Na Musicoterapia é notório que a prática e adesão a profissão em grande parte é de figuras femininas, entretanto, os maiores nomes teóricos estudados no Brasil são masculinos, como: Kenneth Bruscia, Even Ruud, Michael Thaut, Rolando Benezon, Paul Nordoff, Clive Robbins, Diego Shapira, André Brandalise, Ronaldo Millecco e outros. Algumas autoras também se destacam em âmbito internacional, como, Hellen Bonny, Mary Priestley, Karina Ferrari e Patricia Pellizari. Entretanto, aqui no Brasil, estas são pouco mencionadas nas universidades, assim, temos como referência poucos nomes de cientistas em âmbito nacional, como Lia Rejane e Claudia Zanini.

Segundo Baines e Edwards (2020), na Musicoterapia há uma quantidade menor de musicoterapeutas homens que, no entanto, predominam em publicações científicas. Relatam que nos Estados Unidos há uma desigualdade de gênero na musicoterapia em âmbito educacional, além do salarial, posição acadêmica, posições de emprego, taxas de publicação e posições em conselhos editoriais.

Discussão de dados

Ao longo da história nos deparamos com diversas interlocuções entre a mulher no papel de cuidadora. Como Tedeschi (2012) aponta, a mulher é vista como incapaz para assumir trabalhos de indicativos braçais ou até mesmo dentro da própria ciência, associando à mesma apenas atividades de cuidado.

Compreendendo isso, nos deparamos com alguns paradigmas de nossa história que precisam de um olhar minucioso, entre eles a função dada ao homem no avanço técnico e científico. A medida que a presença do feminino avança historicamente em âmbito científico, o mesmo posiciona-se em meio a reflexões sobre a exclusão e invisibilidade das mulheres na ciência. Percebe-se ainda que, além destas reflexões, as mulheres assumem profissões ligadas ao papel de cuidador, porém ainda pouco presente no âmbito científico quando comparada à figura masculina (KOVALESKI, TORTATO, CARVALHO, 2013; CITELI, 2000).

Na Musicoterapia, em âmbito científico, nos deparamos com o índice de figuras masculinas maior do que as femininas. Sendo estes, donos de grandes descobertas e reconhecimentos (BAINES, EDWARDS, 2020).

A figura feminina se faz muito presente na atuação clínica, hospitalar e ações extensionistas. Segundo McSorley (2020), o campo que nos inserimos é dominado por mulheres cis com pressupostos de que as mulheres são inerentemente cuidadoras.

Mediante isso podemos identificar um movimento que ainda privilegia a figura masculina no mercado de trabalho, de forma geral, e consequentemente, uma profissão com maior número de figuras femininas tende a ser pouco valorizada.

Conclusão

Optamos por fomentar a reflexão sobre como essa imagem criada em torno das mulheres contribui para que elas envolvam-se significativamente em profissões de cuidado, enquanto os homens distanciam-se dessas carreiras.

Visto isso, elegemos algumas indagações para reflexão: o que podemos fazer para mudar esse paradigma e para que a musicoterapia, enquanto profissão que envolve o cuidado, não seja parte de uma visão sexual?

Por fim, visualizamos que o processo de feminização das profissões direcionadas para o cuidado com o outro contribui, consideravelmente, para a desvalorização dessas áreas no sentido de serem tidas como “mais fáceis” ou com baixo grau de desenvolvimento técnico pelo fato do cuidado ser visto como algo informal. Na musicoterapia brasileira ainda é necessário o desenvolvimento de maiores investigações para permitir um mapeamento quantitativo dos homens e mulheres, preocupando-se em identificar o nível de desenvolvimento na carreira de ambos.

Referências

BAINES, Sue; EDWARDS, Jane. Analysing gender oppression in music therapy research and practice. IN: HOGAN, Susan. **Arts Therapies and gender issues - international perspectives on research**. New York: British Library, 2020. p. 37-54.

BORGES, Tábata Milena Balestro; DETONI, Priscila Pavan. Trajetórias de feminização no trabalho hospitalar. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. São Paulo, v. 20, n.2, p. 143-157, 2017.

CITELI, Maria Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 15, p. 39-75. 2000.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

KOVALESKI, Nadia V. J.; TORTATO, Cíntia de Souza Batista; CARVALHO, Marília Gomes de. As relações de gênero na história das ciências: a participação feminina no progresso científico e tecnológico. **Emancipação**. Ponta Grossa, v. 13, s. n., p. 9-26, 2013.

MCSORLEY, Kristen. Sexismo e cisgenerismo em espaços de musicoterapia: uma exploração das microagressões de gênero vividas por musicoterapeutas. **The Artes in Psychotherapy**. Pensilvânia, v. 71, 2020.

QUITETE, Jane Baptista; VARGENS, Octavio Muniz da Costa; PROGIANTI, Jane Márcia. Uma análise reflexiva do feminino das profissões. **História da Enfermagem: revista eletrônica**. Brasília, v. 1, n. 1, 2010.

SPLENDOR, Vanessa Lidiane; ROMAN, Arlete Regina. A mulher, a enfermagem e o cuidar na perspectiva de gênero. **Revista Contexto Saúde**. Rio Grande do Sul, v. 02, n. 04, p. 31-44, 2003.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Dourados: UFGD, 2012.

A Musicoterapia Improvisacional no tratamento de adolescentes autistas: estudos de casos

Tainá Sousa
Marina Horta Freire

Resumo: A Musicoterapia é indicada para o tratamento das pessoas autistas, contudo, muitas vezes não é possível realizar a intervenção precoce. O presente estudo tem como objetivos relatar os casos de dois adolescentes com TEA e levantar discussões sobre os efeitos da Musicoterapia na intervenção tardia. A pesquisa foi realizada com 2 irmãos gêmeos de 12 anos, com diagnóstico de TEA. Os mesmos foram atendidos individualmente em 10 sessões semanais de aproximadamente 30 minutos cada. Os atendimentos foram realizados seguindo a abordagem de Musicoterapia Improvisacional, baseados na perspectiva humanista do indivíduo e na Musicoterapia Nordoff-Robbins. Para avaliar os progressos foram utilizadas as Escalas Nordoff-Robbins de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa e de Comunicabilidade Musical, e entrevistas periódicas com a mãe. Ambos os adolescentes tiveram significativos progressos em relação à comunicação e socialização, criaram vínculo com a música e com a terapeuta e fortaleceram o vínculo com a mãe. Foi possível perceber que a Musicoterapia Improvisacional pode ser uma estratégia para a melhoria da qualidade de vida de adolescentes autistas.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo. Musicoterapia Improvisacional. Improvisação Musical Clínica. Adolescentes com Autismo.

Improvisational music therapy in the treatment of autistic teenagers: case studies

Abstract: Music Therapy is indicated for the treatment of autistic person; however, it is often not possible to perform early intervention. This study aims to report the cases of two adolescents with ASD and to raise discussions about the effects of music therapy on late intervention. The research was carried out with two 12 years old twin brothers diagnosed with ASD. They were attended individually in 10 weekly sessions of approximately 30 minutes each. The services were performed following the approach of Improvisational Music Therapy, based on the humanist perspective of the individual and Nordoff-Robbins Music Therapy. To assess the progress, the Child-Therapist Relationship in Coactive Musical Experience and Musical Communicativeness Nordoff-Robbins Scales were used and periodic interviews with the mother were realized. Both adolescents made significant progress in communication and socialization, bonded with the music and with the therapist, and strengthened the bond with their mother. It was possible to realize that 7 Improvisational Music Therapy can be a strategy for improving the quality of life of autistic teenagers.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Improvisational Music Therapy. Clinical Musical Improvisation. Autistic teenagers.

Introdução

A fim de melhorar a qualidade de vida de indivíduos com TEA e seus familiares, muitas terapias são realizadas, sendo uma em expansão a Musicoterapia (ROSSIGNOL, 2009). Muito se fala sobre intervenção terapêutica precoce e em crianças autistas (BOURGONDIEN; DAWKIN; MARCUS, 2014) e sobre intervenções musicoterapêuticas

com essas faixas etárias (FREIRE, 2014, SAMPAIO, 2015), sendo de extrema importância para o desenvolvimento de indivíduos com esse diagnóstico.

Entendemos que o TEA é um transtorno neurológico de desenvolvimento precoce, e, por isso, é mais comum pesquisas com crianças em idade escolar (NATIONAL RESEARCH COUNCIL, 2001, *apud* VOLKMAR et al, 2014). Apesar de esses déficits serem encontrados desde a primeira infância, os adolescentes e adultos com TEA enfrentam situações sociais cada vez mais complexas e maiores expectativas por aptidão social, o que acaba por tornar esses desafios sociais mais evidentes. Laugeson e Ellingsen (2014) mostram que, apesar de mais pronunciados, os déficits sociais em adolescentes com autismo são pouco estudados. Devido a heterogeneidade do espectro, é possível observar que adolescentes com TEA podem apresentar iniciativas de contato social consideradas ofensivas. Indivíduos com TEA de alto funcionamento geralmente relatam maior nível de solidão que pessoas com a mesma faixa etária (LAUGESON; ELLINGSEN, 2014).

Estudos sobre música e autismo apontam a Musicoterapia como uma intervenção eficaz para melhorar as habilidades comunicacionais e sociais desses indivíduos (FREIRE, 2014). Há uma intensa relação entre as pessoas com TEA e a música, sendo o aspecto não-verbal da música o principal motivo para o engajamento entre o indivíduo com TEA e o interlocutor. A música não somente pode ativar emoções, mas também estimula processos cognitivos, tais como atenção dividida e sustentada, memória, planejamento, entre outros (SAMPAIO, 2015).

Nos atendimentos musicoterapêuticos a autistas, busca-se um “estar com o outro” na experiência musical e, em seguida, modula-se esta experiência musical para favorecer o desenvolvimento de processos mais saudáveis de comunicação verbal e não-verbal e de interação social que pode ser observado no aumento da complexidade desse fazer musical compartilhado entre musicoterapeuta e cliente (SAMPAIO, 2015). Um dos principais objetivos dos musicoterapeutas é que o cliente com TEA aumente o nível de comunicação e interação com os demais. As atividades musicais podem auxiliar nesse processo, uma vez que instigam a atenção e a imitação – cruciais para a comunicação e interação social (GATTINO, 2015). Nesse contexto, é importante que o cliente esteja situado na estrutura rítmica da música, após estar integrado ao contexto musical, para poder chegar à auto-organização e, assim, estabelecer uma relação coletiva de vivências musicais (SEARS 1968 *apud* GATTINO, 2015).

Adolescentes com autismo são um público alvo da Musicoterapia, porque nem sempre a intervenção precoce é possível ou porque é necessária a continuidade do tratamento após a

infância. O presente trabalho tem como objetivos relatar os casos de dois adolescentes com TEA e levantar discussões sobre os efeitos da Musicoterapia na intervenção tardia. Os objetivos específicos são: avaliar a evolução dos clientes nas sessões e avaliar a evolução do quadro clínico extrassessão.

Metodologia

A presente pesquisa¹, de caráter qualitativo, é constituída pelos estudos de caso de 02 adolescentes gêmeos do sexo masculino com diagnóstico de TEA, com idade de 12 anos. Os atendimentos foram realizados durante o 1º semestre letivo de 2019, totalizando 10 sessões semanais individuais de cerca de 30-45 minutos. Foram realizados na Escola de Música da UFMG, pelo Projeto de Extensão Musicoterapia nos Distúrbios do Neurodesenvolvimento (Código SIEX 401200). Foram critérios de inclusão: ter entre 12 e 18 anos de idade e diagnóstico de TEA., e de exclusão: já ter recebido tratamento musicoterapêutico, ter perda auditiva profunda, comorbidades motoras e/ou ter doença neuropsiquiátrica grave.

Durante o processo musicoterapêutico, o desenvolvimento dos adolescentes foi avaliado intra e extrassessão. As avaliações extrassessão consistiram em entrevistas periódicas abertas, não-estruturadas, com a mãe. As avaliações intrassessão consistiram em gravações (em áudio ou vídeo), relatórios de sessões e a aplicação das Escalas Nordoff-Robbins de Comunicabilidade Musical e de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa (NORDOFF; ROBBINS, 2007).

Os atendimentos foram realizados seguindo a abordagem de Musicoterapia Improvisacional, baseados na perspectiva humanista do indivíduo, centralizando a atenção na pessoa e enfatizando as qualidades humanas, (RUUD, 1990) e na Musicoterapia Criativa (NORDOFF; ROBBINS, 2007). Nessa abordagem, a terapia não é utilizada para atingir a normalidade, mas para que o indivíduo alcance um desenvolvimento e plenitude dentro do que ele é capaz (Ibid, 2007).

Resultados e discussão

¹ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): CAAE 17568513.0.0000.5149.

G e P são irmãos gêmeos bivitelinos. À época dos atendimentos, ambos apresentavam excelente comunicação verbal. Os atendimentos foram realizados individualmente e os objetivos traçados foram distintos para cada um deles.

Na triagem, G se mostrou fechado, não queria conversar com a terapeuta e foi um desafio descobrir seus interesses para fazer o vínculo terapêutico. Segundo a mãe, G tem sensibilidade auditiva, é agitado e conversa pouco. Também segundo a mãe, P era agitado, tinha certa resistência ao contato com a mesma e apresentava sensibilidade auditiva. Nas sessões tocava os instrumentos de forma padronizada e só tocava junto da terapeuta, demonstrando pouca autonomia.

De uma maneira geral, ambos foram participando mais ativamente da improvisação musical, criando um vínculo não somente com a terapeuta, mas com a música, houve também uma melhora nos vínculos extrassessão com outras pessoas, pois se tornaram mais livres para dizer o que sentem e de forma melhor compreendida socialmente. A partir da escala Nordoff-Robbins de Comunicabilidade Musical, foi possível observar um avanço no que diz respeito à musicalidade dos mesmos, principalmente em sua expressão instrumental. E a partir da Escala Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa, foi possível perceber que a resistividade e a participação de ambos se relacionavam com questões ocorridas fora do *setting* terapêutico, podendo ser trabalhadas em terapia. Nas duas escalas, mesmo com altos e baixos, o nível final sempre foi maior que o inicial, mostrando a evolução dos irmãos no processo musicoterapêutico.

Conclusão

A partir dos estudos de caso, revisão de literatura e fundamentações teóricas utilizadas, foi possível refletir sobre a falta de estudos com o tema Musicoterapia e adolescentes autistas, e a possível infantilização da pessoa com deficiência. É importante tratar os adolescentes autistas como adolescentes, visto que é uma etapa do desenvolvimento humano que demanda atenção, devido às diversas mudanças físicas e sociais. Assim, deve-se pensar na faixa etária acima do diagnóstico – dando o protagonismo à pessoa, e não ao autismo.

Esses estudos de caso demonstram que a Musicoterapia Improvisacional pode ser eficaz para a melhora da qualidade de vida de pessoas autistas. Para uma pesquisa futura, com o objetivo de generalizar os ganhos do atendimento musicoterapêutico à população, vê-se como necessário aumentar a faixa etária e o número de indivíduos envolvidos.

Referências

- BOURGONDIEN, M; DAWKINS, T.; MARCUS, L. Families of Adults with Autism Spectrum Disorders. In: VOLKMAR, F.; REICHOW, B.; MCPARTLAND, J. **Adolescents and Adults with Autism Spectrum Disorders**. Springer. New York, 2014. Cap 2, p. 15-40.
- FREIRE, M. **Efeitos da Musicoterapia Improvisacional no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo**. 75 p. Dissertação (Mestrado em Neurociências). Programa de Pós-Graduação em Neurociências. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2014
- GATTINO, G. História da Musicoterapia aplicada ao Autismo. In **Musicoterapia e Autismo: teoria e prática**. São Paulo: Memnom, 2015. Cap 4, p. 33-42.
- LAUGESON, E.; ELLINGSEN, R. Social Skills Training for Adolescents and Adults with Autism Spectrum Disorder. In: VOLKMAR, F.; REICHOW, B.; MCPARTLAND, J. **Adolescents and Adults with Autism Spectrum Disorders**. Springer. New York, 2014. Cap 4, p. 61-86.
- NORDOFF, P.; ROBBINS, C. **Creative Music Therapy. A Guide to Fostering Clinical Musicianship**. 2nd ed. Gilsum: Barcelona Publishers, 2007, p. 365-457.
- ROSSIGNOL, D. Novel and emerging treatments for autism spectrum disorders: a systematic review. **Ann Clin Psychiatry**, v. 21, n. 4, p. 213-236, 2009.
- RUUD, E. **Caminhos da musicoterapia**. São Paulo: Summus. 1990. p. 63-84.
- SAMPAIO, R. Avaliação da sincronia rítmica em crianças com transtorno do **espectro do autismo em atendimento musicoterapêutico**. 157 p. Tese (doutorado em Neurociências). Programa de Pós-Graduação em Neurociências. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2015.
- VOLKMAR, F.; REICHOW, B.; MCPARTLAND, J. Autism Spectrum Disorder in Adolescents and Adults: An Introduction. In: VOLKMAR, F.; REICHOW, B.; MCPARTLAND, J. **Adolescents and Adults with Autism Spectrum Disorders**. Springer. New York, 2014. Cap 1, p. 1-15.

A Musicoterapia Organizacional Mediada por TICs no Desenvolvimento de Competências de Professores de uma Escola Pública de Pernambuco

Caricelma Aparecida Lima Albuquerque
Paulo Rogério de Oliveira Jales

Resumo: O presente trabalho trata-se de um Relato de Experiência do Estágio Supervisionado em Musicoterapia, cuja proposta foi verificar a contribuição da Musicoterapia organizacional, mediada por TICs, no desenvolvimento de competências dos professores de uma Escola Pública, localizada na cidade de Igarassu-PE, no contexto da pandemia da COVID-19. Para tanto foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório que pretendeu evidenciar a relevância do tema. Os resultados demonstraram que a Musicoterapia Organizacional contribui para o desenvolvimento de competências dos professores.

Palavras-chave: Musicoterapia organizacional. Musicoterapia mediada por TICs. Professores.

Organizational music therapy mediated by icts in the development of teachers' skills in a public school in pernambuco

Abstract: The present work is an Experience Report of the Supervised Internship in Music Therapy, whose proposal was to verify the contribution of organizational Music Therapy in the development of skills of teachers of a Public School, located in the city of Igarassu-PE, in the context of the pandemic of COVID-19. To this end, a qualitative research of an exploratory nature was carried out, which aimed to highlight the relevance of the theme. The results demonstrate that Organizational Music Therapy contributes to the development of teachers' skills.

Keywords: Organizational music therapy. Music therapy mediated by ICTs. Teachers.

Introdução

O mundo contemporâneo é marcado pela complexidade, onde a mistura cultural, religiosa e de valores impõem inúmeros desafios para o ambiente institucional, tendo em vista que a realização de tarefas dentro das instituições pode ser prejudicada pela desmotivação, desunião, falta de comunicação, falta de colaboração, estresse, etc.

Esse cenário revela a importância do desenvolvimento de competências – conhecimentos (saber), habilidades (saber fazer) e atitudes (querer fazer) – específicas em trabalhadores do contexto institucional contemporâneo (DURANT, apud MARSAL, 2014).

No âmbito da profissão docente, a Musicoterapia favorece transformações, como por exemplo, a melhora do autoconhecimento e a ampliação da percepção sobre os colegas, alunos e demais funcionários, contribuindo assim, para que o professor possa ressignificar sua prática diante dos mais diversos contextos, demandas sociais e desafios que podem surgir nesta profissão (VALENTIM e NASCIMENTO, 2011).

Em março deste ano fomos surpreendidos com a pandemia da COVID-19, que impôs o fechamento de todos os setores, bem como o regime de isolamento social, por tempo indeterminado, onde o trabalho sofreu modificações, passando a ter que ser desempenhado remotamente. Diante deste contexto a UBAM (União Brasileira das Associações de Musicoterapia), estabeleceu diretrizes para a flexibilização dos atendimentos através de Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs).

Nesse sentido, este Relato busca verificar as possíveis contribuições da Musicoterapia Organizacional, mediada por TICs, no desenvolvimento de competências dos professores de uma Escola Pública de Pernambuco, no contexto da pandemia da COVID-19.

Fundamentação Teórica

A Musicoterapia Organizacional se insere como possível contribuição para o profissional professor, pois, ao utilizar o potencial de aplicação da música para apoiar e desenvolver equipes de trabalho e melhorar as relações nesses ambientes (BRUSCIA, 2000), favorece o autoconhecimento, a percepção e a ressignificação da prática docente, contribuindo para que o professor resgate e desenvolva habilidades e competências.

O profissionalismo de um professor vai além do domínio dos conhecimentos inerentes à profissão (ou seja, aquilo que aprendeu teoricamente, conhecimentos sobre didática, etc.), abrangendo também as atitudes, como por exemplo, respeito mútuo, o equilíbrio das emoções, acreditar na educabilidade, ser engajado, ser colaborativo, etc. (PERRENOUD, *et al.* 2001).

A ressignificação da prática pedagógica é um dos grandes benefícios consequentes das experiências musicais, as quais, por serem pautadas na interação, favorecem o autoconhecimento e a percepção, resgatando e desenvolvendo as habilidades e competências destes profissionais (VALENTIM e NASCIMENTO, 2011).

Metodologia

O projeto inicial sofreu alterações para se adaptar ao novo contexto e às novas demandas oriundas do novo cenário social pandêmico, que passou a ser virtual (através da Plataforma Zoom Meetings e do WhatsApp) e, no dia 17 de abril de 2020, aconteceu a primeira atuação musicoterapêutica via Zoom.

Apoiados no método receptivo da Musicoterapia (BRUSCIA, 2000), em cada sessão semanal, realizamos a audição canções brasileiras com letras que falavam de esperança, de alegria e de superação, tocadas por mim, no violão, ao início de cada reunião via Zoom Meetings, cujo objetivo foi proporcionar bem estar, melhora no humor e motivação.

Fundamentados no método da Musicoterapia recreativa – ou recreacional – (BRUSCIA, 2000), paralelamente às atuações nas reuniões, foi lançada, via whatsapp, a proposta de os professores

gravarem um vídeo cantando a música “Rindo à Toa” de Falamansa, para a formação de um coral virtual. O objetivo desta proposta foi trabalhar algumas competências como a motivação, o empoderamento, a resiliência, a união, o comprometimento, a disposição para ressignificar e reaprender. O vídeo está disponível no you tube através do link

<https://www.youtube.com/watch?v=JmP2JZIdVU4>.

Por fim, aplicou-se o Questionário de Canções Projetivas proposto por Milleco Filho (2001), com o objetivo de construir a Identidade Sonora de cada professor cuja intenção foi possibilitar o autoconhecimento, competência necessária para o trabalho em equipe.

Ao todo foram cinco meses de atuação para a execução dos objetivos musicoterapêuticos propostos neste Relato.

Considerações Finais

A Política da Educação Pública de Pernambuco adota princípios humanísticos voltados para o desenvolvimento integral e a proposta deste Relato sugere que a Musicoterapia Organizacional contribuiu para o desenvolvimento integral dos professores ao contemplar suas dimensões e necessidades humanas, bem como favoreceu o desenvolvimento de algumas competências fundamentais para o alcance de metas, fator muito importante para tal política, que se rege pelos princípios da Gestão por Resultados.

A mudança nas estratégias por conta da COVID-19 foi bastante efetiva e, as inovações realizadas para as atuações virtuais se mostraram eficazes, não causando nenhum prejuízo no tocante ao alcance dos objetivos propostos, pois o que se faria presencialmente, conseguiu-se fazer virtualmente.

Vale ressaltar que a atuação virtual demanda mais, tendo em vista que numa atuação presencial (principalmente nos *feedbacks* e propostas ativas, como foi o caso do vídeo, por exemplo), consegue-se alcançar a todos de uma vez só. Na atuação virtual, quando colocamos algo em um grupo de WhatsApp, por exemplo, a tendência é isso se perder no turbilhão de informações que todos os outros membros do grupo postam. E, por causa disso, a atuação tinha que ser um a um, no privado, para as propostas e *feedbacks*.

Em compensação, outras coisas foram facilitadas, como por exemplo, a gravação de áudios, dos vídeos, a flexibilidade de horário para envio das mensagens (onde não precisava esperar o momento da próxima reunião para quaisquer orientações/*feedbacks*).

Os dados foram coletados e analisados através da observação participante, registro das atuações em um diário, entrevistas e questionário. Inicialmente foram 18 (dezoito) participantes, sendo que destes, 4 (quatro) são da equipe gestora. Na audição das canções, não houve desistências. Na produção do vídeo, 13 (treze) participaram. No Questionário de Canções Projetivas, 10 (dez) participaram.

A Musicoterapia Organizacional mediada pelas TICS com os professores da EREM Eurico Pfisterer mostrou-se promissora ao sugerir a promoção de bem-estar; melhora no humor; equilíbrio das emoções e o desenvolvimento de algumas competências (como a resiliência, motivação, proatividade, melhora no humor, bem-estar, etc.), principalmente no contexto excepcional da pandemia da COVID-19.

Referências

BENENZON, R. **La Ética del no-verbal**: nueva partida de utópico juego del espejo, y su silencio y oscuridad. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Lumen, 2017.

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

ESTRELAS EREMEP. Caricelma Aparecida Lima Albuquerque. Produção de Adriano Ferraz. Mídia em MP4, 3'48''. Recife: NODP Studio, 2020.

A.; BRANDÃO, M. R. E.; MILLECO, R. P. **É Preciso Cantar**: Musicoterapia, cantos e canções. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

MARSAL, A. **O perfil do líder contemporâneo**: um estudo sobre o CHA (Conhecimento-Habilidade-Atitude) do líder. BSP Business School São Paulo: 2014.

PERRENOUD, P. *et al.* (Org.). **Formando professores profissionais**: Quais estratégias? Quais competências? 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VALENTIN, F., & NASCIMENTO, S. R. **A mediação da musicoterapia para o enfrentamento da violência nas escolas: ressignificando a formação continuada de educadores**. *Anais do XX Simpósio da Faculdade de Educação*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. 2011.

A Musicoterapia sob um Olhar Político: Reflexões a partir de entrevistas

Marina Reis
Marina Freire

Resumo: O fazer político de uma população está diretamente relacionado ao contexto no qual está inserida. Esta pesquisa tem como objetivo observar e discutir como musicoterapeutas e estudantes de Musicoterapia se relacionam com política e classe. Para isso, utiliza de entrevistas semiestruturadas realizadas com dez pessoas, estudantes e musicoterapeutas, gravadas, transcritas e analisadas individualmente, fundamentando-se na pesquisa qualitativa de análise crítica. As respostas são discutidas sob a ótica dos conceitos de política que fundamentam o trabalho. Compreendemos que a Musicoterapia tem um longo caminho político no que diz respeito a temas sobre a profissão, necessitando de mais estudos na área.

Palavras-chave: Musicoterapeuta. Política em Musicoterapia. Discussão de Classe. Órgãos de representação profissional.

Music therapy under a political view: reflections from interviews

Abstract: *The way a population makes politics is directly related to the context in which it is inserted. This research aims to observe and discuss how music therapists and music therapy students relate to politics and class. Because of this, it is used semi-structured interviews conducted with ten people, students and professionals of Music Therapy, recorded, transcribed and analyzed individually, based on qualitative research of critical analysis. The answers are discussed from the perspective of the policy concepts that underlie the work. We understand that Music Therapy has a long political path with regard to themes about the profession, requiring further studies in this area.*

Keywords: *Music therapist. Music Therapy and Politics. Professional discussion. Professional representation.*

Introdução

O contexto no qual a política está inserida, e as suas definições, estão diretamente relacionadas com o fazer político de uma população. Os conceitos de *macropolítica* e *micropolítica* (CHAVES, 2014) são inseparáveis e, no entanto, estão sempre em conflito, já que a *macropolítica* pode ser definida como normas impostas a conjuntos sociais, e a *micropolítica* se relaciona com o agir cotidiano das pessoas, na relação entre si e no cenário em que se encontram. Por haver esse constante movimento e conflito, há potência de mudança, transformando a *macropolítica* a partir das *micropolíticas* (CHAVES, 2014).

Aguiar (2009) considera que a classe surge como a união de práticas coletivas e comuns, carregando um grau de dinamismo e plasticidade histórica e, ao mesmo tempo, sendo uma realidade sociológica concreta. Sobre representação de classe, segundo Latour (2004), as *micropolíticas* quebram, questionam e reestruturam as *macropolíticas*, mudando a representação constantemente e havendo, portanto, uma permanente *crise de representação*.

Sobre Musicoterapia, Bruscia (2000) explica sua dupla identidade: como uma *disciplina*, refere-se aos processos musicoterapêuticos; e como uma *profissão*, é um grupo organizado utilizando o mesmo corpo de conhecimento em sua atividade profissional, inclusive política e social. São escassas pesquisas que envolvam o tema da profissão, discorrendo sobre a visão de estudantes e profissionais a esse respeito. Dentre as publicações encontradas, encontram-se temas como, por exemplo, organização coletiva e política da profissão (SANTOS et al., 2009), estudos que analisam os currículos da formação (CORRÊA, 2017) e a relação entre musicoterapeutas e políticas públicas (CHAGAS et al., 2018).

A motivação para esta pesquisa surgiu a partir de observações pessoais sobre o número reduzido de discussões políticas na Musicoterapia. O presente trabalho objetivou observar e discutir como musicoterapeutas e estudantes de Musicoterapia se relacionam com política e classe.

Metodologia

A presente pesquisa qualitativa traz entrevistas semiestruturadas, a fim aprofundar no tema em um bate-papo focado em seus objetivos, sem perder a espontaneidade (RICHARDSON, 1999). Foi adotada a *Análise Crítica* que tem uma *prática reflexiva*, que valida a pesquisadora a fazer reflexões e relatar a resposta das entrevistadas enquanto coloca suas impressões e interpretações - assim, a pesquisadora tem consciência de suas interferências e influências e pode encontrar sua própria voz na discussão (Ibid). A análise não visa a generalização, é um recorte realizado com as entrevistadas.

A pesquisa focou na Musicoterapia em Minas Gerais e foi realizada com 10 pessoas que tiveram ou têm algum vínculo com o curso de Musicoterapia da UFMG e que foram escolhidas a partir de uma divisão em categorias a fim de favorecer as análises e discussões acerca do tema: (a) 4 estudantes, uma de cada ano do curso; (b) 2 docentes; e (c) 4 musicoterapeutas.

A análise das respostas obedeceu esta ordem: (1) Transcrição dos áudios; (2) Resumo de cada entrevista; (3) Separação das respostas por temas; (4) Agrupamento das entrevistas por temas e subtemas; (5) Análise de cada tema e subtema; (6) Revisão de temas para se adequar às análises e a novas percepções; (7) Resumo das análises de cada tema e (8) Discussão.

Resultados e Discussão

Durante análise e revisão, as respostas foram agrupadas nos temas: (a) Política; (b) Organização e Discussão de Classe e Política em Musicoterapia; (c) Políticas Públicas e Musicoterapia; (d) Regulamentação da Musicoterapia; (e) Órgãos de representação de Classe em Musicoterapia. Os temas foram pensados do mais amplo ao mais específico, para refletir como as entrevistadas pensavam políticas e organização de classe em geral e em Musicoterapia.

Sobre o tema (a), 5 pessoas disseram que explicar o que é política é difícil e não consideram ter participado de ações políticas. Das entrevistadas, 7 se basearam em política eleitoral /

macropolítica, levantando o embate territorial que vivemos no Brasil (CHAGAS et al, 2018). Pude relacionar 3 respostas com o conceito de *micropolítica* (LATOUR, 2004), dentre elas “política são as relações, a forma como a gente vai construindo as relações”.

No tema (b), as respostas foram variadas e, em sua maioria, sobre classe profissional e socioeconômica. Uma pessoa respondeu que os órgãos de representação são o caminho para a organização de classe. Cinco disseram já ter participado de alguma ação de discussão de classe. Houve críticas sobre como nos organizamos politicamente na Musicoterapia, dizendo que as discussões políticas são insuficientes ou desorganizadas e que isso gera desunião e falta de articulação.

Analisando o tema (c), as estudantes não souberam falar sobre políticas públicas. 5 profissionais citaram algumas políticas públicas (em especial SUS e SUAS), sem as definir. 2 pessoas disseram que “há oportunidade na teoria, mas não na prática” e criticaram o papel incerto da Musicoterapia em políticas públicas. Percebi incertezas, críticas e desconhecimentos sobre esse assunto. Apesar disso, houve grande coesão nos exemplos das possibilidades clínicas para a Musicoterapia na área da saúde. Já as possibilidades enquanto profissão, como as Universidades Públicas, foram vistas apenas em 1 resposta, apontando a valorização da atuação clínica (disciplina) em detrimento de temas sobre a profissão.

Sobre o tema (d), 7 pessoas disseram saber que “há um processo de regulamentação”, mas não saber “como ele está atualmente”. Em geral, ocorreram menos críticas dentro desse tema, trazendo positividade sobre a possibilidade de regulamentar a profissão. Apenas 1 pessoa disse considerar faltar “transparência para a classe como um todo para que todo mundo entenda como está o processo atual de regulamentação” - o que entendi como uma possível crítica aos órgãos de representação e à forma como o processo político está sendo guiado.

Para finalizar, no tema (e) as definições de associações e órgãos de representação profissional foram diversas, apontando diferentes níveis de envolvimento com esses órgãos. Algumas respostas trouxeram, em antagonismo, a sensação de união e desunião de classe trazida a partir da formação da Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de Minas Gerais.

Considerações Finais

A discussão das entrevistas possibilitou a minha interpretação de que há pouco conhecimento sobre áreas políticas e de organização de classe pelas entrevistadas e que alguns problemas podem ser gerados por difícil comunicação entre a classe. Além disso, percebi que a ideia de organização de classe pode não estar sendo entendida ou vista com clareza na Musicoterapia. Referenciando Lukács (1920), isso pode ser uma dificuldade para nós, musicoterapeutas, na busca de soluções de problemas enfrentados na profissão. Também pude ligar a teoria da eterna crise de representação (LATOUR, 2004) com a capacidade ou não da classe em ver com clareza (LUKÁCS, 1920), e observar que a Musicoterapia ainda tem um longo caminho político no que diz respeito à profissão.

Fica visível a importância de mais pesquisas que tratem do assunto e que, dessa forma, fomentem movimento e diálogo, na busca por um futuro coletivo e mais saudável profissionalmente. Esse trabalho não se conclui nele mesmo, pois as entrevistas realizadas possibilitam futuros aprofundamentos em cada um dos temas trazidos. Esperamos instigar novas pesquisas sobre Musicoterapia e *Políticas*, auxiliando a Musicoterapia a ser tão rica em conhecimentos sobre a profissão como tende a ser em temas sobre a disciplina.

Referências

AGUIAR, J., A classe social como processo: o conceito de formação da classe trabalhadora. **Revista de Sociologia Configurações [Online]**, n. 5/6, p. 75-100, 2009. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/configuracoes/375>>. Acesso em 10 de junho de 2020.

BRUSCIA, K. E., **Definindo musicoterapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CHAGAS, M.; BRASIL, C.; CABRAL, B.P., Precisamos falar sobre política. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, n. 24, p. 72-90, 2018.

CHAVES, S.E., Os movimentos macropolíticos e micropolíticos no ensino de graduação em Enfermagem. **Interface**, Botucatu, v. 18, n. 49, p. 325-336, 2014.

CORRÊA, H. V., **Análise das grades curriculares e perfil dos estudantes de graduação em musicoterapia no Brasil**. 59 f. 2017. Monografia (graduação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

LATOURETTE, B. Se falássemos um pouco de política? Política e Sociedade, **Revista de Sociologia Política**, n 5, p. 04-40, 2004.

LUKÁCS, G., **Consciência de Classe**. 1920, p. 1-28. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/consciencia/cap01.htm>>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

RICHARDSON, Roberto (Org.). **Pesquisa Social**. São Paulo: Ed. Atlas, 3a Ed. 1999.

SANTOS, M; PEDRO, R. M. L. R., Musicoterapia em ação: primeiros movimentos da invenção de uma profissão. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, n. 9, p. 1-12, 2009.

A Pandemia, o SUAS e a Musicoterapia: Uma breve análise de conjuntura

Kezia Paz

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo a partir de levantamento bibliográfico e de dados sobre os impactos da Pandemia de COVID-19 no trabalho dos musicoterapeutas que atuam no Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Palavras-chave: Pandemia. Musicoterapia. Assistência Social.

Pandemic, SUAS and music therapy: A brief analysis of the situation

Abstract: *The objective of this work is to present an exploratory and descriptive research based on bibliographic and data surveys on the impacts of the COVID-19 Pandemic on the work of music therapists working in the Unified Social Assistance System (SUAS).*

Keywords: *Pandemic. Music Therapy. Social Assistance.*

Introdução: O SUAS como Política Pública essencial

*Como é que faz pra lavar a roupa? Vai na fonte, vai na fonte
Como é que faz pra raiar o dia? No horizonte, no horizonte (Lenine)*

Este trabalho pretende abordar a atual conjuntura envolvendo os impactos da Pandemia na Política de Assistência Social, e situar a musicoterapia nesse contexto. O trabalho de enfoque qualitativo tem caráter exploratório e descritivo, com base em levantamento bibliográfico e de dados sobre o tema, a fim de contribuir com a discussão teórico-conceitual e prática sobre o campo da musicoterapia social e comunitária.

A Pandemia de COVID-19² chegou ao Brasil acentuando uma crise de saúde pública e econômica que já vinha sendo gerada há algum tempo no país, devido a inúmeros retrocessos nas políticas sociais e a um processo contínuo de desfinanciamento público, como por exemplo a implementação da Emenda Constitucional nº 95, que impõe o teto de gastos públicos, impedindo investimentos na seguridade social por vinte exercícios financeiros (vinte anos).

A Política de Assistência Social foi instituída na Constituição Federal de 1988, compondo com a saúde e previdência o tripé da Seguridade Social. Ou seja, faz parte de elementos estruturantes no que se refere aos direitos dos brasileiros e aos deveres do Estado. Porém, estamos acompanhando há alguns anos diversos ataques e desmontes dessa e de outras políticas sociais. Na Conferência Nacional Democrática da Assistência social (CNDAS) de 2019, o debate coletivo trouxe destaque para os retrocessos vivenciados na Política Nacional de Assistência Social, apontando ameaças e

² COVID-19 é a doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China.

demandas por direitos que só aumentam diante do aprofundamento da desigualdade, ampliação da pobreza, violências e desproteções (CNDAS, 2019).

Esses retrocessos ganharam contornos mais expressivos com a crise provocada pela Pandemia de COVID-19. Relatórios organizados por pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas (FGV) publicados entre junho e agosto de 2020, trouxeram dados importantes para refletirmos o impacto da Pandemia no trabalho da assistência social, bem como para mostrar a importância desses serviços para o enfrentamento aos desafios impostos pela crise econômica e de saúde pública. Segundo a pesquisa, menos da metade dos servidores receberam EPI para atuar, e 74% dos trabalhadores afirmaram que a pandemia causou impactos negativos em sua saúde mental (Lotta et al, 2020).

Durante esse período notamos que foco do debate coletivo em relação ao enfrentamento à crise esteve muito relacionado às áreas de saúde e economia. A assistência social teve maior destaque apenas quando o assunto do auxílio emergencial foi colocado em pauta. Mas para além da questão de transferência de renda, o SUAS se mostrou fundamental para minimizar os danos da pandemia, principalmente entre os mais pobres, pois trata-se de uma política especializada no sofrimento humano e nas vulnerabilidades que decorrem da desigualdade, com ações que impactam nos projetos de vida, na alteração dos padrões dos vínculos sociais, nos carecimentos sociais e econômicos (CNDAS, 2019). Com isso é possível perceber aproximações nos atendimentos da área da saúde com atendimentos ofertados no SUAS, onde as tecnologias desenvolvidas para a saúde podem ser utilizadas na assistência social (De Oliveira e Kahhale, 2020).

Deste modo, observamos a importância do SUAS ser encarado como uma política pública essencial para construção de enfrentamentos a pandemias, e crises de diferentes segmentos.

Musicoterapia e o SUAS

Em consulta ao Ministério da Cidadania em julho de 2020, referente ao quantitativo de musicoterapeutas registrados como profissionais atuantes no SUAS, a Secretaria Nacional da Assistência Social (SNAS), informou a quantidade de 148 profissionais registrados no sistema atualmente. Entre os principais serviços onde estão alocados estes trabalhadores estão os Centro de Convivência, com registro de 62 musicoterapeutas, Centros-dia com 54, e Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), com 15. Entre os estados que concentram maior quantidade de registros estão: São Paulo (47), Paraná (20), Minas Gerais (15), e Rio Grande do Sul (15).

Esses dados devem ser problematizados quanto a sua confiabilidade, em decorrência das múltiplas variáveis envolvidas no processo de gestão dos serviços e contratação de trabalhadores do SUAS. Muitas contratações são feitas por Organizações da Sociedade Civil em parcerias firmadas com o poder público. Deste modo, profissionais atuam de forma terceirizada, o que além de ser uma forma precarizada de relação de trabalho, dificulta o registro exato da função exercida nos

equipamentos. Muitos musicoterapeutas que trabalham nesse campo por exemplo, acabam sendo registrados pelas gestões dos serviços como oficinairos. Ou ainda, temos a problemática que envolve a não-regulamentação da profissão, que dá espaço para que profissionais exerçam atividades que não correspondem à musicoterapia, mas que acabam sendo vistas e registradas como tal pelos gestores dos serviços.

Trata-se, portanto, de dados significativos para a classe no sentido em que nos provoca a problematizar a estruturação e precarização dessa política pública. Afinal, se ela não está sendo executada de forma efetiva, o espaço do musicoterapeuta dentro do corpo de recursos humanos dos serviços não pode ser garantido, conforme a resolução nº 17/2011 do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) prevê.

Cabe, portanto, questionar quais são as condições de trabalho dos musicoterapeutas atuantes nesse campo? Quais escolhas esses profissionais podem ou não fazer para garantir um trabalho de qualidade, do ponto de vista prático, técnico e ético-político? Qual a importância da atuação de profissionais nessa área para ampliar a força da musicoterapia no país, levando-a para espaços com muita demanda, e poucos recursos? E que populações têm menos acesso a essa prática, principalmente quando ela é impactada pela má gestão de políticas públicas?

Considerações finais, para não concluir

*A ponte não é de concreto, não é de ferro / Não é de cimento
A ponte é até onde vai o meu pensamento (Lenine)*

A Pandemia de COVID-19 trouxe para a categoria musicoterapeuta a oportunidade de aprofundarmos a reflexão acerca da acessibilidade da Musicoterapia para populações mais vulnerabilizadas. Pois grande parte dos trabalhos em políticas públicas e em caráter sócio comunitário acontecem de forma grupal, o que sofreu grande impacto com as normativas de distanciamento social impostas pela pandemia. A população que acessa tais práticas são mais vulnerabilizadas e pertencem a classes sociais mais baixas.

Vemos, portanto, a necessidade de refletir o que temos difundido até aqui de aporte teórico-conceitual e prático no que se refere a uma atuação sob uma perspectiva político-social, que considere não só o contexto desigual e diverso dos públicos atendidos, mas também dos musicoterapeutas trabalhadores de políticas públicas, e de campos como o terceiro setor, ambos muito impactados pela conjuntura pandêmica.

Portanto, é necessário o fortalecimento de espaços de participação e controle social pelos musicoterapeutas, e o reconhecimento da categoria como classe trabalhadora, que assim como outras categorias, sofre impactos do contexto político em vigência. Com organização e mobilização coletiva é possível criar novas pontes entre a musicoterapia e a população que dela precisa.

Mas como é que faz pra sair da ilha? / Pela ponte, pela ponte (Lenine)

Referências

CNDAS - **Caderno da Conferência Nacional Democrática da Assistência Social**, Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), 2019. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/1NjSjc1I6GDinia3Hn9ZZtaZo4n-NgmaI/view>> Acesso em 20/10/2020.

DE OLIVEIRA, Patrícia Araújo; KAHHALE, Edna Maria Severino Peters. Uma história do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), a participação do psicólogo e possibilidades de atuação. **Revista Psicologia Política**, v. 20, n. 47, p. 119-131, 2020.

LOTTA, Gabriela; MAGRI, Giordano; ALIBERTI, Cláudio; CORRÊA, Marcela Garcia; BECK, Amanda Lui; BARCELLOS, Taciana. **A pandemia de COVID-19 e os profissionais de assistência social no Brasil: 1ª fase – Julho/2020 – Nota técnica**. Fundação Getúlio Vargas, Núcleo de Estudos da Burocracia, 2020. Disponível em: <<https://neburocracia.files.wordpress.com/2020/06/re103-social-covid-19-depoimentos.pdf>> Acesso em 19/10/2020.

_____. **A pandemia de COVID-19 e os profissionais de assistência social no Brasil: 2ª fase – Agosto/2020 – Nota técnica**. Fundação Getúlio Vargas, Núcleo de Estudos da Burocracia, 2020. Disponível em: <<https://neburocracia.files.wordpress.com/2020/08/re108-social-covid-19-fase-2-v4.pdf>> Acesso em: 19/10/2020.

SNAS - Secretaria Nacional de Assistência Social. Serviço de Informação ao Cidadão - Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/acessoainformacao/pt-br/falabr>> Acesso em 28/07/2020.

A tendência musicalizante: uma audaciosa proposição conceitual acerca da inclinação inata do ser humano a se expressar e contemplar a si mesmo e seu entorno no nível sonoro-musical

Diêgo Melo Oliveira

Resumo: neste ensaio exploramos uma possível conceituação de um fenômeno fundamental em musicoterapia: a capacidade de todo ser humano, em qualquer condição cognitiva, cultural ou motora, conseguir de alguma forma interagir através dos sons e da música, e esta interação causar efeitos terapêuticos nos participantes. Indo além, fizemos uma relação com a tendência atualizante de Carl Rogers, que postula sobre uma força inata no ser humano que tende ao seu desenvolvimento pleno, assim, analogamente, postulamos sobre uma possível tendência musicalizante relacionada à experiência sonoro-musical e seus efeitos terapêuticos. A tendência musicalizante é uma força que pode levar a pessoa a uma maior integração sonoro-musical a nível imediato e holístico, e o musicoterapeuta pode facilitar o florescimento desta força através da improvisação musical não-diretiva.

Palavras-chave: Musicoterapia Improvisacional. Humanismo. Tendência atualizante. Metodologia não-diretiva.

The musicalizing tendency: an audacious conceptual proposition about the human being's innate inclination to express and contemplate themselves and their surroundings at the sound-musical level.

Abstract: in this essay we explore a possible conceptualization of a fundamental phenomenon in music therapy: the ability of every human being, in any cognitive, cultural or motor condition to somehow manage to interact through sounds and music, and this interaction to cause therapeutic effects in participants. Going further, it lists a relation with Carl Rogers' updating trend, which postulates about an innate force in the human being that tends to their full development, thus, similarly, we postulate about a possible musical trend related to the sound-musical experience and its therapeutic effects. The musicalizing tendency is a force that can lead the person to a greater sound-musical integration at an immediate and holistic level, and the music therapist can facilitate the flowering of this force through non-directive musical improvisation.

Keywords: Improvisational music therapy. Humanism. Updating trend. Non-directive methodology.

Introdução

A hipótese que traçamos neste ensaio é de que assim como na psicologia humanista de Carl Rogers a noção de tendência atualizante permite uma determinada metodologia não-diretiva na psicoterapia, a adequação deste mesmo conceito ao nível sonoro-musical da experiência musicoterápica, nomeado aqui de tendência musicalizante, também fortalece a metodologia improvisacional e não-diretiva em Musicoterapia.

Em muitos casos a suposta tendência musicalizante emerge de uma forma aparentemente não-intencional, espontânea e surpreendente. Como a criança que deixa cair

um objeto produzindo um ruído rítmico que se inseriria com perfeição na pauta rítmica da obra musical improvisada realizada naquele momento.

Dada a observação de fenômenos como esse nos meus atendimentos em musicoterapia e o estudo de n relatos de sessões disponíveis na literatura, surgiu a hipótese de que haveria uma potência musical inata em cada pessoa e que esta capacidade tende à experiencição de fenômenos musicais no sentido de contemplar e participar ao mesmo tempo da beleza da música como seja possível no dado momento. Mesmo em casos de pessoas em coma, onde aparentemente a pessoa não mais interage com o meio, há inúmeros relatos de respostas significativas ao som e à música. (PUGGINA *et al.*, 2005)

A manifestação de estar imerso (na) e experienciar (a) música

É o experimentar integralmente, participar ativamente, estar imergido na música, é este sentimento de pertença e atitude criativa coativa que é em si terapêutico. Como diz André Brandalise na sua expressão: ‘estar na música’, que no contexto musicoterápico se percebe quando “terapeuta e paciente [estão] vivendo/sendo da forma mais intensa possível suas Experiências Criativas na Música” (BRANDALISE, 2003, p. 20 *apud* PIAZZETTA, 2008 p.2; FREIRE, 2019)

Contudo, este viver a música não se dá apenas nos padrões estéticos tradicionais da concepção ocidental do que é música, que a enquadra como uma sequência organizada de sons e silêncios pré-definidos ou dentro de regras harmônicas também já convencionadas. A noção de música contemporânea, trabalhada desde meados do século passado, inclui dimensões sonoras como o ruído, o gesto e a própria sonoridade não-intencional do ambiente interior e exterior ao *setting* terapêutico. E este material sonoro pode e deve ser acolhido e significado na prática da musicoterapia (BARANOW, 2002)

A partir dessa compreensão contemporânea ampla do que seja música e da noção de que viver/experienciar a música é em si terapêutico, podemos deduzir que a experiência coativa em musicoterapia improvisacional é a manifestação duma condição e potencial latente no humano que tende à integração holística do organismo. E pode ser expressa e percebida nas interações sonoras complexas ocorridas numa sessão musicoterápica, na qual todos os componentes sonoros, interno e externos, intencionais ou não, conscientes ou não, podem ser contemplados como uma verdadeira obra musical carregada de significados, emoções e sensações que muitas vezes extrapolam a lógica- racional e atravessam os campos do poético, do intuitivo e do transcendental.

Uma possível derivação conceitual

Paul Nordoff and Clive Robbins já mencionaram décadas atrás um conceito sobre uma certa musicalidade central e inata que eles perceberam estar presente nas crianças que eles atendiam enquanto musicoterapeutas. Posteriormente, este conceito conhecido como *music child* (ou criança musical traduzido em português literalmente) foi ampliado para algo comum em todo ser humano e foi relacionado à noções de saúde potencial latente no ser humano. (FREIRE, 2019)

Contudo, o conceito que propomos difere da noção de *music child*, é sobre algo como uma constante no organismo humano que tende à interação e expressividade sonoro-musical como um elemento fortalecedor e enriquecedor da experiência de sentir-se vivo, se refere a algo que emerge e desabrocha, como uma força perene, não passa a ideia de uma criança musical que se desenvolve e deixa de ser criança.

Segundo a Abordagem Centrada na Pessoa, teoria tida como principal fruto intelectual de Carl Rogers, “todo organismo é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento” (ROGERS & KINGET, 1979, p.159). Esta é uma das conceituações possíveis do termo tendência atualizante. Qual seria a de tendência musicalizante?

Somados a esta noção fundamental, os pilares da psicoterapia rogeriana consistem em três condições ideais necessárias para que esta força autocuradora aflore e se fortaleça no indivíduo, trazendo-lhe crescimento pessoal e superação do sofrimento psíquico, são as seguintes: aceitação incondicional, empatia e congruência.

Sob a ótica interdisciplinar, e partindo do pressuposto da existência da tendência musicalizante, podemos nos perguntar: quais seriam as condições facilitadoras a nível sonoro-musical para que, no *setting* musicoterápico, participante e terapeuta possam experienciar o afloramento desta tendência e de seus efeitos integrativos e terapêuticos?

Perspectivas para a prática e desenvolvimento do conceito de Tendência Musicalizante

Através da prática musicoterápica, estudos formais e informais, racionais e intuitivos, reflexões, categorias e poéticas oriundas do estudo e vivência do ser musicoterapeuta, é que vimos a necessidade de lançar a ideia de Tendência Musicalizante, inspirados na metodologia e ética da complexidade de Edgar Morin. Através da qual a conceituação e exploração de

hipóteses teórico-práticas no fazer cotidiano se mostram como metodologia ativa de criar e descobrir a própria ciência que descobre e recria a realidade enquanto prática pessoal e coletiva, manifestando-se como sujeito e objeto singular e ao mesmo tempo teórico e prático, onde *poiesis* científica e poética se misturam para tecer a malha cognoscível de nosso universo incognoscível. (MORIN, 2015)

Estudar que meios e que condições facilitadoras fomentam o afloramento, consolidação e eficácia terapêutica da tendência musicalizante nas pessoas podem ser alvos de estudos futuros. O desenvolvimento filosófico do que significa, antropologicamente, a tendência à integração experiencial sonoro-musical do indivíduo também podem compor estudos teóricos acerca deste termo.

Relatos de experiência que aliem observação e conceituação da expressividade desta tendência musicalizante também podem vir a compor ramificações e desenvolvimentos deste conceito em vistas à fundamentar e enriquecer a prática do musicoterapeuta improvisacional de viés humanista.

Referências

- BARANOW, Ana Lea Maranhão. Musicoterapia, Material Sonoro e Música Contemporânea. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano V, número 6, 2002.
- FREIRE, Marina Horta. **Estudos de musicoterapia improvisacional musicocentrada e desenvolvimento musical de crianças com autismo**. Belo Horizonte, 2019. 165f. Tese (Doutorado em Educação Musical). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música, 2019.
- MORIN, Edgar. **O Método: O Conhecimento do Conhecimento**. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PIAZZETA, Clara Márcia de Freitas. **Música em musicoterapia na abordagem músico-centrada: uma visão cognitivista**. Anais do SIMCAM4 – IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais, maio 2008.
- PUGGINA, Ana Paula Griesbrecht *et al.* **A percepção auditiva nos pacientes em estado de coma: uma revisão bibliográfica**. *Acta Paulista de Enfermagem*, 18(3), 313- 319., 2005.
- ROGERS, Carl. & KINGET, Marian. **Psicoterapia e relações humanas: teoria e rática da terapia não-diretiva**. 2ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, vol 1, 1979.

Análise do domínio “Cognição” do protocolo Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP)

Alexandra Monticeli
Ângela Pinheiro
Karina Marques
Rodrigo Viana

Resumo: Investigou-se se uma série de atividades criadas para avaliar o domínio “Cognição” do protocolo IMTAP em relação a uma bateria formada por instrumentos psicológicos normalmente utilizados em avaliação cognitiva da leitura, com a intenção de verificar a eficiência do instrumento. Com base nas relações inferidas entre linguagem musical e a linguagem escrita e nos estudos sobre a intervenção musical na dislexia, explorou-se a possibilidade de que as crianças identificadas em risco de dislexia pudessem apresentar algum comprometimento no domínio “Cognição” do IMTAP, domínio que avalia o maior número de constructos similares aos itens avaliados nos instrumentos psicológicos. As expectativas do estudo não foram confirmadas, sugerindo que os constructos avaliados pelo IMTAP são diferentes dos constructos dos outros testes utilizados.

Palavras-chave: Musicoterapia. Análise. IMTAP. Transtornos Específicos de Aprendizagem. Música.

Analysis of the “Cognition” domain of the Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP) protocol

Abstract: *Was investigated whether a series of activities created to evaluate the “Cognition” domain of the IMTAP protocol in relation to a battery formed by psychological instruments normally used in cognitive assessment of reading, with the intention of verifying the efficiency of the instrument. Based on the relationships inferred between musical language and written language and on studies on musical intervention in dyslexia, the possibility that children identified at risk of dyslexia could present some impairment in the “Cognition” domain of IMTAP, which evaluates the largest number of constructs similar to the items evaluated in the psychological instruments. The study's expectations have not been confirmed, suggesting that the constructs evaluated by IMTAP are different from the constructs of the other tests used.*

Keywords: *Music therapy. Analysis. IMTAP. Specific Learning Disorders, Music.*

Introdução

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o conceito de Transtornos Específicos de Aprendizagem (TEAp) inclui as seguintes condições de transtornos: Dislexia, Dificuldades de Compreensão de Leitura, Dificuldades de Soletração e/ou com a Expressão Escrita e a Discalculia. Esses transtornos têm em comum muitas características, tais como procedência biológica e impacto no neurodesenvolvimento da criança e em sua aprendizagem da leitura, na escrita e/ou cálculo matemático, habilidades desenvolvidas na fase escolar. Para se chegar a um diagnóstico, o DSM-5 estabelece uma combinação de quatro critérios (A, B, C e D) e um especificador da área do comprometimento para traçar o perfil do indivíduo.

O interesse em pesquisar a relação entre habilidades musicais e as habilidades de leitura e escrita, vem crescendo nos últimos anos (GORDON et al., 2015). Já é possível encontrar estudos onde vemos relatos de treinamento musicais relacionados com melhoras no âmbito acadêmico (FISCHER, 2001), bem como pesquisas buscando entender os mecanismos que estão envolvidos na ligação entre habilidades musicais e a linguagem oral/escrita (PERETZ, 2015).

Por mais que alguns estudos já tenham sido conduzidos aplicando a música em pessoas que apresentam TEAp, é possível notar que em sua maioria eles são pautados na área da educação musical. Não foi identificada pesquisa finalizada que vise demonstrar experimentalmente se a musicoterapia pode vir a trazer alguma forma de auxílio no processo de melhora de tais transtornos. No entanto, antes de se conduzir um estudo de intervenção, é necessário que se tenha um instrumento confiável para se aferir as aptidões musicais antes e depois da intervenção na situação de pré e pós-teste. Considerando a relação entre a linguagem musical e a linguagem escrita e os possíveis efeitos da musicoterapia na melhora de habilidades subjacentes à leitura (ex., ritmo e consciência fonológica), torna-se de interesse investigar a possibilidade do domínio “Cognição” do *Individualized Music Therapy Assessment Profile* (IMTAP) ser útil para a identificação de crianças em risco de apresentar o TEAp de leitura, e consequentemente, Dislexia.

The Individualized Music Therapy Assessment Profile – IMTAP

O IMTAP é um protocolo que avalia o estado em que o indivíduo se encontra em dez domínios. São eles: musicalidade, comunicação expressiva, comunicação receptiva/percepção auditiva, interação social, motricidade ampla, motricidade fina, motricidade oral, cognição, habilidade emocional e habilidade sensorial. Seus resultados traçam o perfil do indivíduo, enfatizando os seus pontos fortes e as áreas em que mostra maior dificuldade. Sua aplicação pode acontecer em apenas um encontro – caso apenas um domínio seja avaliado – ou em vários encontros, além de apreciação do caso por gravações ou vídeos. Por isso, o protocolo não é utilizado para fazer diagnósticos e nem para a comparação entre sujeitos, permitindo apenas avaliar a mesma pessoa em diferentes momentos, indicando suas áreas com maiores potenciais e com maiores dificuldades. Baxter et al. (2007) chamam atenção para a grande versatilidade de utilização desse protocolo no que diz respeito às faixas etárias das pessoas que podem ser submetidas a ele (crianças, adolescentes e adultos) e à sua recomendação de aplicação tanto em pessoas sem uma queixa determinada ou com distúrbios diagnosticados.

No Brasil, Silva et al. (2013) traduziram o IMTAP e proveram validade de conteúdo para toda a versão brasileira do instrumento e validade convergente para apenas um de seus domínios: “comunicação expressiva”. Embora os autores se refiram a essa versão como “Escala IMTAP”, neste trabalho optou-se pela utilização do nome “Protocolo IMTAP”, uma vez que seus parâmetros são melhor inseridos neste tipo de denominação. (COLUCI et al., 2015).

Neste trabalho, nos focamos no domínio “cognição” do IMTAP. Nele, encontram-se os subdomínios “memória” e “atenção”, que podem ser úteis em avaliações em crianças com o TEAp. Os itens de tais subdomínios devem ser construídos de forma a testar a memória de curto e longo prazo, atenção focada e dividida, dentre outras habilidades, tais como a capacidade de tomada de decisão e de seguir instruções, essa última também deficitária em crianças com dislexia.

As atividades utilizadas no IMTAP não são prescritas ou precisam seguir uma abordagem específica. Cabe ao musicoterapeuta aplicar uma atividade que ele julgue pertinente para evidenciar aquele domínio buscado em seu paciente. Entretanto, neste trabalho, foi aplicada uma sequência de atividades pré-estabelecidas, respeitando um mesmo padrão, evitando, dessa forma, tendenciosidade e imprecisões.

Metodologia

Uma amostra de 30 alunos do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública na cidade de Belo Horizonte serviu como local para aplicação da pesquisa. A escolha por alunos cursando o segundo ano escolar deveu-se à determinação do Ministério da Educação (MEC) de que o processo de alfabetização deve estar efetivado até o 2º ano do Ensino Fundamental, como descrito na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de acordo com a Resolução CNE/CP nº 2 (2017).

A pesquisa obteve aprovação pelo Comitê de Ética de Pesquisa (COEP – UFMG) sob o número de registro 10729619.7.0000.5149. Todos os alunos levaram para casa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias: uma via para a assinatura dos pais ou responsáveis e outra para a assinatura de consentimento do próprio participante. A aplicação dos instrumentos ocorreu em dois encontros.

Instrumentos

Medidas para a avaliação da inteligência não verbal e de medidas para o levantamento de suspeita de risco de dificuldade de aprendizagem da leitura:

- IMTAP – domínio “Cognição” (BAXTER et al., 2007)
- Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – MPCR – Raven (RAVEN, 1949)
- Subteste Dígitos da Escala de Inteligência Wechsler para Crianças – WISC-IV (WECHSLER, 2013)

Medidas para o levantamento de suspeita de risco de dificuldade de aprendizagem da leitura:

- Bateria Psicológica para Avaliação da Atenção (BPA – RUEDA et al., 2013)
- Teste de Repetição de Pseudopalavras para Crianças Brasileiras (BCPR – SANTOS E BUENO, 2003)
- Tarefas de Nomeação Seriada Rápida (NSR – DENCKLA E RUDEL, 1974)
- Teste de Leitura e Compreensão de Sentenças (TELCS – VILHENA et al. 2016, VILHENA E PINHEIRO, 2020)

Resultados e discussão

O objetivo geral da pesquisa, prover validade convergente para o IMTAP-Cog, não foi atingido. Isso pode significar que as atividades elaboradas nessa pesquisa para medir “Cognição” não tenham abrangido o mesmo construto dos instrumentos utilizados para medir funções cognitivas equivalentes, tais como diferentes tipos de atenção (avaliadas pelo BPA) e recordação de curto prazo (avaliada pelo subteste Dígitos do WISC e pelo BCPR). Esses resultados apontam para a necessidade de maior domínio do construto subjacentes às atividades propostas e sua articulação com as especificidades da área de musicoterapia.

O IMTAP, o instrumento da área identificado como o mais avançado, apesar de ter introduzido a quantificação dos escores, falha por não se desvincular das limitações da área de musicoterapia. Assim, mantém a flexibilidade na elaboração (ou escolha) das atividades e de procedimentos. Mostra inclusive, falta de clareza nas instruções desses procedimentos, o que causa confusão e dúvidas no entendimento dos enunciados das atividades, além da sensação de repetição de tópicos (quando toda a escala é aplicada), conforme relato dos musicoterapeutas do estudo de Salokivi (2012), por exemplo. Todas essas limitações, somadas à ausência de expectativas sobre o desempenho esperado com base em grupos de referência pautados em faixas etárias, tornam temerárias a utilização do instrumento em sua íntegra ou por domínio na pesquisa.

A liberdade de criação de atividades proporcionadas pelo IMTAP torna o seu conteúdo subjetivo e mutável, o que dificulta a sua comparação com as medidas que têm seus construtos bem definidos.

Considerações finais

A musicoterapia ainda é uma área carente de materiais, estudos e instrumentos. A cada dia, musicoterapeutas lutam para alterar esta realidade que traz consequências injustas para todos envolvidos. Trabalhos como este reforçam a necessidade de mais pesquisas, desenvolvimentos e sistematizações dos instrumentos e procedimentos utilizados, para que um dia essa forma de terapia seja reconhecida como instrumento necessário e indispensável no trabalho de diagnósticos e tratamentos de indivíduos que tenham as mais variadas queixas e necessidades.

Em relação à presente pesquisa, as atividades desenvolvidas não alcançaram o êxito esperado. Para estudos futuros, é necessário que esforços sejam feitos para a criação de atividades definidas e testáveis, não só para o domínio “Cognição” da IMTAP, mas para todos os outros domínios do protocolo. Sugerimos também que se trabalhem com amostras maiores, em períodos longitudinais. Mais um incentivo de pesquisa seria o desenvolvimento de expectativas de desempenho com base em grupos de referência pautados em faixas etárias.

Conclui-se assim que a flexibilidade na criação das atividades do IMTAP pode ser um fator complicador ao se considerar processos de validação. Ressalta-se a importância então de se haver

instruções bem construídas para que o musicoterapeuta saiba a melhor forma de se construir uma atividade que avalie de forma eficaz os domínios e/ou subdomínios considerados.

Referências

APA – American Psychiatric Association. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5**. 5. ed. Washington, D.C.: American Psychiatric Association. 2013.[edição brasileira: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5.ed. Trad. M. I. C. Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed, 2014].

BAXTER, H. T., BERGHOFER, J. A., MACEWAN, L., NELSON, J., PETERS, K., ROBERTS, P. **The Individualized Music Therapy Assessment Profile: IMTAP**. London: Jessica Kingsley Publishers. 2007.

COLUCI, M. Z. O., ALEXANDRE, N. M. C., MILANI, D. **Construção de instrumentos de medida na área da saúde**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20, 925-936. 2015.

Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Recuperado em 10 de setembro de 2019, de http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/RESOLUCAOCNE_CP222D_DEZEMBRODE2017.pdf.

DENCKLA, M., RUDEL, R. **Rapid “Automatized” Naming of pictured objects, colors, letters and numbers by normal children**. In *Cortex*, 10, pp. 186-202. 1974.

FISHER, D. **Early language learning with and without music**. *Reading Horizons*, 42(1), 4049. 2001.

GORDON, R. L., FEHD, H. M., MCCANDLISS, B. D. **Does music training enhance literacy skills? A meta-analysis**. *Frontiers in Psychology*, 6, 1777. 2015.

PERETZ, I., VUVAN, D., LAGROIS, M. E., ARMONY, J. L. **Neural overlap in processing music and speech**. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological sciences*, 370, 20140090. 2015.

RAVEN, J. C. **Progressive matrices (1947), sets A, Ab, B: board and book forms**. London: Lewis. 1949.

RUEDA, F. J. M. **Bateria Psicológica para Avaliação da Atenção – BPA**. São Paulo: Vetor. 2013.

SALOKIVI, M. **The individualized music therapy assessment profile as an initial assessment tool of social emotional functioning**. 2012.

SANTOS, F. H.; BUENO, O. F. A. **Validation of the Brazilian Children’s Test of Pseudoword Repetition in Portuguese Speakers Aged 4 to 10 Years**. *Braz J Med Biol Res* 36(11), p. 1533-1547. 2003.

SILVA, A. M., GATTINO, G. S., ARAUJO, G. A., MARIATH, L. M., RIESGO, R. S., SCHULER-FACCINI, L. **Tradução para o Português Brasileiro e Validação da Escala Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP) para uso no Brasil**. *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Ano XV, nº14. 67-80. 2013.

VILHENA, D. A., SUCENA, A., CASTRO, S. L., PINHEIRO, Â. M. V. **Reading Test-Sentence Comprehension: An adapted version of Lobrot's Lecture 3 Test for Brazilian Portuguese.** *Dyslexia*, 22(1),47-63. doi: 10.1002/dys.1521. 2016.

VILHENA, D. A., PINHEIRO, Â. M. V. **Reliability, Validity and Standardization of the Reading Test: Sentence Comprehension [Fidedignidade, Validade e Normatização do Teste de Leitura: Compreensão de Sentenças].** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, no prelo. 2020.

WECHSLER, D. **Escala de Inteligência Wechsler para Crianças: WISC-IV. Manual de instruções para aplicação e avaliação.** Adaptação e Padronização Brasileira: Rueda, F. J. M., Noronha, A. P. P., Sisto, F. F., Santos, A. A. A., Castro, N. R. C. 4ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2013.

Atendimentos Musicoterapêuticos Remotos na Associação Brasileira de Esclerose Tuberosa: um relato de experiência

Guilherme Afonso Silva de Resende
Matheus Rodrigues Coelho
Gerson Alan de Oliveira Marques
Verônica Magalhães Rosário

Resumo: O presente trabalho apresenta um relato de experiência, ainda em curso, dos atendimentos musicoterapêuticos realizados por meio de tecnologias de informação e comunicação na Associação Brasileira de Esclerose Tuberosa (ABET). Inserido em um projeto de extensão universitária, a experiência relatada corresponde à atividades realizadas por musicoterapeutas estagiários com pessoas diagnosticadas com Esclerose Tuberosa que continuam frequentando presencialmente a instituição. São descritos três grupos de atendimentos musicoterapêuticos e os desafios encontrados nos atendimentos remotos.

Palavras-chave: Musicoterapia. Esclerose Tuberosa. Atendimentos remotos. Extensão universitária.

Remote Music Therapy Assistance at the Brazilian Tuberos Sclerosis Association: an experience report

Abstract: *The present work presents an account of the experience, still in progress, of the music therapy services performed through information and communication technologies at the Brazilian Association of Tuberos Sclerosis. Inserted in a university extension project, the experience reported corresponds to activities carried out by music trainee interns with people diagnosed with Tuberos Sclerosis who continue to attend the institution in person. Three groups of music therapy services and the challenges encountered in remote services are described.*

Keywords: *Music Therapy. Tuberos Sclerosis. Remote assistance. University extension.*

Introdução

A Esclerose Tuberosa (ET) é uma desordem genética que pode gerar tumores benignos em diversos órgãos. As manifestações mais frequentes acometem pele, rins e cérebro (APONTE et al., 2013). Observa-se uma grande variedade de característica entre as pessoas diagnosticadas, desde prejuízos leves, como alterações cutâneas, até comprometimentos graves, incluindo crises convulsivas, deficiência intelectual e autismo (KOHRMAN, 2012). A ABET é a única associação no Brasil criada para apoiar pacientes com ET e suas famílias. Sua missão é promover a inclusão social e proporcionar qualidade de vida às pessoas com ET. (ABET, 2013).

A Musicoterapia tem sido oferecida na ABET por meio da extensão universitária. O projeto foi delineado para promover atendimentos musicoterapêuticos semanais com quarenta minutos de duração cada, organizados em duas sessões em grupos mistos (crianças com diferentes diagnósticos) e quatro sessões individuais destinadas a crianças com ET (SILVA et al, 2017). Com a pandemia de COVID-19, as atividades presenciais da universidade foram temporariamente suspensas. No entanto, a

partir de agosto, as atividades de ensino foram retomadas de forma remota, incluindo os atendimentos musicoterapêuticos de projetos de extensão que puderam ser oferecidos por meio digital. Tais atendimentos seguiram as Diretrizes Nacionais de Atendimentos Musicoterapêuticos Mediados por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) elaboradas pela União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM, 2020). O objetivo do presente trabalho é apresentar um relato parcial do trabalho de Musicoterapia que vêm sendo realizado na ABET durante o período de atendimento remoto emergencial.

Metodologia

Atualmente, os atendimentos musicoterapêuticos têm sido restritos às pessoas com ET que permaneceram frequentando a ABET presencialmente. Ao todo, foram atendidos sete pacientes, sendo que duas crianças compareceram em apenas uma sessão. Somente uma das pacientes já havia sido atendida pela Musicoterapia anteriormente. Todos os participantes são acompanhados por um responsável e as sessões contam com o apoio presencial de um profissional da instituição.

São realizadas três sessões que ocorrem de forma semanal desde o mês de setembro. Cada sessão é conduzida por um estagiário distinto, tendo a duração de 20 minutos. Uma sala na instituição foi designada para os atendimentos, sendo especialmente adaptada com telão, projetor, caixa de som e computador. Os instrumentos musicais disponíveis incluem pandeiro, tambor, baqueta, caxixi, pandeiro, meia lua e maraca.

No primeiro encontro virtual foi realizada a avaliação inicial dos pacientes e uma entrevista com os responsáveis para o preenchimento da ficha musicoterapêutica. A partir de então, foi traçado um plano de tratamento individual. Com a permissão dos responsáveis, os atendimentos são gravados em vídeo e discutidos em supervisões semanais. São observadas a postura do musicoterapeuta estagiário, as reações do paciente aos estímulos musicais e atividade realizadas, bem como às circunstâncias relacionadas ao ambiente e ação do acompanhante.

Resultados e Discussão

Os resultados parciais serão apresentados e discutidos em três grupos, cada qual relacionado com o atendimento de um estagiário. Intervenções com pacientes atendidos apenas uma vez não serão apresentadas, uma vez que não houve possibilidade de avaliação de um processo musicoterapêutico. Os nomes dos pacientes são fictícios, tendo sido trocados para preservação da identidade dos mesmos.

Atendimento 1

Olga é uma paciente de 35 anos que já é atendida pela Musicoterapia há 15 anos. Não apresenta linguagem verbal e demonstra dificuldades de interação. Seguindo o padrão dos

atendimentos presenciais com essa paciente, as sessões foram estruturadas com atividades receptivas. Os objetivos são manter o estado de alerta e estimular a atenção compartilhada. As atividades realizadas que mais captaram a atenção da Olga, foram: (1) apresentação do clipe em desenho animado da música “Aquarela” interpretada por Toquinho que, segundo sua mãe, Olga gostava de ouvir; (2) apresentação de um clipe elaborado pelo estagiário com fotos da paciente e sua mãe. Paralelamente, o musicoterapeuta cantou e tocou no violão a música “Quem sabe isso quer dizer amor”, de Milton Nascimento. Este foi o momento, dentre todas as sessões de Musicoterapia realizadas por meio remoto, em que a paciente ficou mais atenta, olhando para as fotos durante toda apresentação.

A partir da quarta sessão, Joana, passou a integrar os atendimentos juntamente com Olga. Joana é uma menina de 4 anos que inicialmente mostrou-se ligeiramente desatenta. Posteriormente, a paciente passou a se engajar nas atividades, sugerindo partes do corpo, executando os movimentos e fazendo pausas quando solicitado. Com os instrumentos musicais, conseguiu sustentar a produção sonora e repetir ritmos sem dificuldade. Apesar da dificuldade na fala, Joana mostrou-se muito comunicativa. Nem sempre foi possível compreender sua fala, mas seu desejo de comunicação verbal foi importante para traçar o objetivo de trabalhar a vocalização e a emissão de fonemas dentro de um contorno melódico.

Atendimento 2

Jorge é um garoto de 6 anos de idade que, apesar de gostar muito de música, irrita-se facilmente com barulhos e ruídos altos. Apresenta habilidades motoras e cognitivas bem preservadas, mas observou-se um pouco de dispersão durante as atividades iniciais. Os objetivos traçados foram de estimular a comunicação, expressividade, criatividade e memória. Nas primeiras sessões o paciente demonstrou muita dependência da mãe, que participa das sessões. Porém, no decorrer dos atendimentos Jorge foi se soltando, expressando-se mais, respondendo de forma independente às dicas da mãe, sugerindo canções que ele gostasse e lembrando de músicas das sessões anteriores. Dois momentos foram bastante marcantes no processo terapêutico com Jorge: (1) a incorporação de uma ideia sugerida pelo paciente de cantar a música do seu super herói favorito (homem aranha); (2) a sugestão do paciente de cantar a música do seu time de futebol. Nesses momentos, Jorge demonstrou grande engajamento, sorrindo, cantando, tocando, estabelecendo contato visual e realizando movimentos corporais e faciais.

Atendimento 3

Sara, de dois anos de idade, estava bastante sonolenta na avaliação inicial. O principal objetivo traçado foi estimular a vocalização e a interação entre paciente e musicoterapeuta. Sara apresenta-se frequentemente dispersa. Desta forma, uma das estratégias utilizadas para chamar a sua atenção tem sido a apresentação de vídeos com desenhos e músicas que ela gosta. No decorrer dos atendimentos,

Sara tem aumentado sua interação com o terapeuta, realizando boa parte das atividades propostas, inclusive tocando instrumentos musicais com o auxílio da mãe. Comportamentos de agrado, como o sorriso, tem sido cada vez mais frequentes.

Luna, de dois anos, começou a participar dos atendimentos a partir da terceira sessão realizada com Sara. Os objetivos musicoterapêuticos traçados com ambas são semelhantes: estimular a vocalização, a atenção e a interação com o musicoterapeuta. Luna realiza movimentos com membros superiores que parecem involuntários e aleatórios, além de pouca concentração e de interação. Como Luna participou de apenas dois atendimentos, ainda não foi possível observar alterações consideráveis no processo evolutivo.

Considerações Finais

A opção dos atendimentos remotos trouxe a oportunidade de continuidade dos trabalhos de ensino, extensão e pesquisa que são necessários tanto para a formação dos musicoterapeutas estagiários quanto para a reabilitação dos pacientes. Porém, não podemos deixar de considerar o quanto que a situação vivida por conta da pandemia acarretou mudanças no estilo de vida, ameaças ao bem-estar emocional e um esforço de adaptação à nova realidade.

A coleta de informações tem sido um ponto desafiador nesta experiência, pois nem sempre há condições de se ter um equipamento de qualidade para a captação de áudio e vídeo. O espaço pode influenciar também nesta coleta, levando em consideração a privacidade ou a presença de ruídos no local. A disponibilidade de equipamentos varia a cada encontro, já que a instituição, mesmo se esforçando para que as atividades musicoterapêuticas aconteçam, não possui tantos recursos para fornecer equipamentos exclusivos para os atendimentos de Musicoterapia.

O *delay* na transmissão, comum nas conexões de vídeo-chamadas, tem prejudicado a avaliação do ritmo e a interação. O fato da imagem ser apresentada em um telão e o som transmitido por caixas de som distintas, dificulta a orientação temporo-espacial do paciente e interação. Às vezes tem-se a impressão de que os pacientes não conseguem identificar a relação do som com a imagem do terapeuta apresentada no telão. Em suma, considerando o caráter emergencial da pandemia, os atendimentos têm sido muito importantes para a continuidade das atividades, porém, observamos prejuízos importantes no processo musicoterapêutico em relação aos atendimentos presenciais.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCLEROSE TUBEROSA (ABET). **Esclerose tuberosa: cartilha de orientação**. Belo Horizonte, 2013.

APONTE, N.; CAMPOS, J.; APONTE, N.; RAMIREZ, M. Complejo esclerosis tuberosa. A proposito de um caso. **Archivos Venezolanos de Puericultura y Pediatría**; vol 75 (4): p.121-125, 2012.

KOHRMAN, Michael H. Emerging Treatments in the Management of Tuberous Sclerosis Complex. **Pediatric Neurology**, 46, p. 267-275, 2012.

SILVA, A.; DIONÍZIO, L.; FERREIRA, R.; ROSÁRIO, V. A Musicoterapia na Associação Brasileira de Esclerose Tuberosa. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XIX. Edição Especial, 2017.

UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA (UBAM). **Diretrizes Nacionais de Atendimentos Musicoterapêuticos Mediados por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)**, 2020.

Encontros Musicais como estratégia interdisciplinar de cuidado: uma revisão integrativa

Leila Brito Bergold

Alana Galvão Costa Guimarães

Resumo: Os Encontros Musicais se caracterizam como uma abordagem grupal que faz uso da escuta de canções, do canto coletivo e da conversa, como intervenção para a promoção do diálogo e do compartilhamento de sentimentos e memórias entre os participantes. Trata-se de uma Revisão Integrativa realizada em outubro de 2020. Resultados apontam que é uma estratégia interdisciplinar de cuidado que promove acolhimento, diálogo e humanização da assistência.

Palavras-chave: Música, Musicoterapia, Interdisciplinaridade, Humanização da assistência

Musical Encounters as an interdisciplinary strategy care: an integrative review

Abstract: *Musical Encounters (EM) are characterized as an grupal approach that uses listening to songs, collective singing and conversation, as a means of intervention to promote dialogue and the sharing of feelings and memories among participants. This is an Integrative Review carried out in 2020 October. Results indicate that it is an interdisciplinary care strategy that promotes welcoming, dialogue and humanization of care.*

Keywords: *Music, Music Therapy, Interdisciplinarity, Humanization of Assistance,*

Introdução

Há situações clínicas ou psicossociais que dificultam a expressão verbal devido a comprometimentos emocionais ou isolamento social. Essa condição pode dificultar a identificação de demandas em saúde e/ou a manutenção da interação social (BATISTA et al, 2018). A música pode tornar o ambiente mais acolhedor e auxiliar pacientes a sentirem-se parte de um grupo de convívio social. Assim, os Encontros Musicais (EM) foram desenvolvidos como abordagem que utiliza canções compartilhadas e conversa para a promoção de diálogo e compartilhamento de vivências e sentimentos entre os participantes (BERGOLD; ALVIM, 2011).

Objetivos

Descrever abordagens utilizadas nos Encontros Musicais encontradas em artigos científicos. Analisar os efeitos dos EM nos diferentes contextos assistenciais.

Metodologia

Pesquisa em andamento com base em Revisão integrativa, cuja busca foi realizada em outubro de 2020. Para auxiliar na busca de evidências foi utilizada a estratégia PICO (Paciente, Intervenção, Comparação, Outcomes/Resultados). Foram estabelecidos: Paciente - Pessoas participantes de Encontros Musicais Grupais; Intervenção - Escuta de música, canto coletivo e conversa; Outcome/Resultados - Avaliação dos efeitos dos Encontros Musicais. O elemento de comparação não se aplicou na presente questão. A pergunta de pesquisa foi definida como: que efeitos os Encontros Musicais produziram sobre a saúde e bem estar de grupos de pacientes nos diferentes contextos em que foi desenvolvida?

As bases de dados foram definidas no Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), na Medical Literature Analysis and Retrieval System - MEDLINE por meio do Portal do Pubmed, através do Portal de Periódicos do Google (Google Scholar) e no Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Foi estabelecido o recorte temporal de 2011 a 2020 e critérios de inclusão: textos completos publicados em periódicos em qualquer idioma. Critérios de exclusão: textos incompletos, outras revisões, artigos que não abordassem o cuidado em saúde, teses e dissertações.

Foram encontrados, ao todo, 163 artigos que foram exportados para o software Rayyan (Qatar Computing Research Institute, QCRI) para auxiliar no processo de análise e seleção dos estudos. O fluxograma PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses) foi utilizado para registrar o total das buscas e processo de seleção dos estudos.

As 163 referências foram encontradas nas bases de dados: BVS (n = 16), Google Scholar (n = 138), Medline/Pubmed (n = 3), Scielo (n = 6). Após a remoção dos registros duplicados, restaram 133 artigos. Foram excluídos 120 por título e resumo, restando 13 estudos para leitura de texto completo. Outros 5 estudos foram excluídos após leitura integral do texto. O resultado da busca até o momento foi 8 artigos.

Resultados e Discussão

Os resultados preliminares apontam que os Encontros Musicais ocorreram em diferentes espaços: Setor de Quimioterapia de Hospital Geral, Casa de apoio a pacientes oncológicos e seus familiares, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Houve predominância de estudos envolvendo pacientes oncológicos e seus familiares (6), usuários de um CAPS (1) e idosos residentes em ILPI (1). Esses dados apontam a possibilidade dos EM ocorrerem em diferentes locais e com diversos perfis de participantes, havendo em comum entre eles a necessidade de um espaço para vivências mobilizadoras de expressão e diálogo. Essa estratégia favorece narrativas de vida, reflexões sobre o enfrentamento da condição clínica ou social e resgate de memórias e identidade dos envolvidos. A música foi apontada como um recurso terapêutico importante para o desenvolvimento da estratégia de cuidado.

Os profissionais ou estudantes envolvidos nas atividades foram: enfermeiro/músico, enfermeiro/musicoterapeuta, psicólogo, músico, estudantes de enfermagem, de psicologia e de música. Observou-se que todos os estudos abrangiam referências teóricas de musicoterapia junto com referências da própria formação profissional, caracterizando base teórica interdisciplinar.

A metodologia dos encontros incluiu músicas escolhidas pelos participantes (8), e somente a atividade com estudantes de música teve parte do repertório musical escolhido por eles. A música utilizada foi em sua maioria ao vivo, tendo por base o violão (7); e somente 1 estudo utilizou como base musical listas de músicas selecionadas no celular. Em todos os estudos, os integrantes cantavam junto com a música e em seguida ocorria diálogo entre os participantes, mediado por um facilitador, abrangendo histórias de vida e estratégias de enfrentamento ao vivido no momento.

Os resultados apontam que os EM foram um recurso terapêutico, promovendo acolhimento, conforto e bem estar. No contexto oncológico, além de estimular a expressão de pensamentos, sentimentos e conflitos, promoveu relatos de histórias de vida, compartilhamento de experiências, e trouxe reflexões sobre vida e espiritualidade, construindo uma dimensão integral do cuidado e humanização da assistência. Também contribuiu para a promoção da saúde, interação social, estímulo da memória e valorização da identidade dos idosos institucionalizados. Na perspectiva da saúde mental, contribuiu para desconstruir preconceitos, promover autonomia e ampliar a integração dos usuários do CAPS.

Quadro 1. Categorização dos estudos

Origem	Título	Objetivo	Ano de publicação
Scielo	1 - Influência dos encontros musicais no processo terapêutico de sistemas familiares na quimioterapia	Investigar a influência de música e narrativas no processo terapêutico de sistemas familiares participantes de EM durante a quimioterapia	2011
Google Scholar	2 - Encontro musical: estratégia de cuidado de enfermagem em quimioterapia para discutir adoecimento/morte	Analisar as concepções de participantes de EM na quimioterapia sobre a morte e os recursos utilizados para o seu enfrentamento.	2012
Scielo	3 - Encontros musicais como recurso em cuidados paliativos oncológicos a usuários de casas de apoio	Desvelar a percepção de usuários que vivenciam o câncer em uma casa de apoio, em relação aos EM	2013
Scielo	4 - Percepções de familiares de pessoas portadoras de câncer sobre encontros musicais durante o tratamento antineoplásico.	Desvelar a percepção de familiares de pacientes em tratamento antineoplásico em uma casa de apoio	2014
BVS	5 - Significados e sentidos da identidade musical de pacientes e familiares sob cuidados paliativos oncológicos	Desvelar os sentidos da identidade musical de pacientes sob cuidados paliativos oncológicos.	2014

Google Scholar	6 - Viver e Não Ter a Vergonha de Ser Feliz: Música e Produção de Sentidos num CAPS da Amazônia Ocidental	Descrever a importância da música no auxílio à reabilitação social de usuários de um CAPS I da região Amazônica.	2018
Google Scholar	7 - Música como Recurso Terapêutico no Hospital Oncológico: Relato de Experiência	Discutir a utilização da música como recurso terapêutico a pacientes oncológicos no hospital	2020
Google Scholar	8 - Encontro musical como estratégia de cuidado para a promoção da humanização em uma instituição de longa permanência para idosos	Descrever a implementação de EM em uma ILPI; discutir a relação dos EM com a humanização da assistência.	2020

Conclusão

Os EM se configuram como uma estratégia de cuidado interdisciplinar, que pode contribuir para o acolhimento e diálogo de pessoas na clínica oncológica ou em situação de vulnerabilidade social. O estudo precisa ser ampliado para investigar as possibilidades terapêuticas dos EM em outros cenários, mas até o momento aponta ser estratégia efetiva para a promoção da saúde na perspectiva ampliada do cuidado em saúde. Deve-se considerar a importância de desenvolver EM com equipe multiprofissional que inclua o musicoterapeuta para ampliar os recursos terapêuticos dessa estratégia e potencializar a integralidade da assistência em diferentes cenários.

Referências

BATISTA, Eraldo Carlos; FERREIRA, Dayane Fernandes; BATISTA, Luana Karoline da Silva; WESSLING, Edvania. Viver e Não Ter a Vergonha de Ser Feliz: Música e Produção de Sentidos num CAPS da Amazônia Ocidental. **PSI UNISC**, v. 2, n. 2, p. 162-176, 2018.

BERGOLD, Leila Brito; ALVIM, Neide Aparecida Titonelli. Influência dos encontros musicais no processo terapêutico de sistemas familiares na quimioterapia. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 20, n. SPE, p. 108-116, 2011.

BERGOLD, Leila Brito; LIMA, Roberta de; ALVIM, Neide Aparecida Titonelli. Encontro musical: estratégia de cuidado de enfermagem em quimioterapia para discutir adoecimento/morte. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 20, n. 6, p. 758-763, 2012.

GUIMARÃES, Alana Galvão Costa; NERO, Rafael Monte; PORTELA, Laryssa Cunha; TAETS, Gunnar Glauco de Cunto Carelli; ESPÍRITO SANTO, Fátima Helena do; BERGOLD, Leila Bergold. (2020). Encontro musical como estratégia de cuidado para a promoção da humanização em uma instituição de longa permanência para idosos. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 5, p. 13898-13916, 2020.

MARTINS, Alberto Mesaque; BALDUINO, Tatiane Batista. Música como Recurso Terapêutico no Hospital Oncológico: Relato de Experiência. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 12, n. 1, p. 148-160, 2020.

SILVA, Vladimir Araújo da; SALES, Catarina Aparecida. Encontros musicais como recurso em cuidados paliativos oncológicos a usuários de casas de apoio. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, n. 3, p. 626-633, 2013.

SILVA, Vladimir Araújo da; ALVIM, Neide Aparecida Titonelli; MARCON, Sonia Silva. Significados e sentidos da identidade musical de pacientes e familiares sob cuidados paliativos oncológicos. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 16, n. 1, 2014.

SILVA, Vladimir Araújo da; MARCON, Sonia Silva; SALES, Catarina Aparecida. Percepções de familiares de pessoas portadoras de câncer sobre encontros musicais durante o tratamento antineoplásico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 3, p. 408-414, 2014.

Estudo de Validação de conteúdo do Protocolo de Avaliação em Musicoterapia para Bebês Prematuros (PAMBP): Relato de pesquisa

Rhainara Lima Celestino Ferreira
Cybelle Maria Veiga Loureiro

Resumo: Este trabalho é um relato de uma pesquisa de mestrado em andamento que objetiva descrever o processo até a validação de conteúdo do Protocolo de Avaliação em Musicoterapia para Bebês Prematuros (PAMBP). O propósito deste estudo é apresentar toda a trajetória percorrida até então. Foi realizado um levantamento histórico do projeto que deu origem ao protocolo. Também foi realizada uma revisão bibliográfica para compreender o uso da Musicoterapia com neonatos prematuros. Alguns resultados já podem ser vistos, mas a pesquisa ainda encontra-se em andamento. Prevê-se que o PAMBP poderá auxiliar no manejo clínico do musicoterapeuta com bebês prematuros em Unidades de Cuidado Intensivo Neonatais.

Palavras-chave: Musicoterapia. Protocolo de avaliação. Bebê prematuro.

Assessment music therapy protocol for premature babies (AMTPPB)

Abstract: *This work is an account of an ongoing master's research that aims to describe the process to the validation of the content of the Evaluation Protocol in Music Therapy for Premature Babies (PAMBP). The purpose of this study is to present the whole trajectory so far. A historical survey of the project that gave rise to the protocol was conducted. A bibliographic review was also performed to understand the use of Music Therapy with premature babies. Some results can already be seen, but the research is still in progress. It is anticipated that MAPBP may assist in the Music Therapist clinical management of premature babies in Neonatal Intensive Care Units.*

Keywords: *Music therapy. Assessment protocol. Premature baby.*

Introdução

O uso da Musicoterapia com bebês prematuros vem ganhando visibilidade nos últimos anos. Isto pode ser observado pelo aumento de pesquisas publicadas nesta área recentemente (BIELENINIK, GHETTI, & GOLD, 2016; HALSBECK & BASSLER, 2018; O'TOOLE, FRANCIS and PUGSLEY, 2017). Dentro da prática clínica, o uso de protocolos de avaliação específicos na área pode auxiliar no processo terapêutico. Conhecendo o paciente/cliente através da observação e dos dados coletados, pode-se conduzir uma intervenção musicoterapêutica mais efetiva.

Para que um instrumento de avaliação se torne válido para utilização, há algumas etapas e estudos a serem feitos. A validação apenas aponta a maior probabilidade de o protocolo de avaliação medir exatamente o que se propõe, dando maior confiança para o profissional em sua utilização (GATTINO, 2010; RAYMUNDO, 2009; ANDRÉ et al, 2017).

Diante da escassez de protocolos avaliativos de Musicoterapia em português, específicos para uso em unidades de cuidado neonatal, iniciou-se a elaboração de um protocolo em 2012 pela Profa. Dra

Cybelle Loureiro. Intitulado de “Protocolo de Avaliação em Musicoterapia para Bebês Prematuros (PAMBP)” está inserido no projeto “*Pesquisa e Implementação da Musicoterapia no Atendimento à Mãe e Bebê de Risco: Uma Parceria da Escola de Música da UFMG – Curso Habilitação em Musicoterapia com o Hospital Sofia Feldman*”. O projeto foi apoiado pela FAPEMIG / Demanda Universal (Nº: SHA - APQ 01749-11). O protocolo propõe-se a coletar dados comportamentais de bebês prematuros expostos a estímulos sonoros e estes somados a outros estímulos sensoriais. Sendo assim, o presente trabalho pretende descrever as etapas de uma pesquisa de mestrado em andamento na Pós-graduação da Escola de Música da UFMG. A pesquisa a ser apresentada propõe a realização de um estudo de validade de conteúdo do PAMBP. O presente artigo objetiva o relato de todo o processo realizado até o presente momento na pesquisa.

Metodologia

Como ação primária, realizou-se um levantamento histórico do projeto que deu origem ao PAMBP. Este levantamento se deu por leitura dos artigos publicados dentro do projeto e de todas as informações do banco de dados disponíveis. Também foram buscados e lidos os artigos e autores que fundamentaram o protocolo de avaliação. Paralelamente foi realizada uma revisão bibliográfica para entender como a Musicoterapia intervém com a população alvo do estudo. Foram realizados outros pequenos estudos que alicerçam a pesquisa em seu corpo teórico.

Foi construída em seguida a escrita do manual explicativo do PAMBP, pois este ainda não tinha um informativo auxiliando no entendimento e aplicação de tal instrumento. Logo após foi realizada a etapa de validade de conteúdo, onde o protocolo foi enviado a dois grupos de juízes. Estes grupos foram separados de acordo com suas qualificações e possíveis contribuições mais efetivas. O primeiro, chamado de “juízes peritos” foi composto por musicoterapeutas que já criaram e/ou traduziram para o português algum instrumento de avaliação musicoterapêutica. Para este grupo foram convidados 5 profissionais da área com título de mestre ou doutor em pleno exercício da profissão, seja na área educacional ou clínica. O segundo grupo de juízes, intitulado “juízes especialistas” foi formado por profissionais musicoterapeutas em exercício da profissão que atuam ou já atuaram com bebês. Para este grupo foram convidados 7 profissionais com título de graduação, mestrado e estudantes de doutorado.

Para análise do protocolo, os juízes tiveram que ler o manual explicativo e o próprio protocolo. Em seguida responderam a um questionário de avaliação hospedado na plataforma do Google Forms, preenchido eletronicamente. Os questionários avaliavam a relevância, representatividade, clareza e aplicabilidade. Para os dois grupos os questionários tinham a maior parte das perguntas iguais, diferindo na questão relacionada a aplicabilidade. As respostas foram dadas através da Escala Likert com pontuação de 1 a 4. Nesta pontuação 1 era a resposta de menor grau de importância e 4 a resposta de maior grau. Os questionários variaram entre 30 a 35 questões dependendo do grupo de juízes.

A análise dos dados ocorreu através do uso do Índice de Validade de Conteúdo (IVC) que é calculado através da soma de respostas 3 e 4 e dividido pelo número de juízes. Para o IVC global, foi realizada a média entre os resultados dos IVC's.

Resultados parciais

No levantamento histórico, foram encontrados 10 trabalhos ao todo escritos dentro do projeto. Um dos trabalhos, em 2017 foi premiado pela UFMG e recebeu menção honrosa no encontro da Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência (SBPC). O banco de dados forneceu uma ideia de que dados importantes eram coletados sobre o bebê e a mãe antes da aplicação do protocolo. Um resumo deste levantamento foi publicado no 4º Congresso Nas Nuvens em 2018³.

Na revisão bibliográfica foram encontrados 20 artigos que relatavam o uso da Musicoterapia com neonatos prematuros. Foram detectadas diferentes formas de aplicação e as questões mais avaliadas foram questões comportamentais e fisiológicas como frequência cardíaca, respiratória e saturação do oxigênio (BIELENINIK et al, 2016; LOEWY, 2015; OSTROWSKI, 2014; O'TOOLE et al, 2017). A primeira revisão pode ser lida no artigo publicado nos anais do XIV Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais (SIMCAM) 2019. O manual explicativo foi escrito com base nos resultados obtidos no levantamento histórico e no material base do protocolo. Foram também consideradas orientações dadas pela autora do protocolo. A validade de conteúdo foi realizada. Entretanto, análise dos dados e reformulação do próprio protocolo de avaliação de acordo com os resultados já obtidos ainda estão sendo feitas.

Considerações Finais

São crescentes as pesquisas utilizando a Musicoterapia como opção de intervenção no cuidado ao bebê prematuro. Faz-se necessária a elaboração de instrumentos de avaliação que possam auxiliar o musicoterapeuta em sua prática clínica. Os resultados apresentados até o momento apontam o potencial que o protocolo pode ter. O processo de validação de conteúdo propostos por esta pesquisa pode ser um grande passo para que o PAMBP seja uma boa ferramenta na prática profissional.

Referências

ANDRÉ, Aline Moreira ; GOMES, Cristiano Mauro Assis ; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga. Equivalência de itens, semântica e operacional da versão brasileira da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical. **OPUS (Belo Horizonte online)** , v. 23, p. 197-2015, 2017

³ FERREIRA, Rhainara Lima Celestino; TUPINÁ, Paulo; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga. Musicoterapia da UFMG no atendimento a bebês prematuros de alto risco do Hospital Sofia Feldman. In: 4º Congresso de Música Nas Nuvens, 2018, Belo Horizonte. 4º Nas Nuvens... Congresso de Música: Anais (2018), 2018. v. 4.

BIELENINIK, Łucja; GHETTI, Claire; GOLD, Christian. Music therapy for preterm infants and their parents: A meta-analysis. **Pediatrics**, v. 138, n. 3, 2016

GATTINO, Gustavo; WALTER, Fabio; SCHÜLER-FACCINI, Lavínia. Fundamentos sobre validade para o campo musicoterapêutico. In: **10th National Seminar of Music Therapy Research**. 2010.

HASLBECK, Friederike Barbara; BASSLER, Dirk. Music from the very beginning—a neuroscience-based framework for music as therapy for preterm infants and their parents. **Frontiers in Behavioral Neuroscience**, v. 12, p. 112, 2018.

LOEWY, Joanne. NICU music therapy: song of kin as critical lullaby in research and practice. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 1337, n. 1, p. 178-185, 2015.

O'TOOLE, Alexa et al. Does music positively impact preterm infant outcomes?. **Advances in Neonatal Care**, v. 17, n. 3, p. 192-202, 2017.

RAYMUNDO, Valéria Pinheiro. Construção e validação de instrumentos: um desafio para a psicolinguística. **Letras de hoje** 44(3), p. 86-93. 2009 Recuperado em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/5768/4188> acesso em 01/11/19

OSTROWSKI, Kathy. Kansas University professor leading music therapy for premature infants. **National Right to Life News**, pp. 22. 2014

★ Iniciando uma Cartografia: a Musicoterapia em Saúde Mental no Brasil

Raquel Siqueira-Silva
Ivens Torres Ribeiro
Mayara Alvares Cabral
Bruna Mayumi Omori Shimada

Resumo: Esta pesquisa pretende cartografar as práticas musicoterápicas em saúde mental no Brasil com ênfase no período pandêmico. Configura-se como co-participativa sob as premissas da Teoria Ator-Rede.

Palavras-chave: Musicoterapia. Saúde Mental. Teoria Ator-Rede.

Beginning the cartography: Music Therapy in Mental Health in Brazil

Abstract: *This research aims to apply a cartographic approach in order to study the Music Therapy practices in mental health in Brazil, with emphasis on the pandemic period. It is categorized as coparticipation under the premises of the Actor-network-theory.*

Keywords: *Music Therapy. Mental Health. Actor-network-theory.*

Introdução

O Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) insurge com propostas de pensamento crítico e de reformulação assistencial (AMARANTE, 1998). Neste contexto, na segunda metade da década de 80, aconteceram encontros e conferências significativas dos trabalhadores em Saúde Mental com o objetivo de discutir novas políticas de trabalho e organizar um programa de reorientação da assistência psiquiátrica. Dentre estes eventos, destacam-se: a 8ª Conferência Nacional de Saúde, a I Conferência Nacional de Saúde Mental, o II Congresso Nacional de Trabalhadores de Saúde Mental, a criação do primeiro Centro de Atenção Psicossocial e do primeiro Núcleo de Atenção Psicossocial (AMARANTE, 1998).

Somente em 2001 foi promulgada a Lei Federal Nº 10.216 (*conhecida como Lei Antimanicomial*) que garante os direitos e a proteção das pessoas acometidas por transtornos psíquicos e o atendimento preferencialmente em serviços comunitários e tratamentos menos invasivos possíveis, objetivando a reinserção social. Com o processo de desinstitucionalização dos manicômios, fez-se necessário a regulamentação da Portaria nº 336/GM, de 19 de fevereiro de 2002, para estabelecer as modalidades de serviços nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e a Portaria GM/MS nº 4.279, de 30/12/2010, que ajusta as diretrizes para a organização da Rede de Atenção à Saúde, no âmbito do SUS.

Dentre os serviços oferecidos no CAPS, destaca-se o papel da musicoterapia no acolhimento, no atendimento com oficinas terapêuticas, atividades de suporte social e de inclusão. A musicoterapia também está inserida no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) pela resolução CNAS Nº 17, de 20 de junho de 2011. Em 27 de Março de 2017 foi aprovada a Portaria n.º 849, que inclui a Musicoterapia na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS.

A Musicoterapia em Saúde Mental no Brasil conecta-se com o nascimento da profissão, curso e associação de musicoterapia ocorridos na década de 1970 no Brasil. Atualmente configura-se como uma das áreas mais empreendidas, pesquisadas e vivenciadas no campo das terapias artísticas. Fato que reflete também nos cursos de graduação e pós-graduação existentes no país. Assim como em hospitais, clínicas, consultórios, instituições e outros dispositivos assistenciais presentes nas RAPS (Redes de Atenção Psicossocial). Em referência aos serviços privados em Saúde, o quantitativo se amplia.

O objeto desta pesquisa baseia-se na cartografia das práticas e experimentações musicoterápicas que lidam diretamente com usuários de serviços de saúde mental, no sentido técnico, metodológico e procedimentos. As atuações dos profissionais musicoterapeutas diferem e são estas singularidades que buscamos identificar. Numa perspectiva qualitativa e quantitativa, pretende-se agregar musicoterapeutas colaboradores, numa abordagem de pesquisa-ação, pesquisa participativa.

A ideia desta pesquisa foi apresentada pela primeira vez no XIX Encontro de Musicoterapia da UNESPAR/FAP, no dia 01 de setembro de 2020. A profa. Dra. Raquel Siqueira durante sua palestra online, convidou os/as interessados/as que a procurassem para compor uma equipe, com intuito de, com esta, escrever o projeto inicial, o qual se apresenta neste texto.

O quadro pandêmico se acentuou durante este período, levando à equipe voltar-se para a urgência da situação, tendo como objeto a ênfase nas atuações musicoterápicas em saúde mental durante a pandemia de COVID-19.

Evidencia-se a justificativa desta pesquisa no cenário de elevação de quadros ansiosos e aumento das incidências de outros transtornos psíquicos como efeitos da pandemia. A importância de práticas artísticas, com destaque à musicoterapia, faz-se necessário como uma das terapias complementares em Saúde. Considera-se as produções acadêmicas como contributo às gerações futuras, através das publicações referidas às práticas musicoterápicas neste período.

Vale destacar que esta pesquisa ainda está em fase embrionária, a escrita do projeto está sendo finalizada e pretende-se discuti-lo no XX Encontro Nacional de Musicoterapia (2020), ouvindo as contribuições dos demais musicoterapeutas presentes. Reconhece-se que será um passo para iniciativas coletivas de construção de projetos. Na metodologia que se aplicará, todos/as musicoterapeutas do Brasil que atuam na área de saúde mental, serão convidados/as a serem colaboradores. Esta perspectiva teórico-metodológica baseia-se na Teoria Ator-Rede (TAR) (LATOURET, 2005), metodologia contemporânea utilizada por vários segmentos acadêmicos, incluindo musicoterapeutas (SIQUEIRA-SILVA, 2015), ela concebe todos/as atores da Rede como partícipes atuantes.

O objetivo geral desta pesquisa é cartografar os profissionais musicoterapeutas, em suas unidades públicas de atendimento, que utilizem a musicoterapia como tratamento no campo da saúde mental no Brasil. Com ênfase nos que atuam durante a pandemia de COVID-19.

Revisão de Literatura

Segundo a metodologia Teoria Ator-Rede, em pesquisa, *seguir-se-á os atores em ação* (LATOUR, 2005). Cartografar é acompanhar o movimento sob fontes de incertezas, quais sejam objetos-pessoas. O quadro pandêmico presentifica e exacerba situações de ansiedade, fobias, proporcionando agudização de transtornos psíquicos, os mais variados. Nesta metodologia, observam-se os efeitos das conexões em rede. Em se tratando da práxis musicoterápica, observa-se que muitos profissionais estão atuando neste período, pergunta-se: quais os efeitos destas ações, destas conexões? Considerando o isolamento/distanciamento social como premissa da convivência humana?

Durante esta experimentação de sofrimento psíquico coletivo, também considerado pandêmico, acentua-se a importância das artes e terapias artísticas como recursos para minorar os efeitos nocivos desta vivência comunitária. Esta e outras ferramentas metodológicas encontram-se nos autores da musicoterapia que dialogam com metodologias contemporâneas, Siqueira-Silva (2015), Marly Chagas (CHAGAS & PEDRO, 2008), Andressa Arndt (2019). Pretende-se também acrescentar à esta pesquisa, as publicações de musicoterapeutas sobre este período pandêmico.

Metodologia

A abordagem da TAR dialoga com o conceito de Cartografia, proposto por Rolnik “é um desenho que acompanha simultaneamente os movimentos de transformação da paisagem” (ROLINK, 1989), e corrobora com Deleuze e Guattari que afirmam que este método não vem a partir de modelos estruturais prontos e caminhos traçados (DELEUZE & GUATTARRI, 1996). Nesta pesquisa funciona como ferramenta para o exercício da pesquisa-ação na abordagem qualitativa-quantitativa.

O musicoterapeuta que atua na área da Saúde Mental será convidado como colaborador e será entrevistado, narrando sua experiência. A compilação dos dados coletados será alvo de subdivisões, com recortes em referência aos métodos, técnicas e procedimentos mais utilizados por eles.

Resultados

Esta pesquisa ainda está em fase de pré-execução e conta com a participação neste encontro de pesquisa para complementar seu projeto de cunho colaborativo.

Considerações

Consideramos certa ousadia ao enviar esta proposição de pesquisa ainda de modo pré-inicial, mas identificamos que os coletivos organizados de modo *online* podem gerar e gerir união, que é tão necessária neste marco de nossa História.

Referências

AMARANTE, P. (Coord.). **Loucos pela Vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Ensp/Fiocruz (Coleção Panorama), 1995. [2.ed. revista e ampliada - Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1998]

ARNDT, Andressa. **A Musicoterapia em contextos sociais e comunitários: dissensos, saberes e fazeres no âmbito da América Latina.** Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2019.

BRASIL. Lei nº 10.216, de 4 de setembro de 2001. **Lei Antimanicomial.** Diário Oficial da União: seção 01, Brasília, DF, nº 69-E p.2, 2001.

CHAGAS, Marly; PEDRO, Rosa. **Musicoterapia, Corpo e Subjetividade. Corpo Expressivo e Construção de Sentidos.** Rio de Janeiro: Mauad X: Baperá, p. 9-22, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory.** Oxford: Oxford University Press, 2005.

MELO, Walter. **Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações.** Universidade Federal de São João Del-Rei. Mnemosine Vol.5, nº2, p. 30-52, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SILVEIRA Nise. Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro. In: **Anais do XIV Congresso Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental.** Maceió, 27 out-1 nov 1979 e na Vivência, Órgão oficial da Associação Alagoana de Psiquiatria e do Departamento de Psiquiatria da Sociedade de Medicina de Alagoas. Maceió, v. 4, n. 1, p. 60-7, jan-jun/1980.

SIQUEIRA-SILVA, Raquel. **Conexões Musicais: musicoterapia, saúde mental e teoria ator-rede.** Curitiba: Editora Appris, 2015.

Música Para Quem Cuida: um relato de experiência em meio à pandemia de COVID-19

Marina de Macedo Quadro
Marina Horta Freire
Aline Magalhães
Frederico Pedrosa

Resumo: O presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre a ação de extensão Música Para Quem Cuida (MPQC), uma campanha online de dedicatória musical para profissionais da saúde que estão enfrentando a COVID-19. O relato visa descrever o funcionamento e os impactos dessa ação para a comunidade de cuidadores, em período de isolamento social pela pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: Musicoterapia. Musicoterapia Hospitalar. Extensão Remota. Profissionais da Saúde.

“Music For The Ones Who Take Care” an experience report in the midst of the COVID-19 pandemic

Abstract: This paper presents an experience report on the extent of the action Música Para Quem Cuida (MPQC), translated as Music For The Ones Who Take Care, an online campaign of musical dedication to healthcare professionals who are facing COVID-19. The report aims to describe the functioning and impacts of this action for the community of caregivers, in a period of social isolation due to the COVID-19 pandemic.

Keywords: Music Therapy. Hospital Music Therapy. Remote Extension. Health Professionals.

Introdução

Profissionais da saúde hospitalar sofrem com vários fatores estressores no trabalho, como a sobrecarga de tarefas, competição entre membros da equipe e pressão relativa à urgência na execução do trabalho (TAETS et al., 2013). Com o início da pandemia de COVID-19, o isolamento social e os riscos de contágio da doença tornaram o nível de estresse desses profissionais ainda maior (SHIOZAWA; UCHIDA, 2020).

A Musicoterapia pode contribuir não somente para diminuição dos efeitos estressantes do trabalho, mas também para a melhora da qualidade de vida (TAETS et al., 2013). Profissionais da saúde que participam da Musicoterapia, mesmo que indiretamente, alcançam bem estar pessoal e profissional, melhora nas relações com pacientes e entre membros da equipe e no ambiente de trabalho (PIMENTEL et al., 2011, e FERREIRA et al., 2017).

Nesse contexto musicoterapêutico hospitalar, a Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) possui o projeto de extensão "Musicoterapia Hospitalar:

Olhares Empáticos" (SIEX-UFMG 402809). De 2017 a 2020, esse projeto proporcionou intervenções musicoterapêuticas em hospitais de Belo Horizonte e região, atendendo pacientes internados e equipes de profissionais, em busca da saúde integral dos indivíduos.

Com a suspensão das atividades presenciais da UFMG, devido à pandemia de COVID-19 e a impossibilidade de continuar a atuação nos hospitais, foi criada a ação de extensão remota Música Para Quem Cuida (MPQC). A presente pesquisa apresenta um relato de experiência de integrantes da equipe MPQC, visando descrever o funcionamento e os impactos dessa ação para a comunidade de cuidadores, em período de isolamento social devido à pandemia de COVID-19.

Relato de experiência

O MPQC é uma campanha online de dedicatória musical de e para profissionais da saúde, idealizada pela coordenadora e pela bolsista do projeto “Musicoterapia Hospitalar: Olhares Empáticos”, primeiras autoras deste relato. Atualmente a equipe MPQC é formada por professores, graduandos e egressos do curso de Musicoterapia da UFMG, todos atuantes como voluntários e responsáveis por gravar os vídeos com as canções pedidas e as dedicatórias que antecedem a performance musical. Os profissionais da saúde podem pedir músicas para eles mesmos ou dedicar as músicas a outros profissionais, colegas, equipes e hospitais.

Traçamos como objetivos da ação: prestar homenagens aos profissionais da saúde que estão enfrentando a COVID-19, levar alento e ânimo a esses profissionais, incentivar sentimentos positivos entre equipes de saúde, propiciar conexão e encontro através da música e incentivar o cuidado a quem cuida. Para o projeto de extensão, o MPQC também veio como forma de manter o vínculo com a comunidade atendida e o estudo musical durante a quarentena.

A ideia de promover dedicatórias musicais foi inspirada em Millecco e colaboradores (2001) quando dizem da intersubjetividade estabelecida no ato de se dedicar uma canção a alguém significativo. A escolha, pelos próprios profissionais de saúde, de canções e artistas conhecidos, que fazem parte da biografia e do gosto pessoal, auxilia na expressão dos sentimentos e momento vivido e permite ao indivíduo reconhecer na canção sua própria voz (Millecco et al., 2001). No MPQC, essas ideias serviram como inspiração, pois a ação não é considerada uma intervenção de Musicoterapia, apesar de ser realizada por estudantes e profissionais da área.

O MPQC começou a partir da divulgação na mídia social Instagram, no perfil do curso de Musicoterapia da UFMG, @musicoterapiaufmg, em abril de 2020. Divulgamos também por

WhatsApp aos profissionais dos hospitais onde o projeto de Musicoterapia hospitalar supracitado acontecia.



Imagem 1: arte gráfica de divulgação

Para fazer um pedido musical, o profissional de saúde envia uma mensagem para a conta do Instagram ou o email do projeto com seus dados, a música escolhida, dados do destinatário e uma mensagem opcional. Os dados do pedido são colocados em uma planilha para armazenarmos as informações, criarmos o texto da postagem e controlarmos o tempo até a publicação.

Após a gravação e edição do vídeo, criamos uma capa e uma legenda que contém um texto pensado individualmente para cada pedido, uma breve explicação sobre a ação e uma chamada para participação. Atualmente as postagens estão sendo feitas 3 vezes por semana, no Instagram no Facebook da Musicoterapia UFMG, em um prazo médio de 4 semanas entre o pedido e a publicação do vídeo. Após as postagens, voluntárias da equipe MPQC compartilham os vídeos, *stories* e respondem os comentários.

Resultados e Avaliações

Já foram postados mais de 130 vídeos do MPQC. Os remetentes das dedicatórias geralmente relatam escolher a canção levando em consideração a mensagem passada pela letra, um significado especial para si e/ou para o destinatário. As músicas pedidas são de diferentes estilos, em geral canções brasileiras, tendo já sido pedidas músicas gospel, MPB, pop rock, entre outros. As canções mais pedidas são Girassol (Priscilla Alcântara e Whinderson Nunes), Trem Bala (Ana Vilela) e Novo Tempo (Ivan Lins).

O retorno dos profissionais atendidos vem através de comentários com parabenização, agradecimentos e relatos de emoção, nos permitindo avaliar os impactos positivos da ação. Desde o início da campanha o perfil @musicoterapiaufmg no Instagram recebeu mais de 1400

seguidores, a maioria segue o perfil para acompanhar esta campanha, o que acaba contribuindo também para a difusão da Musicoterapia.

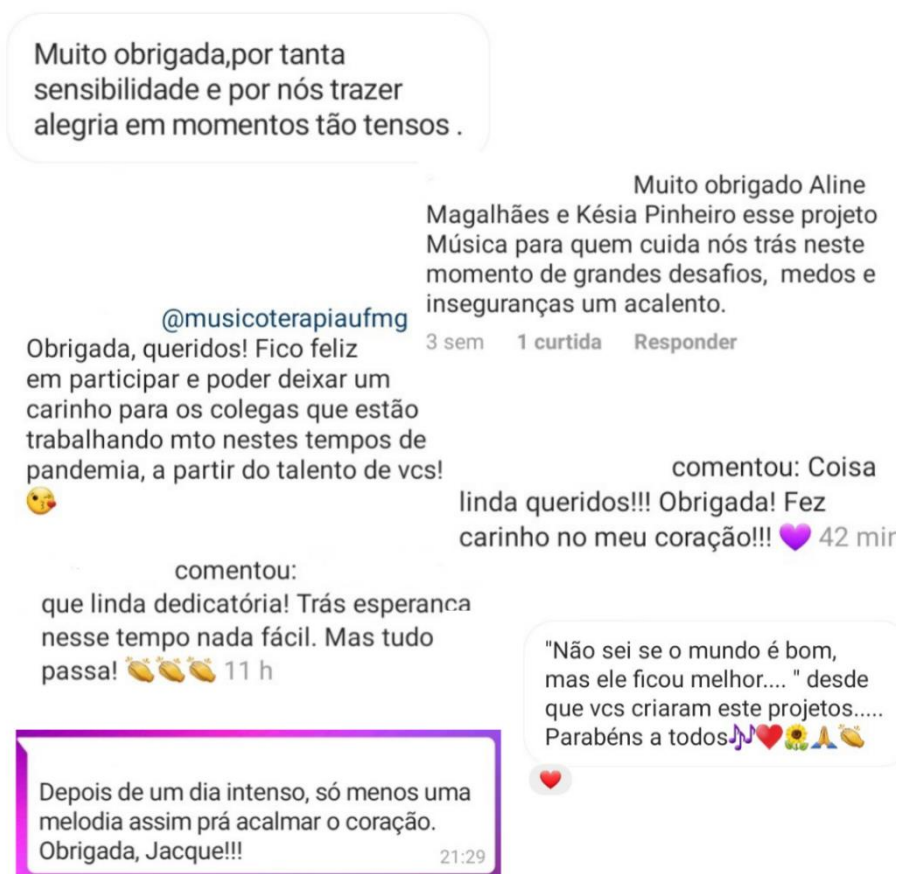


Imagem 2: alguns feedbacks de profissionais atendidos

Considerações Finais

O MPQC é um trabalho gratificante por vermos o envolvimento da equipe voluntária, os agradecimentos dos profissionais de saúde hospitalar e as parabenizações do público geral. Assim, sabemos que estamos conseguindo dar o nosso melhor, que é a música, para levar um pouco de bem-estar a profissionais da saúde e notícias boas neste período de pandemia.

Referências

- FERREIRA, R.; DIONIZIO, L.; SILVA, A. M.; FREIRE, M. H. Atendimento musicoterapêutico hospitalar breve nos cuidados progressivos: relatos de experiências. In: Congresso Virtual de Música Nas Nuvens, 3. 2017. **Anais...** Belo Horizonte, 2017.
- MILLECO FILHO, L. A.; BRANDÃO, R. M.; MILLECO, R. P. **É preciso Cantar: Musicoterapia, cantos e canções.** 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

PIMENTEL, Adriana F.; BARBOSA, Ruth M.; CHAGAS, Marly. **A Musicoterapia na sala de espera de uma unidade básica de saúde: assistência, autonomia e protagonismo.** Interface Comunicação Saúde Educação, v. 15, n. 38, 2011, p. 741-14.

SHIOZAWA, Pedro; UCHIDA, Ricardo R. An updated systematic review on the coronavirus pandemic: lessons for psychiatry. **Braz J Psychiatry**, vol. 42, n. 3, 2020, p. 330-331.

TAETS, Gunnar G. C.; BORBA-PINHEIRO, Claudio J.; FIGUEIREDO, Nébia M. A.; DANTAS, Estélio H. M. Impacto de um programa de musicoterapia sobre o nível de estresse de profissionais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 3, p. 385 - 390, 2013.

Musicoterapia Aplicada A Grupos De Crianças Diagnosticadas Com Autismo

Meiry Geraldo
Gabriel Estanislau
Rafaela Maris Mendes Puygserver
Leyrick Emanuelle Gonçalves de Souza Sales
Késia Pinheiro

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência, da prática clínica com dois grupos de Musicoterapia de crianças com TEA. O objetivo inicial é a promoção de saúde e bem estar dos participantes e suas famílias, ampliando as capacidades comunicativas, musicais e de interação social das pessoas com TEA, assim como o acolhimento de suas famílias. A metodologia utilizada foi o Psicodrama e a Análise do Comportamento Aplicada. As sessões contavam com mediadores voluntários, profissionais e estudantes da área da saúde, que ajudavam no processo de mediação dos participantes. As sessões presenciais ocorreram de set/2019 à mar/2020 e proporcionaram a criação de laços e de uma identidade sonoro-grupal (ISO-Grupal). Durante a pandemia, os grupos passaram a ser on-line e foi possível identificar que as sessões adquiriam outras funções, além dos objetivos traçados no início do processo, como o de adaptação e criação de nova rotinas, diminuição da ansiedade e irritabilidade, provocada pelo período.

Palavras-chave: Autismo. Musicoterapia. Grupo. Equipe multidisciplinar. Uma Sinfonia Diferente.

Music therapy applied to groups of children diagnosed with autism

Abstract: *The present work is an experience report, of the clinical practice with two groups of Music Therapy, of children with ASD. The initial objective is to promote the health and well-being of the participants and their families, expanding the communicative, musical and social interaction capacities of people with ASD, as well as welcoming their families. The methodology used was Psychodrama and Applied Behavior Analysis. The sessions had volunteer mediators, professionals and students in the health field, who helped in the participants' mediation process. The face-to-face sessions took place from Sep / 2019 to Mar / 2020 and provided the creation of bonds and a sound-group identity (ISO-Group). During the pandemic, the groups became online and it was possible to identify that the sessions acquired other functions, in addition to the objectives outlined at the beginning of the process, such as adapting and creating new routines, reducing anxiety and irritability, caused by period.*

Introdução

Este relato de experiência, tem seu fundamento na prática clínica com base em dados qualitativos. Sendo seu objetivo verificar a eficácia do tratamento musicoterapêutico em grupo com crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), dentro do projeto Uma Sinfonia Diferente. Abordaremos a formação de dois grupos. Cada um dos grupos com 3 crianças, com idade entre 4 e 9 anos. O critério de seleção dos grupos, foi feito de acordo com a idade dos participantes e disponibilidade de horário. Dessa forma os grupos poderiam ser heterogêneos em termos de nível de severidade.

Metodologia e material

Por se tratar de atividades em grupo, a metodologia aplicada nas sessões de Musicoterapia baseia-se nas etapas do psicodrama e na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). As avaliações utilizadas no processo de triagem e anamnese foram: entrevista semiestruturada e questionário próprio do projeto.

O grupo iniciou-se em set/2019, com sessões presenciais, estas ocorreram até meados de mar/2020, quando houve suspensão dos atendimentos, como forma de mitigar a propagação do novo corona vírus, seguindo assim as recomendações da Organização Mundial de Saúde, quanto ao isolamento social, devido a COVID-19. Após ações de acolhimento e orientações com as famílias do projeto, os atendimentos passaram a ser no formato *on-line* (síncrono). Em abr/2020 começou-se as sessões, inicialmente a cada 15 dias e, em maio com atendimentos semanais. O projeto finalizou-se no final de ago/2020. Todas as sessões, presenciais e online, tiveram a duração média de 60 minutos.

Dentro do *setting* presencial cada participante tinha o seu próprio mediador. Os mediadores destes grupos, aqui descritos, são profissionais e estudantes da área de saúde. Dentro da metodologia escolhida foi trabalhado o desenvolvimento dos objetivos de comunicação, interação social e de habilidades musicais por meio do reforço positivo intrínseco e sociais (cócegas, sorrisos e elogios), narrativas sociais (cantar o que a criança faz), modelagem (MOREIRA & MEDEIROS, 2007), dicas e ajudas (*prompting*), além da análise de tarefas e da construção de um programa de generalização, para o desenvolvimento das habilidades aprendidas fora do *setting*.

O papel do mediador foi o de auxiliar os participantes a compreenderem melhor as situações e propostas do grupo, com o fornecimento de auxílio quando necessário. A fim de construir melhores caminhos para experiências, percepções, promover mais autonomia aos participantes, além de aumentar a energia e motivação do grupo, junto ao musicoterapeuta. Já as etapas do Psicodrama (GONÇALVES; ALMEIDA, 1988) ocorreram de forma natural, passando pelo:

- Aquecimento inespecífico – com a música de “boa tarde” canto e nomeação dos participantes, a fim de conhecerem e sentirem-se pertencentes a esse novo grupo de construção musical coletiva;
- Aquecimento específico – preparação do grupo para surgimento de atividades. Muitas vezes uma demanda trazida pelo próprio grupo, outras vezes direcionado pela musicoterapeuta. Nesse momento pode aparecer o protagonista;
- Ação: ocorre quando todos estão envolvidos na atividade, seja uma improvisação rítmica, ou melódica, no cantar ou por jogos musicais. Há nesse momento a mobilização da atenção, das emoções de forma que as mesmas contribuem para o ápice da sessão;
- Compartilhar e comentários: A sessão é terminada com um movimento de reflexão o qual a música conduz. Esse é o momento chamado de “delícia”. Há uma elaboração

individual de cada um. Até finalizarmos e cada mediador levar o seu participante a família na sala de espera.

Materiais musicais e lúdicos foram utilizados durante o processo musicoterapêutico, como tecidos coloridos, imagens, instrumentos musicais etc.

Nos atendimentos *on-line*, os mediadores continuaram com auxílio indireto às crianças devido a este novo formato, ocasionado pelo distanciamento social. O papel da mediação no formato *on-line* foi realizado pelo responsável, a mãe na maioria dos casos. Houve também um caso de criança que conseguiu participar da sessão *on-line* sem a ajuda e/ou mediação do familiar. Houve, nesse momento, a combinação dos dois grupos, desta forma o grupo passou a ter todos os participantes na mesma sessão. A plataforma inicial para a realização das sessões foi o Skype, depois de algumas sessões, o grupo migrou para a plataforma *Meet*. Por se tratar de um ambiente virtual foram utilizados vários recursos visuais para atividades de percepção auditiva, adivinhas musicais, sequência de músicas infantis em formato de apresentação, além de um breve treino de orientação e seguimento de regras por mediador externo (visual), no qual os participantes aprenderam a ligar e desligar o microfone pareado com a apresentação do suporte visual e solicitação, depois se regularam na sessão, para momentos de ligar e desligar o microfone por meio desta sinalização (imagem do microfone ligado/desligado). Além disto, foram utilizados outros aplicativos que proporcionavam suporte visual e interatividade para a sessão, como o aplicativo *Wheelo of Names*, utilizado para os jogos musicais e como suporte para a tomada de turno e espera.

Nas últimas cinco sessões foi solicitado que cada participante levasse um objeto que mais gostasse. A cada sessão esse objeto era mostrado ao grupo que aprendeu o que cada um, dos participantes, mais gostava. Isso auxiliou no processo de finalização do projeto, uma vez que nessas últimas sessões além dos objetos, houve a sinalização de uma sequência numérica.

Resultados

Os resultados qualitativos são observados num primeiro momento, nos registros feitos pelos mediadores de cada participante e pelos vídeos das sessões de musicoterapia. Num segundo momento (*on-line*) temos o relato das famílias que tiveram um papel fundamental, por ocuparem o papel de mediador e também os vídeos feitos durante as sessões. O grupo demonstrou um processo evolutivo tanto na interação social como nas habilidades sociocomunicativas. Observamos também respostas no engajamento de atividades musicais, canto espontâneo, melhora na sensibilidade sonora emocional demonstrado pelos participantes por meio da convivência grupal.

Discussão de Dados

O processo musicoterapêutico presencial, de set/19 à mar/20, criou a identidade sonoro-grupal. O grupo se estabeleceu, criou laços e aproveitou das práticas musicais que utilizaram desde os sons corporais até instrumentos musicais e, como consequência o desenvolvimento da interação social. Cada

um sabia o nome do seu amigo e as músicas de sua preferência. Houve o aprendizado de ouvir a música do outro e não somente músicas da sua vivência cultural, tolerância de determinadas músicas/songs, esperar a sua vez (troca de turnos) e estabelecimento de limites.

As músicas escolhidas pelos participantes possibilitam revelar um reencontro com a própria identidade, colocando-os como agentes e sujeitos da ação, aumentando a percepção de seus próprios sentimentos, emoções e conflitos e, conseqüentemente, possibilitando o relacionamento com o outro [...] (DELUCCA, ZANINI, 2019, p. [86]).

Durante o processo os participantes experimentaram e construíram a vivência de um ISO-Grupal (BENENZON, 1988). Percebemos melhora na percepção dos sentimentos e emoções.

Na segunda parte do processo, os atendimentos *on-line* foram de grande aprendizado e as adaptações muito importantes para todos por diversos motivos. Desde as dificuldades com áudios dos aplicativos, problemas com internet, acessibilidade dos participantes e disponibilidade dos pais até a utilização de novas estratégias para o desenvolvimento da sessão. Houve, nesse momento, a junção dos dois grupos em um só, além de novos integrantes no grupo ocorreu também a integração de novos mediadores. O isolamento social, mudou completamente a rotina dos nossos participantes, as sessões passaram a ter função muito além dos objetivos traçados no início do processo, de encontro, criação de novas rotinas, diminuição da ansiedade e irritabilidade, a fim de proporcionar maior segurança e autonomia para eles.

Considerações finais:

Os relatórios escritos pelos mediadores e pelos pais comprova a eficácia e o alcance que a Musicoterapia teve sobre seus filhos. A música permeia nossa escuta, nosso pensamento e nossas emoções. Por meio da música temos a oportunidade de ofertar às crianças atividades musicais e experiências sonoras criativas e proporcionar a interação social e comunicação dos nossos participantes. O presente estudo indica a evolução do desenvolvimento das pessoas com TEA durante as sessões de musicoterapia e destaca o papel do mediador dentro das sessões de musicoterapia. Faz-se necessário realizar mais estudos de musicoterapia em grupo, no qual possamos corroborar os dados quantitativos a fim de fortalecer e comprovar os benefícios da musicoterapia em grupos neste formato.

Referências

BENENZON, Rolando. **A Teoria da Musicoterapia: Contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal**. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

GATTINO, Gustavo Schulz. REIS, Cláudia Schaun. **Musicoterapia Autismo: Campos de comunicação e afeto**. Floripa: Forma e Conteúdo Comunicação Integrada, 2019.

GONÇALVES, Camila Salles. Woff, José Roberto, ALMEIDA, Wilson Castello de. **Lições de Psicodrama: Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Agora, 1988.

MOREIRA & MEDEIROS. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

Musicoterapia com pessoas vivendo com HIV: o que temos na literatura até aqui?

Lázaro Castro Silva Nascimento

Resumo: A Musicoterapia é uma ciência aplicada com uma vasta gama de áreas de atuação. Entre estas, há a Musicoterapia com pessoas vivendo com HIV/Aids (PVHIV). A Musicoterapia com PVHIV pode contribuir com diversos aspectos como a redução da ansiedade, aceitação, expressão, aprendizado entre outros. O presente trabalho realiza uma revisão bibliográfica sistemática considerando os idiomas português, inglês e espanhol sobre esta temática, apresentando um panorama sobre a Musicoterapia com PVHIV no mundo quanto às produções acadêmicas. Foram incluídos na busca artigos, capítulos de livro, livros completos e trabalhos de conclusão de curso em nível de graduação, mestrado e doutorado. O levantamento foi realizado em buscadores como Google Livros, Google Acadêmicos, periódicos especializados de Musicoterapia (Voices, Music Therapy Perspective e Revista Brasileira de Musicoterapia) e na plataforma Periódicos Capes sem delimitação de tempo. Foram localizados 12 materiais entre os anos de 1988 e 2020 sendo: 4 capítulos de livros, 3 artigos, 2 livros completos, 1 tese de doutorado, 1 dissertação de mestrado e 1 monografia de graduação. A maior parte dos textos em idioma inglês (9), apenas 2 em língua portuguesa e 1 em língua espanhola. Apesar da produção nesta temática existir, ainda é tímida a construção teórica sobre a atuação de musicoterapeutas com PVHIV.

Palavras-chave: HIV. Aids. Musicoterapia. Revisão.

Music therapy with people living with HIV: what do we have in the literature so far?

Abstract: Music Therapy is an applied science with a wide range of areas of expertise. Among these, there is Music Therapy with people living with HIV / AIDS (PLHIV). Music Therapy with PLHIV can contribute to several aspects such as reducing anxiety, acceptance, expression, learning, among others. The present research develops a systematic bibliographic review considering the Portuguese, English and Spanish languages on this theme, presenting an overview of Music Therapy with PLHIV in a global scale of academic productions. It included articles, book chapters, complete books and final works at undergraduate, master and doctoral degree in Music Therapy. The survey was developed using search engines such as Google Books, Google Scholars, specialized Music Therapy journals (Voices, Music Therapy Perspective and Revista Brasileira de Musicoterapia) and on the Periódicos Capes platform without time limits. Twelve materials were found between 1988 and 2020, including: 4 book chapters, 3 articles, 2 complete books, 1 doctoral thesis, 1 master's dissertation and 1 undergraduate monograph. The biggest part of the texts are in English (9), only 2 in Portuguese and 1 in Spanish. Although the production on this theme exists, the theoretical construction on the the field of music therapists with PLHIV is still timid.

Keywords: HIV. Aids. Music Therapy. Review.

Notas introdutórias

Os campos da Musicoterapia como prática profissional se alargaram com o passar das últimas décadas. Desde a sua estruturação moderna, especialmente a partir de Gaston (1968), até o momento

presente, diversas áreas de atuação foram sendo conquistadas e estabelecidas. Com isso, houve também a consolidação de algumas áreas com mais investigações teóricas, mais políticas públicas, bem como com mais desenvolvimento prático-clínico por musicoterapeutas. A exemplo disso, é possível citar a área do trabalho musicoterapêutico com Transtorno do Espectro Autista (TEA), cada vez mais estruturada e estabelecida dentro da Musicoterapia.

Contudo, a Musicoterapia é uma ciência aplicada com possibilidades tão vastas quanto a própria realidade humana. Entre suas tantas áreas ainda em fase de estruturação, há a Musicoterapia com pessoas vivendo com HIV/Aids (PVHIV), já existente, mas ainda muito marginalizada tanto entre profissionais musicoterapeutas quanto estudantes.

Infinitas poderiam ser as hipóteses levantadas sobre este silenciamento da Musicoterapia frente às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e mais especificamente sobre o HIV e a Aids. Por exemplo, tal qual há uma marginalidade social destas pessoas, alguns campos científicos também parecem ignorá-lo ou, pelo menos, mantê-lo pouco desenvolvido. Este trabalho, portanto, tem como objetivo explorar a literatura musicoterapêutica sobre a prática com pessoas vivendo com HIV/Aids a fim de visibilizar a temática e provocar reflexões teórico-clínico-políticas sobre este fazer.

Percurso teórico-metodológico

A pesquisa apresentada aqui tem cunho metodológico de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008) ocorre “a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científico” (p. 50). Entre os caminhos possíveis dentro da pesquisa bibliográfica, situa-se a revisão sistemática, que tem como diferencial o estabelecimento explícito de critérios de inclusão e exclusão dos materiais levantados e suas análises.

Para a inclusão dos materiais apresentados, foram usados os seguintes critérios: 1) que os materiais fossem artigos, capítulos de livros, livros na íntegra ou trabalhos de conclusão de cursos de graduação/mestrado/doutorado que discutissem como temática central a Musicoterapia com pessoas vivendo com HIV/Aids; e 2) produções em português, inglês e espanhol. A base de dados das pesquisas foi realizada de forma ampla: em buscadores como Google Acadêmico e Google Books, no portal de periódicos CAPES, nos periódicos *Voices*, *Music Therapy Perspective* e *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Não foi utilizado critério de tempo.

Apesar de corriqueiro nas pesquisas em Musicoterapia no Brasil, não foi utilizado o critério de que os materiais fossem escritos por profissionais ou estudantes de Musicoterapia, considerando que há uma diversidade na formação de musicoterapeutas em todo o mundo e que isto poderia reduzir as fontes. Ressalta-se, porém, que a prática da musicoterapia é competência de musicoterapeutas devidamente qualificados.

O que há na bibliografia até aqui?

Foram encontrados 12 materiais. Os dados são apresentados na tabela abaixo considerando: a) ano; b) título; c) modalidade da publicação; e d) idioma. A fim de historicizar o processo de desenvolvimento destas pesquisas, a tabela é organizada cronologicamente indo dos trabalhos mais antigos aos mais recentes considerando-se, no caso de livros, a primeira edição publicada:

Tabela 1. Trabalhos localizados sobre Musicoterapia com pessoas vivendo com HIV/Aids

#	Ano	Título	Tipo	Autoria	Idioma
1	1988	AIDS: Information and Issues for Music Therapists	ART	Cheryl Dileo Maranto	Inglês
2	1989	The Efficacy of Music Therapy for People with H.I.V. and A.I.D.S	ART	Colin Andrew Lee	Inglês
3	1992	The analysis of therapeutic improvisatory music with people living with the virus HIV and AIDS	DR	Colin Andrew Lee	Inglês
4	1991	Embracing Life With AIDS: Psychotherapy through Guided Imagery and Music (GIM)	CAP	Kenneth Bruscia	Inglês
5	1996	Music at the Edge: Music Therapy Experiences of a Musician with AIDS	LIV	Colin Andrew Lee	Inglês
6	1999	Music Therapists' Personal Reflections on Working with Those Who Are Living with HIV/AIDS	CAP	Nigel Hartley	Inglês
7	1999	Music Therapy with HIV Positive and AIDS Patients	CAP	Lutz Neugebauer	Inglês
8	2005	Music and HIV/AIDS orphans: Narratives from Community Music Therapy	ART	Andeline dos Santos; Mercédès Pavlicevic	Inglês
9	2005	A aplicação da musicoterapia no auxílio do tratamento dos portadores do vírus HIV no Hospital Oswaldo Cruz na cidade de Curitiba	GRA	Jesús Alberto Herrera Becerra	Português
10	2010	Musicoterapia y VIH/Sida	LIV	Jorge Cavia Pérez	Espanhol
11	2015	A profile of needs: Music Therapy with HIV infected children in a South African institution	MES	Mikaela Ceridwen Griffiths	Inglês

12	2020	A musicoterapia no Centro de Orientação e Aconselhamento (COA): HIV, <i>setting</i> invisível e experiências	CAP	Lázaro Castro Silva Nascimento; Lydio Roberto Silva	Português
----	------	--	-----	---	-----------

Legenda: ART (artigo), CAP (capítulo), GRA (monografia de graduação), MEST (dissertação de mestrado), LIV (livro completo) e DR (tese de doutorado).

Os trabalhos discorrem sobre temáticas diversas e diferentes espaços de atuações. Apesar de não ser o objetivo listado aqui, vale mencionar que as práticas profissionais musicoterapêuticas localizadas nos materiais encontrados são em espaços institucionais para o atendimento de PVHIV seja em hospitais ou unidades de saúde. Apenas um dos trabalhos encontrados foca o atendimento infantil, ao passo que todos os outros tem como público adultos.

Considerações

Os trabalhos localizados sobre a temática investigada não são escassos, porém ainda tímidos. As produções apresentam intervalos longos entre elas, quase como se a área esperasse que musicoterapeutas, de tempos em tempos, voltassem a sua escuta e o seu olhar para este assunto e tentassem construí-lo apesar da pouca ressonância. Na contramão desta timidez, os números de pessoas vivendo com HIV ainda são bastante expressivos e, segundo dados mais recentes da UNAIDS (2019): em 2018 havia 37,9 milhões de pessoas em todo o mundo vivendo com HIV e 1,7 milhão de novas infecções por HIV apenas naquele ano.

Os impactos da vida com HIV estão muito distantes de serem experienciados apenas no corpo e nas patologias. Antes disso, estão fortemente marcados na vergonha, na insegurança, no medo da exclusão e na discriminação. A Musicoterapia é potente na transformação social e na promoção de saúde, mas precisa também se confrontar dentro do seu escopo teórico-prático e ousar crescer para outros espaços não-tradicionais dentro de sua ciência.

Referências

GASTON, Thayer. **Tratado de Musicoterapia**. Buenos Aires: Paidós, 1968.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

UNAIDS. Relatório informativo – Dia mundial contra a AIDS 2019: Estatísticas globais sobre HIV. Acesso em 2 de novembro de 2020. Disponível em: https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2019/11/2019_UNAIDS_WAD2019_FactSheet.pdf

Musicoterapia e Tecnologia: a produção musical como recurso de composição no setting terapêutico

Vitor Cortez Picanço

Resumo: A *performance* em musicoterapia não aborda somente o domínio de um instrumento principal ou a maneira como se toca, mas uma musicalidade baseada no domínio razoável de instrumentos, técnicas (improvisação, transposição, composição, entre outras) e dos variados estilos musicais que são comumente executados nas sessões. O musicoterapeuta, por sua vez, deve estar preparado para perceber e administrar todas as "pistas" dadas pelo paciente a fim de que o processo evolutivo das sessões possa ser efetivado em qualquer nível musical existente. Para isso, é importante um conhecimento sólido acerca das técnicas musicoterápicas, dos instrumentos e do repertório utilizado no *setting* de musicoterapia. Este trabalho tem como escopo informar sobre a importância da proficiência em música para um melhor aproveitamento no *setting* musicoterápico nas suas mais diferentes aplicações. Além disso, pretendemos contribuir para a investigação acerca de abordagens auxiliares para um bom preparo de um musicoterapeuta para a atuação no *setting* musicoterápico, tais como a produção musical e seus processos tecnológicos.

Palavras-chave: Musicoterapia, Tecnologia, Produção Musical

Music therapy and Technology: Musical Production as a composition tool at the therapeutic setting.

Abstract: *Music therapy performance does not only means the mastery of a main instrument or the way it is played, but a musicality based on the knowledge of instruments, techniques (improvisation, transposition, composition, among others) and the varied musical styles that are commonly performed in sessions. The music therapist, in turn, must be prepared to perceive and manage all the "tips" given by the patient so that the evolutionary process of the sessions can be done at any existing musical level. It's important to have a solid knowledge about the music therapy techniques, instruments and repertoire used in the music therapy setting. This work intends to inform about the importance of proficiency in music for a better use in the music therapy setting in its most different applications. In addition, to contribute to the investigation about auxiliary approaches for a good preparation of a music therapist for acting in the music therapy setting, such as musical production and its technological processes.*

Keywords: *Music Therapy, Technology, Music Production*

Introdução

São muitos os fatores que levam o musicoterapeuta a desempenhar uma boa performance no *setting* terapêutico. Dentre elas, o domínio de um instrumento musical é de grande importância para não precisar despendar de atenção em um momento onde o foco deve estar em uma outra atividade, tal como acompanhar ou transpor a harmonia de uma música.

Com o advento da tecnologia, são criadas novas formas de fazer música e o musicoterapeuta, por sua vez, pode se mostrar disponível a se utilizar desses recursos para se conectar ao universo musical de seus pacientes.

Será apresentada a evolução do acompanhamento do paciente Luigi, uma criança autista Asperger que tem grande potencial criativo e interesse por videogames. Discutiremos o processo de criação, produção e gravação de uma trilha sonora composta para um jogo fictício criado em nossos atendimentos.

Cabe acrescentar que o hábito de estar sempre atento às mudanças de repertório e às inovações tecnológicas no fazer musical podem trazer novas alternativas de abordagem, como a que será discutida neste trabalho, a Produção Musical. Este trabalho não se dedica a determinar a importância dos conhecimentos de produção como algo imprescindível à prática musicoterápica, mas apresentar uma abordagem diferenciada que muito pouco é explorada no processo terapêutico, devido à expertise necessária para manusear essa tecnologia.

1 A Musicalidade do Musicoterapeuta

1. O musicoterapeuta

Na prática musicoterápica, muitos aspectos são relevantes para o desenvolvimento do processo terapêutico. Dentre eles, observa-se a necessidade de uma formação musical da parte do musicoterapeuta para o aperfeiçoamento da *performance* no *setting* musicoterápico.

No dicionário Michaelis, entende-se por *performance* o “conjunto de fatores que determinam o desempenho de algo”. Trazendo para o âmbito musicoterápico, seria o conjunto de habilidades que tornam o musicoterapeuta apto a trabalhar no *setting* com “liberdade musical para poder se movimentar de forma a não se preocupar com a música” (COELHO 2008 p.20).

Nas palavras de BARCELLOS (1999):

Muitas vezes, o musicoterapeuta sabe o que utilizar sonoramente mas não tem condições de fazê-lo porque não domina bem um determinado instrumento musical ou, ainda, um determinado aspecto da música. O musicoterapeuta tem que dominar o instrumento musical e não, ser dominado por ele. À medida em que não conhecemos bem um instrumento, não nos sentimos livres para utilizá-lo; sentimo-nos presos. (p.48)

Não devemos esquecer que o conhecimento musical para aplicação no *setting* musicoterápico deve estar à disposição do musicoterapeuta e não o contrário, pois “O Cliente é a principal prioridade da terapia, e não a música” (BRUSCIA 2000 p.100). Sendo assim, devemos estar musicalmente preparados para todo o tipo de paciente, pois “as preferências, as habilidades e as aquisições musicais do cliente são sempre aceitas sem julgamento” (ibid.).

De todos os métodos e técnicas, a abordagem Nordoff-Robbins de musicoterapia criativa, é uma das mais completas para a conceituação de *performance* no *setting* musicoterápico. Todos os conhecimentos musicais são amplamente utilizados a serviço do processo terapêutico, de modo que o musicoterapeuta disponha de todos os recursos teóricos e práticos para captar todos os “sinais” que o paciente possa vir a oferecer.

Em seu livro “Definindo Musicoterapia”, Kenneth Bruscia fala sobre a abordagem Nordoff-Robbins da seguinte maneira:

Qualquer pessoa que tenha escutado a requintada habilidade musical de Paul Nordoff dificilmente dirá que a musicoterapia não está preocupada com a qualidade musical. Suas improvisações são trabalhos artísticos e seus sucessos clínicos foram os primeiros a demonstrar um princípio básico da musicoterapia: quanto melhor for a música, melhor será a resposta do cliente e mais clinicamente efetiva será a musicoterapia. (p.103)

Benenson sugere que o musicoterapeuta “deve adquirir conhecimentos médicos, psicológicos e musicais; entretanto não deve ser médico, nem psicólogo, nem músico” (1987 p.193). Em seguida, ao afirmar sobre a necessidade da formação musical, diz que a mesma deve estar “centralizada na aprendizagem da técnica da improvisação livre e da criação constante.” (op. cit. p.195).

1.2 O paciente

Muitas vezes, no *setting* terapêutico, o paciente não possui conhecimentos musicais, mas percebe música. O musicoterapeuta, por sua vez deve estar preparado para abraçar musicalmente esse paciente em todas as suas possibilidades. A participação musical do paciente que não possui conhecimentos de música demanda ainda mais do que Barcellos (1999) chama de “capacidade perceptiva” do musicoterapeuta, uma vez que:

é preciso que o musicoterapeuta possa perceber o paciente e utilizar a linguagem musical da forma mais adequada tanto a satisfazer os interesses e necessidades dele (paciente) quanto alcançar os objetivos estabelecidos. (p.47)

O desenvolvimento da musicoterapia se dá em um meio musical. É pela música que se desenvolvem e alcançam os objetivos terapêuticos.

2 O caso Luigi

Luigi é uma criança Asperger que está em atendimento musicoterapêutico comigo há 3 anos, desde sua entrada no Espaço Cultural Tocando em Você, no Rio de Janeiro. Durante todo o processo, a criatividade sempre foi o fio condutor da terapia. Por meio da composição conquistamos diversos objetivos, como a expressão de sentimentos, a apropriação dos seus talentos, bem como trabalhar com a sua ansiedade por meio de diálogos musicais. Ou seja, um paciente trabalhado para se comunicar por

meio da música. Durante o ano de 2020 estivemos afastados por um tempo, em decorrência da pandemia do COVID-19. Isso fez com que perdêssemos um pouco do ritmo que estávamos habituados a trabalhar. Com a volta dos atendimentos presenciais, respeitando as medidas de segurança, precisamos fazer uma readaptação dos procedimentos musicoterapêuticos, de modo que o paciente se sentisse seguro em estar novamente naquele ambiente após tanto tempo em casa.

Luigi sempre se mostrou disposto e interessado em voltar, fazendo todas as atividades que enviei para que fizesse em casa. Durante as primeiras sessões, quando ainda não conseguíamos reestabelecer a fluência musical que estávamos habituados, sugeri que a gente escutasse algumas trilhas de seus jogos de videogame favoritos. Luigi se mostrou muito envolvido e apresentou diversos jogos. Em uma outra sessão, ainda dentro dessa proposta, sugeri que inventássemos um roteiro de uma história para um jogo de videogame, que é uma de suas paixões. Estabelecia um jogo de 5 fases, onde a gente desenvolveria uma história para cada uma. O paciente se mostrou muito interessado, levando a atividade para casa e trazendo no próximo encontro um desenho que ele disse que seria a capa do jogo.

Quando terminamos esse roteiro, sugeri ao paciente que criássemos uma trilha para esse jogo. Foi então que retomamos nossa atividade criativa musical, desenvolvendo uma música para cada fase. Todo esse processo de criação foi desenvolvido para que ele tivesse as idéias que conduziriam as composições, sendo o meu papel apenas o de dar continente para que ele se expressasse mesmo sem ter conhecimentos ou técnicas musicais.

3 Produção

Em poucas sessões, desenvolvemos as composições e já estávamos bastante satisfeitos com os resultados que havíamos obtido. Luigi estava feliz de ter desenvolvido um projeto dentro de sua área de maior interesse e eu como musicoterapeuta por ter realizado um trabalho onde ele se sentisse tão envolvido em todas as etapas. Surgiu então a idéia de gravar as composições com os recursos de produção dos jogos antigos de videogame, conhecidos como sons “8bit”. Preparei uma base rítmica e harmônica para que ele gravasse a melodia que ele mesmo criou.

Todo o processo foi produzido no meu estúdio, com recursos profissionais de síntese, captação e edição. O objetivo desta nova etapa era trazer empoderamento para as habilidades do paciente, de modo que ele entendesse que sua criação é aplicável para um projeto real e seu desenvolvimento terapêutico de modo geral tem como objetivo prepará-lo para a vida.

4 Conclusão

Como era esperado, a produção dessa trilha trouxe para Luigi um grande ganho no aspecto terapêutico, pois o paciente se mostrou muito orgulhoso e confiante do que havia feito, não só pela composição, mas por ter participado ativamente de todo o processo, inclusive da edição das gravações, escolha de timbres, etc. O conhecimento das ferramentas de gravação foi diferencial para que houvesse uma experiência completa dentro da atividade proposta.

É importante deixar claro que este trabalho não tem como objetivo afirmar a necessidade de ter esses conhecimentos acerca do universo da produção musical para certificar uma prática de musicoterapia. Muito pelo contrário, este texto visa contribuir com materiais de recursos pouco utilizados, de modo a fomentar novas práticas que vão contextualizar as abordagens no tempo em que vivemos. Com isso, é possível concluir que a tecnologia pode servir como um grande aliado no processo terapêutico, desde que se prevaleça o paciente como o principal objeto de trabalho, dando continente para que sua criatividade seja trabalhada da maneira mais completa possível

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. – **Cadernos de musicoterapia vol.4**. Rio de Janeiro, Enelivros, 1999.

BENZON, Rolando O. – **O autismo, a família, a instituição e a musicoterapia**: Tradução de Rogério Lima. Enelivros, 1987.

BRUSCIA, Kenneth E.– **Definindo musicoterapia**: Tradução de Mariza Velloso Fernandes Conde. Segunda edição - Enelivros, 2000.

COELHO, Sérgio C. R. C. – **Co-Terapia entre musicoterapeutas músicos**. Conservatório Brasileiro de Música. Trabalho de conclusão de curso, Rio de Janeiro, 2009.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/performance/>. Acesso em 30 de Novembro de 2020

Musicoterapia em Grupos Terapêuticos Online: uma prática transdisciplinar

Ana Elisa Reis Amorim
Rafaella Andrade Vivencio
Marciana Gonçalves Farinha
Fernanda Valentin
Kelly Dantas dos Santos

Resumo: Este trabalho é um relato de experiência de uma intervenção terapêutica breve em grupos online, realizado por uma equipe transdisciplinar, voltada para universitários e profissionais da saúde. Trata-se de um projeto de extensão e pesquisa das Universidades Federais de Goiás e de Uberlândia. Assim, objetiva-se apresentar as contribuições da musicoterapia em grupos terapêuticos online, a partir de uma perspectiva transdisciplinar. Considera-se que a musicoterapia contribui para um ambiente virtual acolhedor, facilitando o desenvolvimento de vínculos e a expressão dos participantes.

Palavras-chave: Musicoterapia. Intervenção Breve. Grupo Online. Transdisciplinaridade.

Music Therapy, Online Therapeutic Group and Transdisciplinarity: interlocutions and relevance

Abstract: *This work is an experience report of a brief therapeutic intervention in online groups, carried out by a transdisciplinary team, aimed at undergraduates and health professionals. This is an extension and research project by the Federal Universities of Goiás and Uberlândia. Thus, the objective is to present the contributions of music therapy in online therapeutic groups, from a transdisciplinary perspective. It is considered that music therapy contributes to a welcoming virtual environment, facilitating the development of bonds and the expression of the participants.*

Keywords: *Music Therapy; Brief Intervention; Online Group; Transdisciplinarity.*

Introdução

A pandemia de COVID-19, reconhecida oficialmente no Brasil em março de 2020, desencadeou diversos fatores que modificou a rotina da população. Alguns fatores são: o isolamento social, o novo modelo educacional, o acesso e remanejamento de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), desemprego, adaptação ao *home office*, possíveis atrasos na conclusão do Ensino Superior, entre outros (AQUINO, et. al, 2020).

A realização dos grupos no formato virtual viabiliza o contato com a comunidade afetada pela referida doença e produz cuidados em saúde mental. Além disso, os grupos terapêuticos online favorecem atender um maior número de pessoas, bem como a criação de vínculos e ressignificação de vivências nesses grupos (NUNES, et. al, 2020).

A União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) elaborou um documento com diretrizes para a realização de atendimentos musicoterapêuticos online apenas em regime emergencial

no período de isolamento. Dentre os objetivos apontados, tem-se que as intervenções musicoterapêuticas, enquanto estratégias de enfrentamento de crise, devem priorizar a qualidade da grupalidade, das relações interpessoais e/ou familiares, colaborando com os indivíduos e/ou grupos atendidos (UBAM, 2020).

Assim, este trabalho objetiva apresentar as contribuições da musicoterapia em grupos terapêuticos online, a partir de uma perspectiva transdisciplinar.

Atendimento em grupo online

A realização de grupos terapêuticos online não é algo recente, apesar de ter se tornado evidente neste momento pandêmico. A utilização das plataformas de acesso para realização dos grupos se amplia a cada dia, gerando comunicação síncrona. Também, a utilização de aplicativos assume um importante papel na comunicação assíncrona. O coordenador de grupo continua tendo um papel essencial como facilitador, exigindo do mesmo a adaptação ao formato virtual (PIERUCCINI, 2005).

Transdisciplinaridade e Musicoterapia

A transdisciplinaridade se pauta na aproximação e integração de diferentes disciplinas, com a resolução de problemáticas específicas e construção de conhecimento, de modo a instigar a reflexão e criar novas visões (ROQUETE, et. al, 2012). A musicoterapia é um híbrido de disciplinas da música e da terapia, portanto, é transdisciplinar em sua natureza. Ela é uma prática que propicia a expressividade e como área transdisciplinar possibilita interação e criação de vínculos entre participantes e facilitadores.

As intervenções musicoterapêuticas são singulares por envolver música e musicoterapeuta como parceiros no processo terapêutico, centrando-se no som, na beleza e na criatividade (BRUSCIA, 2016). Nas práticas musicoterapêuticas em grupo o processo de autoconhecimento é potencializado, visto a diversidade de histórias, pensamentos e sentimentos que o grupo expõe (CUNHA, 2019).

Metodologia

Este trabalho é um relato de experiência proveniente do projeto de extensão e pesquisa TOCA Grupo Terapêutico Online, da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O projeto oferece atendimento em grupo terapêutico online e gratuito a universitários e profissionais da saúde, com no máximo 25 participantes por grupo. A divulgação é realizada pelas redes sociais e no site das instituições. Até o momento, foram realizados oito grupos, sendo seis com universitários e dois com profissionais da saúde.

As reuniões acontecem por meio da plataforma *Zoom*, em sete encontros, cada um, com duração de uma hora e meia. Também, são utilizados *Whatsapp*, *Youtube* e *Spotify*, como ferramentas complementares de comunicação e apoio aos grupos. Cada grupo conta com dois profissionais facilitadores e um estudante, observador participante.

Após cada encontro com o grupo, a equipe de coordenação realiza avaliação e planejamento do encontro seguinte. Para a condução dos encontros utiliza-se a metodologia do Ciclo de Aprendizagem Vivencial (MOSCOVICI, 2001), seguindo as etapas de acolhimento, aquecimento, técnica, processamento e fechamento, com o uso de experiências de audição, composição, improvisação e recriação musicais (BRUSCIA, 2016).

Como instrumentos de coleta foram utilizados formulário de inscrição e avaliação final, aplicados pelo Google Forms, e avaliação do processo grupal.

Resultados e Discussão de dados

Os encontros grupais propiciaram um espaço de escuta, acolhimento e troca de experiências, proporcionando reflexões por meio de atividades e vivências de integração. Teve-se alcance a universitários que não tinham a possibilidade de acesso a um grupo terapêutico presencial ou não possuíam conhecimento dessas ações em sua universidade.

A utilização da música durante dos encontros tornou-se um diferencial, por acolher os participantes, facilitar o processo de desenvolvimento dos vínculos terapêuticos e a expressão de sentimentos e emoções dos participantes. Foram construídas *playlists* colaborativas em cada grupo como forma de realizar o levantamento da identidade sonora. Tais músicas foram utilizadas para a realização das experiências musicais ao longo do processo grupal, especialmente na chegada dos participantes, com a audição das músicas gravadas ou tocadas ao vivo pelos musicoterapeutas. No aquecimento do grupo foram realizadas experiências de improvisação e recriação musical, com ênfase na expressão corporal, a fim de estimular a espontaneidade, descontração e integração. Após o processamento, foi possível em alguns encontros, compor canções e paródias de forma coletiva, contribuindo com a organização de pensamentos e sentimentos, circularizando e regulando tensões.

Na elaboração de propostas no planejamento, no desenvolvimento e na avaliação de cada encontro, a percepção e o suporte dos demais profissionais da equipe foram de suma importância para o processo grupal e alcance dos objetivos terapêuticos.

Conclusão

Inestabilidade da conexão da internet, ruídos, fechamento de câmeras e microfones foram fatores que forneceram informações sobre as paisagens sonoras de cada participante e influenciaram na dinâmica grupal. A musicoterapia, ao possibilitar a oferta de experiências musicais como agente facilitador, contribui para a construção de um ambiente acolhedor que inspira a participação, a criatividade, a organização de ideias e a expressão de sentimentos para além da linguagem verbal.

Dessa forma, percebe-se que a musicoterapia em um grupo terapêutico online é permeada por vários atravessamentos que precisam ser considerados e ressignificados enquanto caminhos de saúde. O trabalho transdisciplinar na condução do grupo amplia as estratégias de planejamento, realização e

avaliação das intervenções. Destaca-se ainda a necessidade de aprofundar os estudos sobre a transdisciplinaridade em grupos terapêuticos online para novas construções de cuidado.

Referências

AQUINO, Estela M. L. et al . Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2423-2446, 2020.

BRUSCIA, K.E. **Definindo Musicoterapia**. Barcelona Publishers, 3 ed, 2016.

CUNHA, Rosemyriam. Reflexões sobre a prática da musicoterapia em grupo. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, n. 26, p. 08-27, 2019.

LI, W., Yang, et. al, Progression of Mental Health Services during the Covid-19 Outbreak in China. **Int J Biol Sci**, v. 16, n.10, p. 1732-1738, 2020.

NUNES, Fernanda Costa et. al. Group interventions and action research in health. application possibilities. **Revista Millenium**, v. 2, n. 11, p. 65-71, 2020.

OLIVEIRA, Adriana Cristina; LUCAS, Thabata Coaglio; IQUIAPAZA, Robert Aldo. O que a Pandemia da COVID-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, 2020.

PARANHOS, Mariana Esteves; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Psicologia nas emergências: uma nova prática a ser discutida. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 2, p. 557-571, 2015.

PIERUCCINI, Ângela. Dinâmica de grupos aplicadas em grupos virtuais: possibilidade ou ficção. **Rev SBDG**, v. 2, p. 42-9, 2005.

ROQUETE, Fátima Ferreira et. al. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: em busca de diálogo entre saberes no campo da saúde pública. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, 2012.

UBAM. **Diretrizes nacionais de atendimentos musicoterapêuticos mediados por Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC's)**. Brasília: 2020.

★ Musicoterapia, intervenção precoce e consciência corporal

Simone Presotti
Giselle Faria

Resumo: No presente estudo ressaltamos as contribuições que os conhecimentos da musicoterapia podem trazer para as equipes de intervenção precoce quanto ao uso da música como forma de estimular a formação da consciência corporal da criança em tenra idade. A experiência infantil se dá através dos órgãos dos sentidos, destacando-se a propriocepção, através da qual o bebê amplia as dimensões e as potencialidades do próprio corpo. Ressalta também a percepção dos responsáveis sobre o sua da música nas demais terapias e sobre a motivação que este uso representa para os pacientes e sua família.

Palavras-chave: Música. Musicoterapia. Intervenção Precoce. Consciência Corporal.

Music therapy, early intervention and body awareness

Abstract: *In the present study, we highlight the contributions that the knowledge of music therapy can bring to the early intervention teams regarding the use of music as a way to stimulate the formation of body awareness of child at an early age. The infantile experience occurs through the sense organs, especially proprioception, through which the baby expands the dimensions and potentialities of the body itself. It also highlights the perception of those responsible for their use of music in other therapies and about motivation that represents for patients and their families.*

Keywords: *Music. Music therapy. Early Intervention. Corporal Conscience.*

Introdução

O uso da música como forma de estimulação infantil está presente em todos os contextos sociais e culturas. A musicoterapia estimula e amplia as habilidades lúdicas da criança através de vivências musicais devidamente conduzidas, estímulo que favorece e potencializa o desenvolvimento de competências nos domínios motor, cognitivo, social, afetivo, emocional, linguístico, comunicacional, entre outros (ILARI, 2003). No presente trabalho ressaltamos as contribuições que os conhecimentos da musicoterapia podem trazer para as equipes de intervenção precoce quanto ao uso da música como forma de estimular a formação da consciência corporal da criança em tenra idade. A experiência infantil se dá através dos órgãos dos sentidos, destacando-se a propriocepção, através da qual o bebê amplia as dimensões e as potencialidades do próprio corpo. Torna-se capaz de reconhecer suas partes (braços, pernas, cabeça, mãos, etc.), coordenar sua respiração, se movimentar com equilíbrio reconhecendo o espaço que este corpo ocupa e sua relação com o entorno, alcançando uma boa orientação espacial, movimentação bilateral do corpo e amplitude articular, além de promover melhora nas habilidades funcionais e de coordenação motora. Esse processo envolve um aprendizado socioafetivo que leva à diferenciação do outro (em especial a mãe), construindo uma autoimagem para a constituição do sujeito.

Em nossa prática observamos ganhos significativos nos aspectos referentes à motricidade, consciência corporal e organização da postura através do uso de canções. Já se sabe que os tratamentos

de reabilitação física com base em intervenções que utilizam elementos musicais têm resultado na melhoria da movimentação bilateral do corpo e da amplitude articular, além de promover melhora nas habilidades funcionais e de coordenação motora (WOOD; EAMES, 1988). Uma revisão de literatura realizada em 2011 observou que a musicoterapia potencializa e favorece um melhor funcionamento físico, psicológico, cognitivo e emocional no ambiente da reabilitação física (WELLER; BAKER, 2011). Quando realizada como um recurso de intervenção precoce, a musicoterapia já demonstrou impactar positivamente em características fisiológicas e emocionais em todas as fases da infância, tendo sido observados resultados positivos em crianças desde as prematuras (com idade gestacional menor ou igual a 36 semanas) até aquelas no final da fase caracterizada como segunda infância (por volta dos 12 anos de idade). Isso porque estudos prévios sugerem que, quando submetidas a um som ritmado e harmônico, crianças mais novas podem apresentar alívio de dores de causas física e emocional, alteração em parâmetros hemodinâmicos como frequência cardíaca e ritmo respiratório, além de favorecer um maior relaxamento muscular e melhora do sono. Inclusive no que se refere à DT (Defensividade Tátil) foram levantados aspectos sobre o uso dos instrumentos musicais como forma de facilitar a modulação do sistema para as experiências táteis proporcionadas pelo uso de instrumentos com texturas diversas (TIBÚRCIO; SANTOS, 2019). A compreensão em torno do desenvolvimento humano e da plasticidade cerebral vem consolidando a intervenção do musicoterapeuta e sua importância para equipe interdisciplinar.

Metodologia

No *setting* musicoterapêutico, o uso dos instrumentos musicais e objetos sonoros são a base das interações e se constituem como o construto básico para o processo. Em ambos os casos, trata-se de um ponto de partida para a capacidade de lidar e modular a percepção do estímulo. O uso de objetos sonoros e instrumentos musicais se tornaram um recurso motivador para estimular as experiências táteis nas sessões de neuroreabilitação. Os objetos sonoros e instrumentos musicais de materiais, pesos e texturas variadas são usados de forma lúdica e motivadora para as atividades propostas.

Resultados

Acreditamos que o objetivo de maior relevância para uso da música na intervenção precoce está relacionado ao fator motivação.

A utilização de atividades musicais merece atenção, sobretudo quanto aos aspectos adequados da melodia, do ritmo e da letra, a fim de favorecer a percepção infantil de cada um desses aspectos, estimulando tais habilidades de forma natural, porém consistente. Os conhecimentos da musicoterapia ampliam a visão sobre o assunto para demais profissionais da saúde e educação, auxiliando para uma melhor atuação interdisciplinar tanto na intervenção precoce quanto na aprendizagem oportuna.

Esses conhecimentos, multiplicados a partir da intervenção precoce se estendendo para o ambiente familiar, levando a um melhor uso dos recursos sonoros em todos os contextos da vida da

criança. A fim de levantar dados sobre a percepção dos adultos que acompanham as crianças aos atendimentos de intervenção precoce interdisciplinar sobre o uso da música nas atividades terapêuticas, foram enviados questionários através de plataforma virtual visando manter o sigilo.

Considerações finais

A musicoterapia estuda o uso de recursos sonoros adequados para cada faixa etária e característica infantil, levando em conta a presença de intercorrências como síndrome de Down, paralisia cerebral e TEA. O musicoterapeuta orienta para um melhor uso de canções e composições, que de forma adequada preparam a criança para assimilar, além dos aspectos da consciência corporal, outros atributos envolvidos na atividade musical: imitar pequenos gestos e sons, atenção compartilhada e interação com adultos e demais crianças. Embora o uso da música não seja específico do profissional musicoterapeuta, devemos buscar formas eficientes de informar e orientar sobre o uso destes recursos, apresentando sempre a especificidade da musicoterapia.

Referências

ILARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. In: **Revista da ABEM**, Porto Alegre, 2003, V. 9, 7-16.

SILVA, Camila Mendes da et al. Respostas fisiológicas de recém-nascidos pré-termo submetidos à musicoterapia clássica. **Rev. paul. pediatr.** [online]. 2013, vol. 31, n. 1, p. 30-36.

TIBÚRCIO, Simone Presotti; SANTOS, Sibeles Maria dos. Musicoterapia e Terapia Ocupacional: Defensividade tátil e objetos sonoros. In: Congresso Ibero-americano de Investigação em Musicoterapia, 4, 2019, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Grupo Ibero-americano de Investigação em Musicoterapia, 2019, p. 228-232.

WELLER, C. M.; BAKER, F. A. The role of music therapy in physical rehabilitation: A systematic literature review. In: **Nordic J Music Ther.** 2011, v. 20, n. 1, p. 43-61.

WOOD, Roger Llewellyn; EAMES, Peter G. **Models of brain injury rehabilitation.** Londres: Chapman & Hall, 1988.

Musicoterapia, qualidade de vida e idosos: uma revisão integrativa

Nayara Pereira Peixoto
Claudia Regina de Oliveira Zanini

Resumo: Até 2050, o índice de envelhecimento no Brasil terá projeções significativas de aumento. Diante desse fato, associado ao aumento de doenças crônicas, a Musicoterapia surge como uma possível intervenção não medicamentosa para promover saúde e qualidade de vida para essa faixa etária. **Objetivo:** investigar publicações sobre a contribuição da Musicoterapia para a qualidade de vida de pessoas idosas. **Conclusão:** Apesar de apenas quatro artigos incluídos, observou-se que a Musicoterapia é uma intervenção não medicamentosa capaz de promover qualidade de vida para a população idosa e contribuir para a avaliação de aspectos importantes para essa clientela.

Palavras-chave: Musicoterapia. Qualidade de vida. Idosos. Envelhecimento. Revisão integrativa.

Music therapy, Quality of life and the Elderly: An Integrative Review

Abstract: *Until 2050, the aging index in Brazil will have significant projections of increase. Given this fact, associated with the increase in chronic diseases, Music Therapy appears as a possible non-drug intervention to promote health and quality of life for this age group. Objective: to investigate publications on the contribution of Music Therapy to the quality of life of the elderly. Conclusion: Despite only four articles included, it was observed that Music Therapy is a non-medication intervention capable of promoting quality of life for the elderly population and contributing to the evaluation of important aspects for this clientele.*

Keywords: *Music therapy. Quality of life. Elderly. Aging. Integrative review.*

Introdução

Segundo a projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em trinta anos o Brasil terá um aumento no índice de envelhecimento (IE) de 95,32%. No Estado de Goiás, o IE será de 77,10%, mostrando um acelerado crescimento da população de 60 anos ou mais (IBGE, 2020).

De acordo com a pesquisa de Duarte et al (2019), a maior parte dos idosos participantes afirmou ter mais de duas doenças e, um terço, usar mais de cinco medicamentos. Isso demonstra a alta ocorrência de doenças crônicas nessa fase da vida, tornando-se fundamental promover a qualidade de vida. Entretanto, apenas o uso de medicamentos não parece ser eficiente para proporcionar bem-estar.

Assim, a Musicoterapia surge como intervenção não medicamentosa para a pessoa idosa, auxiliando em aspectos como: cognição, socialização, mobilidade, ansiedade, memória, depressão e pressão arterial (NEMES et al., 2017).

O presente estudo tem como objetivo investigar a contribuição da Musicoterapia para a qualidade de vida de pessoas idosas. Espera-se contribuir para ampliar o conhecimento de musicoterapeutas, estudantes e demais profissionais da saúde, divulgando-se estudos que têm ampliado a prática baseada em evidências (PBE). (ZANINI, 2016).

Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que é um método utilizado e recomendado para a área da saúde (WHITTEMORE; KNAFL, 2005). Para a seleção dos estudos, baseou-se nos conceitos de leitura exploratória (título dos artigos), seletiva (resumo) e analítica (leitura integral). (GIL, 2002). Associou-se a essas etapas de busca, a utilização da hand-search (pesquisa manual) e a busca de diferentes estudos como os Anais publicados nos Encontros Nacionais de Musicoterapia, a fim de cumprir com a diversidade e maior abrangência dessa metodologia (WHITTEMORE; KNAFL, *Op. Cit.*).

Optou-se pela busca manual de artigos publicados pelas três revistas das áreas de Música e Musicoterapia que mais divulgam esse campo de conhecimento no país: Revista Brasileira de Musicoterapia (RBM), Revista Música Hodie e Revista InCantare. Além dessas buscas, considerou-se os artigos dos Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia (2017), publicados pela RBM. Na procura por meio eletrônico, selecionou-se duas bases de dados entre as mais reconhecidas nas Ciências da Saúde Cochrane Brasil: Medline/BVS e Lilacs/BVS (“Portais e Bases de Dados Científicas”, [s.d.]).

O período de 2017 a 2020 foi considerado para as buscas, utilizando-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs) associados à utilização das aspas, asterisco e o operador booleano AND presentes no guia rápido de pesquisa na BVS (“Guia rápido BVS”, [s.d.]). Para a busca manual aplicou-se a palavra “musicoterapia”. Nas bases de dados eletrônicas foram realizadas três estratégias de buscas avançadas com os descritores em português. Busca 1: "musicoterapia"AND "idoso*"AND"qualidade de vida", busca 2: "Musicoterapia"AND" qualidade de vida" e busca 3: “musicoterapia”AND “envelhecimento”.

Como critérios de inclusão considerou-se: estudos envolvendo participantes com idade igual ou superior a sessenta anos; publicações entre 2017 e 2020; intervenções realizadas por musicoterapeuta; e, textos em português, espanhol e inglês. Os critérios de exclusão foram: artigos com população de idade abaixo de sessenta anos; publicações sem acesso livre; e, formatos de revisão de literatura, monografias, dissertações e teses.

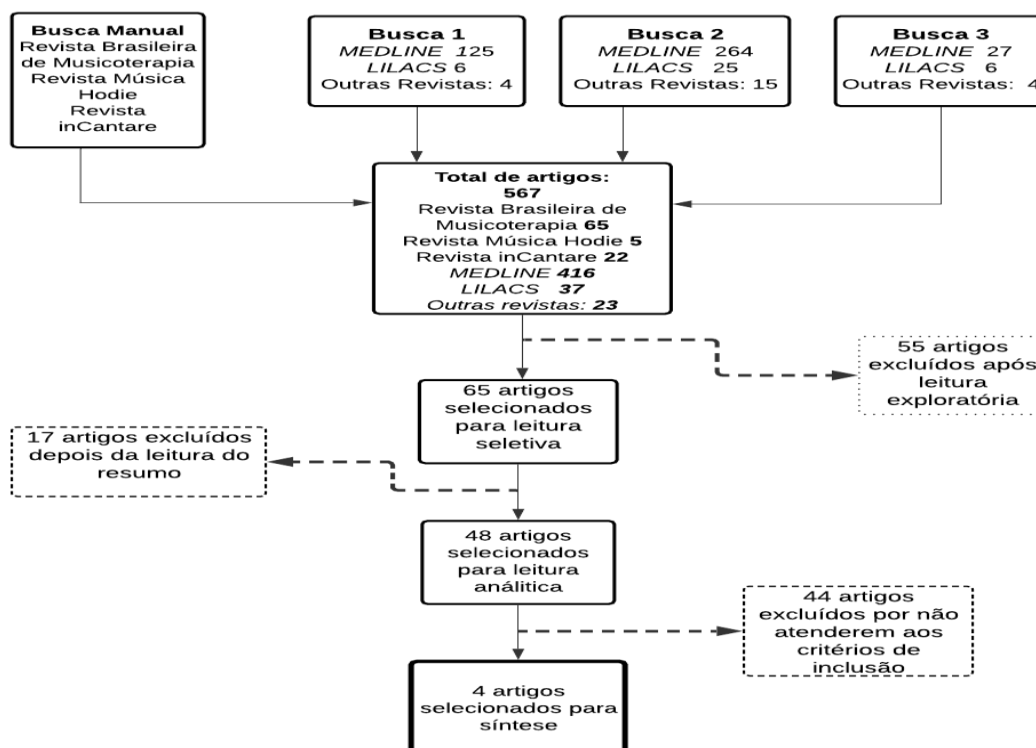
Cada artigo incluído foi analisado, tendo como base as seguintes categorias: autor(es) e ano, objetivo da pesquisa, participantes, intervenção, principais resultados e conclusões. Para a análise dos dados dos artigos incluídos, refletiu-se sobre os objetivos iniciais da revisão em triangulação com as áreas envolvidas no estudo, Musicoterapia e Envelhecimento.

Resultados

A partir dos critérios mencionados, foram encontrados 567 artigos (Figura 1). Inicialmente, foram excluídos 321 por serem anteriores a 2017 e 6 de outras revistas. Dos 240 artigos restante, 185 foram selecionados para leitura exploratória dos títulos, 65 foram utilizados para a leitura seletiva dos

resumos e 48 artigos foram escolhidos para a leitura analítica integral dos textos. Ao final, foram excluídos 551 artigos por não cumprirem os critérios de inclusão.

Figura 1. Fluxograma de buscas, seleção e exclusão dos artigos para a revisão integrativa



A clientela envolvida nos artigos incluídos é formada por pacientes com quadros neurológicos. Raglio et al. (2017) atenderam pacientes com AVC isquêmico e hemorrágico em ambiente hospitalar. Ray & Mittelman (2017) trabalharam com residentes em instituições de longa permanência. Miranda et al. (2018) conduziram estudo com pacientes atendidos por empresa de assistência domiciliar. Tan et al. (2018) coordenaram intervenção musicoterapêutica, em unidade hospitalar, com Pacientes com Demência – PCDs (Quadro 1).

Quadro 1. Síntese dos artigos incluídos na revisão integrativa

Autor/ Ano	Objetivo	Participantes	Intervenção	Resultados
(RAGLIO et al., 2017)	Avaliar a hipótese de que a abordagem relacional ativa da musicoterapia (RAMT) pode melhorar as habilidades motoras fina e grossa, em particular nas extremidades superiores.	38 idosos hospitalizados em reabilitação pós aguda do acidente vascular cerebral isquêmico (n = 35) e hemorrágico (n = 3) foram recrutado imediatamente após a fase aguda. 16 homens e 22 mulheres; média de 73 anos de idade.	Duração: 3 semanas Descrição: 20 sessões com duração de 30 minutos cada. Os idosos foram aleatoriamente alocados, 16 no grupo experimental(G.E.) e 16 no grupo controle (G.C.). Instrumentos utilizados: National Institutes of Health Stroke Scale (It-NIHSS); Functional Independence Measure (FIM); Grip-Pinch Dynamometric Test; 9Hole Peg Test; Timed Up and Go Test (TUG); The Aachener Aphasia Test; short version of the Montreal Battery of Evaluation of Amusia - MBEA (rhythm and melodic contour perception); Hospital Anxiety and Depression Scale (HADS); McGill Quality-of-Life Questionnaire (MQOL-It); Music Therapy Rating Scale (MTRS)	A qualidade de vida foi mais alto no grupo experimental (+ 14%) comparada com a do grupo controle (+ 3%). No grupo experimental ocorreu a diminuição da ansiedade e depressão (p = 0,016), aumento de 50% da força da mão não dominante (esquerda) comparado com 20% do grupo controle. O RAMT também aumentou os momentos de comunicação e relacionamento empático entre o paciente e o musicoterapeuta, facilitando a expressão e o compartilhamento das emoções
(RAY; MITTELMAN, 2017)	Avaliar a musicoterapia no tratamento da depressão, agitação e divagação da mente, comportamentos associados à demência.	132 idosos com demência (112 mulheres e 20 homens), idade média de 89,6 anos.	Duração: 2 semanas Descrição: 3 sessões por semana. O grupo controle e experimental foi realizado com os mesmos indivíduos. Comparando os efeitos de duas semanas de cuidado com intervenção de musicoterapia e duas semanas após o término da musicoterapia para determinar os efeitos imediatos e prolongados da intervenção . Instrumentos utilizados: Reisberg's Functional Assessment Screening Test (FAST); Cornell Scale for Depression (CSD); Algase Wandering Scale (AWS); Cohen Mansfield Agitation Inventory (CMAI). Seleção de preferências musicais, improvisação e recreação. questionários de preferências musicais para a seleção de músicas; estabelecimento de três categorias distintas: música e movimento, canto e música tonal;	Os resultados gerados pelo software estatístico ANOVA sugerem que não foi eficaz na redução dos sintomas de divagação da mente. Em contrapartida, a prática da musicoterapia em ambientes de cuidados de longa permanência pode ser eficaz ao reduzir os sintomas de depressão e agitação. De forma geral, a intervenção musicoterápica proporcionou uma oportunidade de autoexpressão por meios verbais e não verbais usando música e movimento, canto e terapia tonal.

<p>(MIRANDA <i>et al.</i>, 2018)</p> <p>Investigar os procedimentos musicoterapêuticos realizados durante os atendimentos de Musicoterapia domiciliar a idosos.</p>	<p>9 mulheres e 1 homem com doenças crônicas; média de idade de 78,5 anos .</p>	<p>Duração: 4 meses Descrição: sessões semanais de 60 minutos cada. Instrumentos utilizados: experiências musicais de audição, improvisação e re-criação, formulário de registro musicoterapêutico da paciente ASR e avaliação multidimensional do idoso com as dimensões: motora, cognitiva, comunicacional e emocional.</p>	<p>Por meio da análise dos conteúdos dos relatórios e formulários das sessões musicoterapêuticas, as autoras propõem um novo modo de intervenção e avaliação de resultados musicoterapêuticos a resposta dos idosos aos procedimentos em atenção domiciliar. Ao identificar mais quatro dimensões além das quatro já reconhecida na Gerontologia (física, emocional, comunicacional e cognitiva): social (prática dos ideais, reconhecimento, generosidade, relações), musical (prazer musical, percepção, habilidade vocal, rítmica ou harmônica), espiritual (crenças, devoção, solidariedade, assistencialidade, amor ao próximo) e autoconsciência (autoconhecimento, amor próprio, síntese pessoal). A categorização dos procedimentos musicoterapêuticos foi relevante como forma de contribuição na literatura ao ampliar, de forma inovadora, a observação de outros aspectos importantes para a vida dos idosos.</p>
<p>(TAN <i>et al.</i>, 2018)</p> <p>Desenvolver e validar uma nova escala para avaliar o envolvimento da musicoterapia em Paciente Com Demência (PCDs).</p>	<p>62 idosos com demência (83,2 ± 7,7 anos, versão modificada do mini-exame do estado mental = 13,2 / 30 ± 4,1) em uma unidade de demência aguda hospitalar foram envolvidos.</p>	<p>Duração: 120 sessões de musicoterapia Descrição: média de 30 minutos. O musicoterapeuta se concentrou na participação e bem-estar emocional dos PCDs com o objetivo de melhorar a qualidade de vida , diminuir os comportamentos da demência e melhorar a adesão ao tratamento. Instrumentos utilizados: Nordoff – Robbins Creative Music Therapy (NRCMT); Greater Cincinnati Chapter Well-being Observation Tool; Holden Communication Scale; Participant Engagement Observation Checklist –Music Sessions</p>	<p>A pontuação total da escala de engajamento de musicoterapia para demência(MTED) correlacionou-se fortemente com os itens combinados compreendendo prazer, interesse, tristeza e atenção sustentada pela ferramenta de observação do bem-estar de Greater Cincinnati Chapter. Foram estabelecidas cinco fatores: envolvimento musical, relacionamentos através da música, comunicação verbal, resposta emocional e extensão da capacidade de resposta geral. O MTED é, portanto, uma escala clinicamente adequada e psicometricamente válida para avaliar o envolvimento da musicoterapia em PCDs.</p>

Considerações finais

Este estudo buscou uma atualização sobre a utilização da Musicoterapia voltada para a qualidade de vida de pessoas idosas. Verificou-se que três dos quatro artigos incluídos demonstraram resultados positivos da Musicoterapia nas dimensões físicas, na diminuição dos sintomas de depressão e dos níveis de ansiedade (MIRANDA *et al.*, 2018a; RAGLIO *et al.*, 2017; RAY; MITTELMAN, 2017). Outro estudo desenvolveu e validou uma escala de engajamento de musicoterapia para demência (MTDE). (TAN *et al.*, 2018)

Apesar de apenas quatro artigos incluídos, observou-se que a Musicoterapia é uma intervenção capaz de promover qualidade de vida à população idosa e contribuir para a avaliação de aspectos relevantes como o engajamento em atividades musicais e sociais. Assim como no presente estudo, na revisão de Arruda et al. (2019), a maior parte dos artigos incluídos tinha como objetivo verificar a influência da Musicoterapia/Música em aspectos cognitivos ou neurológicos de pessoas idosas.

Os fatores limitadores deste estudo, que podem motivar pesquisas futuras são: utilização de um recorte temporal maior, mais bases de dados, mais descritores e outras línguas.

Finalmente, ressalta-se a importância da divulgação dos efeitos iatrogênicos da música para a comunidade científica e a sociedade, a fim de que haja real compreensão de que a Musicoterapia deve ser exercida somente por musicoterapeutas com formação acadêmica.

Referências

ARRUDA, M.L, GOMES, F.R.H., OLIVEIRA, V, VAGETTI, G.C. Influência da música e da musicoterapia na cognição e qualidade de vida da pessoa idosa: uma revisão sistemática. UTP.pens_ed.2019.Vol14.N37.pp234-266.Disponível em <https://interin.utp.br/index.php/article/view/751>. Acesso em: 29 de set. 2020.

DUARTE, G. M. et al. Autocuidado para o controle das doenças crônicas em idosos: relato de experiência com enfoque no consumo de medicamentos. **Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, v. 2, n. 3, p. 81–89, 1 set. 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/capimdourado/article/view/8385> Acesso em: 16 set. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view>. Acesso em: 27 ago. 2020.

Guia rápido BVS. [s.d.]. Disponível em: https://bvsalud.org/wp-content/uploads/2016/05/Guia_rapido_pt_2016.pdf. Acesso em: 23 ago. 2020

IBGE. Projeção da população. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MIRANDA, C. B. et al. Análise de conteúdo de procedimentos musicoterapêuticos em pacientes idosos da atenção domiciliar. **Revista InCantare**, v. 9, n. 2, p. 16, 2018. Disponível em: <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/anais-do-xvii-encontro-nacional-de-pesquisa-em-musicoterapia/>. Acesso em: 11 set. 2020.

NEMES, M. C. et al. Revisão sistemática sobre intervenções com idosos na área da musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. 22, p. 31, 2017. Disponível em: <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2018/04/3-Revis%C3%A3o-sistem%C3%A1tica-sobre-interven%C3%A7%C3%B5es-com-idosos-na-%C3%A1rea-da-musicoterapia-.pdf> . Acesso em: 25 ago. 2020.

Portais e Bases de Dados Científicas. Disponível em: <http://portais-e-bases-de-dados-cientificas>. Acesso em: 23 ago. 2020.

RAGLIO, A. et al. Active music therapy approach for stroke patients in the post-acute rehabilitation. **Neurological Sciences**, v. 38, n. 5, p. 893–897, maio 2017. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=123190811&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 25 set. 2020.

RAY, K. D.; MITTELMAN, M. S. Music therapy: A nonpharmacological approach to the care of agitation and depressive symptoms for nursing home residents with dementia. **Dementia**, v. 16, n. 6, p. 689–710, 1 ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1471301215613779>. Acesso em: 26 set. 2020.

TAN, J. et al. A new music therapy engagement scale for persons with dementia. **International Psychogeriatrics**, v. 31, n. 1, p. 49–58, 2018. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S1041610218000509/type/journal_article. Acesso em: 26 set. 2020.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546–553, 2005. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x> Acesso em: 25 ago. 2020.

ZANINI, Claudia. **Evidence-Based Practice of Music Therapy**. Palestra apresentada no Creative Arts Therapy Intensive Seminar. 2016. University of Melbourne.

Método Bonny de Imagens Guiadas e Música no Brasil: recorte em periódicos

Alana Oliveira Magalhães
Lucas Antunes Tibúrcio
Vanessa da Silva Parisi
Tânia Marques Cardoso

Resumo: Produzido por musicoterapeutas em formação no método Bonny de Imagens Guiadas e Música (BMGIM), o presente trabalho partiu de inquietações dos estudantes acerca dos desafios e exigências que o curso requer. A fim de conhecer a presença desse tema na literatura científica da Musicoterapia Brasileira, buscou-se em periódicos especializados ou relacionados à Musicoterapia dos últimos 5 anos. Foram encontrados 9 artigos que discorrem sobre ou apenas citam o BMGIM. Quantitativamente, os números não são significativos, revelando escassez de publicação nacional, qualitativamente, os escritos trazem aspectos singulares da interface GIM-Musicoterapia brasileira.

Palavras-chave: Imagens Guiadas e Música. GIM. Helen Bonny. Musicoterapia Brasileira.

The Bonny method of guided images and music in Brazil: a snapshot of the state of the art in the Revista Brasileira de Musicoterapia

Abstract: Produced by music therapists in training in the Bonny Method of Guided Imagery and Music (BMGIM), the present work started from students' concerns about the challenges and demands that the course requires. In order to know the presence of this theme in the scientific literature of Brazilian Music Therapy, was searched in specialized journals or related to Music Therapy, during the last 5 years. 9 articles were found that speaks directly or briefly about the topic. Quantitatively, the numbers are not significant, revealing scarcity of national publication; qualitatively, the writings bring unique aspects of the Brazilian GIM-Music Therapy interface.

Keywords: Guided Imagery and Music. GIM. Helen Bonny. Brazilian Music Therapy.

Introdução

Este trabalho surgiu da inquietação de musicoterapeutas brasileiros em formação no *Bonny Method of Guided Imagery and Music* (BMGIM), pelo Instituto Música Arte y Proceso (IMAP/Espanha), a respeito do acesso à literatura especializada no Brasil, em língua materna, tendo por objetivo conhecer os estudos nacionais sobre o tema.

Desenvolvido nos EUA por Helen Bonny, o BMGIM é mais conhecido no Brasil como GIM. O método é uma terapia centrada na música, realizada em um processo de audição musical e fala associativa, baseada na exploração do inconsciente rumo à integralidade do ser. O terapeuta/guia utiliza programas específicos de música erudita para conduzir o cliente/viajante a estados não-ordinários de consciência com o objetivo de estimular a imaginação, expandir a consciência, desenvolver autoconhecimento, iniciar movimentos transformativos, revelar aspectos desconhecidos e não-integrados do sujeito, dentre outros. O método tem como princípio a música como co-terapeuta e suporte para catarse (CLARK, 2002).

A formação no BMGIM é realizada em três níveis de aprofundamento teórico-prático. No Brasil, não há centro habilitado a promover o curso completo, portanto a formação e grande parte da literatura é estrangeira. Por isso, questionou-se como o GIM é abordado na literatura científica da Musicoterapia brasileira?

Metodologia

Investigou-se a ocorrência dos termos "GIM", "BMGIM", "imagens guiadas e música" e "Helen Bonny" entre as palavras-chave, no título ou no corpo do texto, no período de 2015 a 2019, nos periódicos: Revista Brasileira de Musicoterapia (UBAM) - doravante RBMt, InCantare (Unespar), Música Hodie (UFG) e Percepta (ABCMUS). Foram incluídos apenas resultados em língua materna. Encontraram-se nove artigos que falam diretamente sobre o tema ou que o tangenciam, todos publicados na RBMt. Nenhum contém os descritores no título e apenas um contém o descritor GIM nas palavras-chave.

Resultados e Discussão

O BMGIM foi citado na resenha de Brandalise (2015) como um dos modelos de musicoterapia. O artigo de Queiroz (2016) descreve similaridades entre a especulação de Mário de Andrade sobre o estímulo da música às imagens mentais e o BMGIM.

Em 2017 foram publicados quatro artigos que abordam sobre o GIM pela RBMt. O texto produzido por Woituski, Brandalise e Gattino (2017) e a versão publicada em outra edição da RBMt por Woituski, Brandalise, Gattino e Araújo (2017) mencionam o GIM entre os modelos de musicoterapia que já usaram a improvisação musical. O artigo de Vianna e Barcellos (2017) faz comparações entre a audição musical para reduzir ansiedade de gestantes hospitalizadas e o emprego no GIM para movimentação psíquica. O de Barcellos (2017) esmiúça os efeitos terapêutico e imunogênicos da audição musical dentro e fora da clínica, citando o GIM como método criterioso de emprego da audição musical, em certas condições psíquicas, que aprofunda estados não-ordinários de consciência e estimula a imaginação (id).

Pismel et al (2018) investigam sobre a espiritualidade na musicoterapia, defendendo o valor terapêutico do GIM para ampliação espiritual e existencial. Nesse mesmo enfoque, Dionizio e Freire (2018) citam o BMGIM como um dos pioneiros no trabalho com a integração espiritual, ao lado das abordagens antroposófica e criativa.

Dias e Ferreira (2019) compreendem o uso da música para alteração de estados de consciência na musicoterapia a partir do GIM. Apresentam como o método foi desenvolvido; seus objetivos e público; as sessões e seus efeitos. Por fim, abordam a necessidade de estudos específicos para formação e habilitação do terapeuta GIM e a quantidade reduzida destes no Brasil.

Com exceção de Dias e Ferreira (2019), que contextualizam teorias e técnicas concernentes ao GIM, de Queiroz (2016) que remonta antecedentes conceituais e de Vianna e Barcellos (2017) e

Barcellos (2017) que abordam potencialidades e desafios da audição musical, os demais citam o GIM *en passant*.

Considerações finais

A escassez de terapeutas e formadores GIM brasileiros pode estar relacionada com a baixa produção científica sobre o tema no país. Mas o resultado pouco expressivo quantitativamente não deixa de ter qualidade, pois, há alguns aspectos em comum entre os trabalhos encontrados e características teórico-práticas associáveis ao BMGIM, o que apresenta-se como elogio e convite à pesquisa do tema.

Referências

BARCELLOS, L. R. M. A ‘audição musical’ como experiência terapêutica e imunogênica: evidências e pesquisas. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XIX, p. 282-295, 2017. Edição especial. Disponível em: <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2018/04/Revista-Brasileira-de-Musicoterapia_2017-EE.pdf>. Acesso em: 9 out. 2020.

BRANDALISE, A. Resenha Crítica De Livro: Aigen, Kenneth. The Study of Music Therapy: Current Issues and Concepts. Nova York: Routledge, 2014. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XVII, n. 19, p. 91-96, 2015. Resenha. Disponível em: <<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/08/6-Resenha-cr%C3%ADtica-The-Study-of-Music-Therapy.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2020.

CLARK, Marilyn. Evolucion Del Método Bonny de Imagen Guiada Y Musica (BMGIM). In: BRUSCIA, K. E. & GROCKE, D. E. (Eds.). **Guided Imagery and Music: the bonny method and beyond**. Barcelona Publishers, 2002.

DIAS, C. K.; FERREIRA, G. N. L. A influência da música na produção de estados alterados de consciência e possíveis utilizações na clínica musicoterápica. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XXI, n. 27, p. 24-45, 2019. Disponível em: <<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2020/09/A-INFLUENCIA-DA-MUSICA-NA-PRODUCAO-DE-ESTADOS-DIAS-Cristiana.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2020.

DIONIZIO, L. L.; FREIRE, M. H. Musicoterapia e espiritualidade: a música cristã no contexto musicoterapêutico hospitalar. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XX, n. 25, p. 64-86, 2018. Disponível em: <<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2020/06/Leticia-Dionisio-e-Marina-Freire.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2020.

PISMEL, M. C. G. *et al.* Musicoterapia e espiritualidade: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XX, n. 25, p. 8-29, 2018. Disponível em: <<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2020/06/Mariana-Pismel-et-al-Musicoterapia-e-espiritualidade-uma-revis%C3%A3o-Integrativa.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2020.

QUEIROZ, G. J. P. de. Mário De Andrade E A Musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XVIII, n. 21, p. 73-92, 2016. Disponível em: <<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2017/06/4-M%C3%A1rio-de-Andrade-e-a-Musicoterapia.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2020.

VIANNA, M. N. S.; BARCELLOS; L. R. M. ‘Desenho Clínico Bipartite’ de musicoterapia com gestantes de alto risco hospitalizadas na maternidade – Escola da UFRJ (ME-UFRJ). **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XIX, p. 61-67, 2017. Edição especial. Disponível em:

<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2018/04/Revista-Brasileira-de-Musicoterapia_2017-EE.pdf>. Acesso em 9 out. 2020.

WOITUSKI, M.; BRANDALISE, A.; GATTINO, G. A improvisação e o Journal of Music Therapy: houve um período de “surdez” da comunidade mundial em relação ao método? **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XIX, p.27-34, 2017. Edição especial. Disponível em: <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2018/04/Revista-Brasileira-de-Musicoterapia_2017-EE.pdf>. Acesso em 9 out. 2020.

WOITUSKI, M.; BRANDALISE, A.; GATTINO, G.; ARAÚJO, G. A improvisação e o Journal of Music Therapy: houve um período de “surdez” da comunidade mundial em relação ao método? **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XIX, n. 22, p.8-29, 2017. Disponível em: <<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2018/04/1-A-improvisa%C3%A7%C3%A3o-e-o-journal-of-music-therapy-houve-um-per%C3%ADodo-de-surdez-da-comunidade-mundial-em-rela%C3%A7%C3%A3o-ao-m%C3%A9todo.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2020

O Tempo Emocional e o Tempo Cronológico nos Encontros de Musicoterapia com Idosas Institucionalizadas

*Laura Batista Bollini
Hermes Soares dos Santos*

Resumo: Este trabalho trata-se de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo e de nível exploratório, sob o objetivo de investigar o que expressam idosas institucionalizadas, em interações verbais e musicais no decorrer de encontros de Musicoterapia, a respeito da dualidade entre o tempo emocional e o tempo cronológico. A pesquisa foi realizada em uma instituição de longa permanência feminina com idosas de idades entre 66 a 86 anos. Os encontros foram registrados por meio de gravações de áudios, relatórios descritivos e diário de campo. A análise dos dados se deu por meio da técnica de Análise Temática Dialógica. Na leitura dos dados, emergiram temas como a juventude, a família, o processo de envelhecimento e a música. A Musicoterapia se mostrou uma ferramenta facilitadora do acesso aos tempos emocional e cronológico da pessoa idosa, permitindo o resgate de memórias afetivas e valorização dos conteúdos emergentes.

Palavras-chave: Musicoterapia. Pessoa Idosa. Tempo Cronológico. Tempo Emocional. Instituição de Longa Permanência para Idosos.

Emotional and chronological times in music therapy interventions with institutionalized elderly women

Abstract: This paper is comprised of an exploratory and qualitative field research with the intent of investigating the verbal and musical interaction by institutionalized elderly women, in regards to the duality between emotional and chronological time. The data collection was performed on an institution of long-term care for women with the appropriate forms signed with subjects whose age ranged from 66 to 86 years old. The data was collected via audio recordings, descriptive reports and a field diary and analyzed via Dialogical Thematic Analysis. While reviewing the data, themes such as youth, family, the aging process and music were brought up repeatedly. Music Therapy has shown itself to be a tool that enables an access into the emotional and chronological time of the elderly, allowing for a recovery of affective memories and the validation of the emerging themes.

Keywords: Music Therapy. Elderly. Chronological Time. Emotional Time. Long-Term Institution For The Elderly.

Introdução

O elemento “tempo” é objeto de diversas reflexões e manifestações literárias desde épocas mais antigas. A compreensão do tempo perpassa pela trajetória inteira da vida de um sujeito e é um fator que organiza não somente os acontecimentos, como também os sentidos atribuídos a eles. Conforme situado por Benevenuti et al. (2018), o tempo permeia toda a existência humana. Dessa forma, o sujeito está estritamente ligado ao tempo, porque organiza a sua vida, a sua história, os seus afazeres com base em um determinado tempo. Assim, ele cria uma relação de causa e consequência

entre as experiências significativas da existência, com acontecimentos antecedentes que geram efeitos posteriores.

No entanto, as pessoas nem sempre estão submetidas a um mesmo entendimento acerca do que é o tempo. Às vezes essa ideia, sujeita a distintas interpretações, pode surgir de uma ordem não linear, isto é, não cronológica. As palavras *chronos* e *kairós*, originadas a partir da mitologia grega, trazem dois conceitos de tempo diferentes. Enquanto o primeiro se refere ao tempo de ordem cronológica, isto é, o tempo mensurável e linear, o segundo é tido como o tempo oportuno, metafórico e não linear (ARANTES, 2015). Para a construção do presente trabalho, partiu-se do princípio da existência de um tempo de ordem cronológica, isto é, linear, e um tempo de ordem emocional, relacionado às subjetividades de cada pessoa.

Na população idosa, a relação dos indivíduos com a música e com o tempo cronológico e emocional é diferente daqueles que são mais jovens. No contexto do fazer musical em grupos de idosos, ocorre um movimento de valorização individual e da compreensão da importância que o outro realiza no todo, promovendo a integração em momentos cívicos e culturais como estratégia de luta contra o isolamento social (RENNER & BEYER, 2007).

A Musicoterapia é uma prática terapêutica que está cada dia mais presente na atuação com pessoas idosas, estimulando o prazer de cantar, tocar, improvisar, criar e recriar a suas histórias musicais (DREHER et al, 2014). O fazer musical da Musicoterapia pode atuar dentro desse contexto, ainda que por breves momentos, como uma ferramenta de contribuição para a saúde de pessoas idosas institucionalizadas.

Partindo dessas reflexões surgiu o problema do presente trabalho: O que expressam idosas institucionalizadas, em interações verbais e musicais no decorrer de encontros de Musicoterapia, a respeito da dualidade entre o tempo emocional e o tempo cronológico? Assim, a presente pesquisa foi decorrente da prática de estágio curricular do curso de Bacharelado em Musicoterapia, realizado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) feminina, de caráter privado, localizada na cidade de Curitiba-PR. Esta pesquisa de caráter qualitativo teve por objetivo investigar o que expressam idosas institucionalizadas, em interações verbais e musicais no decorrer de encontros de Musicoterapia, a respeito da dualidade entre o tempo emocional e o tempo cronológico.

Caminhos Metodológicos

O grupo participante desta pesquisa foi constituído por cinco idosas com idades entre 66 e 86 anos, apresentando alguns quadros clínicos como demência, as doenças de Alzheimer e de Parkinson, osteopenia, ansiedade, hipertensão e outras. Foram realizados seis encontros grupais de Musicoterapia no período de Setembro a Outubro de 2019. Os encontros ocorreram semanalmente, com duração de cerca de 1h30min e foram embasados, principalmente, nas experiências de Recriação Musical, na qual o participante aprende, canta, toca ou executa música composta previamente, e de

Audição Musical, na qual o participante ouve a música e responde às experiências silenciosamente, verbalmente ou em outra modalidade (BRUSCIA, 2016).

A realização da coleta de dados desta pesquisa deu-se mediante a assinatura de dois documentos, sendo estes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento. A ficha musicoterapêutica (BARCELLOS, 2016) e os questionários projetivo e social de canções (SCHAPIRA et al, 2007) serviram de inspiração para algumas das perguntas feitas às participantes, relacionadas a canções que recordassem épocas de vida como a infância e juventude, suas canções preferidas, canções que recordassem suas famílias, entre outras. As perguntas eram feitas verbalmente para as participantes ao longo dos encontros. O celular foi utilizado como recurso para a gravação dos encontros em áudio e para a reprodução de canções para a experiência de Audição Musical. O registro dos encontros foi feito por meio da escrita de relatórios, diário de campo e transcrições de trechos de áudios gravados.

Para a análise de dados desta pesquisa, foi escolhida a técnica de Análise Temática Dialógica, método analítico qualitativo, dinâmico e flexível, seguindo os seguintes passos: a) Transcrição das entrevistas; b) Leitura intensiva do material descrito; c) Organização das enunciações em temas e subtemas. (BORGES, SILVA, 2017).

Neste trabalho, foram essenciais para os processos de análise, reflexão e discussão dos dados as ideias de Zanini (2002) acerca da união dos tempos passado, presente e futuro na integralização da pessoa idosa, da manifestação de outros tempos que não somente o cronológico nos encontros de Musicoterapia (SILVA, 2010), da concepção da ideia metafórica do tempo não linear representado por Kairós (ARANTES, 2015) e dos conceitos de idades cronológica e psicológica apontados por Netto (2016).

Considerações Finais

Nas manifestações das participantes, emergiram conteúdos referentes a diversas épocas de vida das participantes, em especial a juventude. O contexto e a temática da família também foram de grande destaque nas expressões verbais das participantes ao longo dos encontros, o que acentuou ainda mais a questão da afetividade envolta nestas recordações, possibilitando o compartilhamento de sentimentos como a saudade, a relação entre familiares, aspectos da criação dada pela família e até mesmo questões referentes à rotina que se tinham as famílias. Também emergiram conteúdos acerca do momento atual de vida das participantes, o processo de envelhecimento, a autopercepção do mesmo e a consciência acerca de perdas e dificuldades decorrentes desse processo. A “música”, assim como a “família”, foi tema evidenciado em diversas manifestações das participantes, essencialmente atreladas a questões afetivas como o prazer pelo cantar e ouvir música, a atual dificuldade de cantar e a presença da música nos âmbitos familiares e até mesmo escolares.

O tema do presente trabalho propõe um assunto ainda novo em termos de publicações, e é importante que se possa abrir o horizonte para uma possível continuidade de estudo do tema. O tempo

emocional e o tempo cronológico foram compreendidos como constituintes do ser humano e, no caso da pessoa idosa, é de extrema importância o resgate e valorização das manifestações destes tempos, uma vez que estão diretamente ligados às relações afetivas que a pessoa estabeleceu e continua estabelecendo ao longo de sua história de vida. Nesse sentido, a Musicoterapia se mostra uma ferramenta facilitadora do acesso aos tempos emocional e cronológico da pessoa idosa, possibilitando dar visibilidade às memórias afetivas, canções, histórias vividas, auto percepção e outros aspectos emergentes do processo terapêutico, potencializando a autoestima e, conseqüentemente, contribuindo para a melhoria da saúde.

Referências

- ARANTES, P. C. Kairós e Chronos: Origem, Significado e Uso. **Revista Pandora Brasil**, n. 69, 2015.
- BARCELLOS, L. R. M. Etapas do Processo Musicoterapêutico ou Para uma Metodologia de Musicoterapia. In: **Quaternos de Musicoterapia e Coda**. Dallas: Barcelona Publishers, p. 157, 2016.
- BENEVENUTI, C. B.; SOUZA, C. H. M.; MANHAES, F. C. Lições da escola da vida: o tempo, o sujeito e a literatura. **Envelhecimento Humano Em Processo**. Instituto Brasil Multicultural: Rio de Janeiro, 2018.
- BORGES, F.; SILVA, C. **Análise Temática Dialógica como Método de Análise de Dados Verbais em Pesquisas Qualitativas**. Revista Linhas Críticas, Brasília, DF, v.23, n.51, p.245-267, 2017.
- BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. Barcelona Publishers, 2016.
- DREHER, S.C.; KAPPKE, S.C.; ZANCHETTA, C. Musicoterapia e seus benefícios no trabalho com idosos. DREHER, S.C.; MAYER, G.C.T. (Org.) **A Clínica na Musicoterapia: Avanços e Perspectivas**. p. 9-20, São Leopoldo: EST, 2014.
- NETTO, M. P. Estudo da Velhice: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.
- RENNER, K. K.; BEYER, E. O tempo musical no tempo do sujeito: ouvindo os fazedores de música da idade madura. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 11, p. 103-122. Porto Alegre, 2007.
- SCHAPIRA, et al. El Trabajo Com Canciones. **Musicoterapia: Abordaje Plurimodal**. ADIM Ediciones, p. 159-161, 2007.
- SILVA, L. R. Musicoterapia: A música como espaço-tempo relacional entre o sujeito e suas realidades. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, p.27-37. Curitiba v.1, 2010.
- ZANINI, C. R. O. Coro terapêutico - Um Olhar do Musicoterapeuta para o Idoso no Novo Milênio. Goiânia, 2002. **Dissertação (Mestrado em Música)**. Universidade Federal de Goiás.

★ Saúde com Arte: laboratório acadêmico de sonoridades sociais

Raquel Siqueira-Silva

Resumo: Este projeto refere-se ao Laboratório Saúde com Arte, visa abarcar pesquisas, estudos e ações referidos ao "entre" saúde e práticas artísticas. O balizamento teórico refere-se às Epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos e Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour. Conceitos teórico-metodológicos da Musicoterapia serão utilizados. Trata-se de uma prática de Ecologia de Saberes e Artesanias das Práticas com estudantes, docentes, servidores técnicos, profissionais terceirizados da UFSB campus Sosígenes Costa. A proposta inicial foi adaptada ao modo online e se ampliou a pessoas fora do campus universitário.

Palavras-chave: Musicoterapia. Ecologia de Saberes. Artesanias das Práticas. *Health with Art: academic laboratory of social sounds*

Abstract: *This project refers to the Saúde com Arte Laboratory, which aims to cover research, studies and actions related to the "between" health and artistic practices. The theoretical framework refers to the Epistemologies of the South, by Boaventura de Sousa Santos and Ator-Rede Theory, by Bruno Latour. Theoretical and methodological concepts of Music Therapy will be used. It is a practice of Ecology of Knowledge and Craftsmanship of the Practices with students, teachers, technical servers, outsourced professionals from UFSB campus Sosígenes Costa. The initial proposal was adapted to the online mode.*

Keywords: *Music therapy. Knowledge Ecology. Craftsmanship of Practices.*

Introdução

Até o presente do século XXI, nossas estimativas com relação ao uso musicoterápico, em favor do restabelecimento do equilíbrio afetivo-emocional-cognitivo-relacional do ser humano, baseia-se em práticas coletivas e individuais. Com o acometimento da Pandemia, seguido pela pandêmica situação de isolamento social, fobias, incentivo ao comportamento obsessivo por limpeza e outras derivações do quadro COVID-19, vimos a necessidade premente de compartilhar experiências, com a utilização de técnicas e métodos musicoterápicos. O campo acadêmico agrega situações múltiplas de produções de sociabilidades e compõe-se de diversidades existenciais pela complexidade de sua população, no que confere docentes, discentes, servidores técnicos e pessoal de apoio. O dispositivo musicoterápico deste projeto, mobiliza todas as possibilidades de estímulo à reconstrução de modos de vida, a partir desta outra realidade

pandêmica e pós-pandêmica. No histórico do reconhecimento da Musicoterapia como Prática Complementar em Saúde, encontra-se a referência de utilização da música para efeito

terapêutico no pós Segunda Guerra (COSTA, 1989). Esta experiência fortaleceu a musicoterapia no campo da Saúde Mental. Compreende-se Saúde Mental em seu sentido amplo, sem estigmas, como conjunto de recursos sociais-afetivos-emocionais capazes de lidar com situações existenciais. Este projeto está ancorado no Laboratório Saúde com Arte e também configura-se como ação do Plano de Trabalho do Acordo Internacional entre Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES.UC.PT). Também faz parte da linha Saúde com Arte do Grupo de Pesquisa Saúde Coletiva, Epistemologias do Sul e Interculturalidades, que vem realizando encontros virtuais, agregando pesquisadores, professores, profissionais de saúde e estudantes, em debates sobre a Pandemia, com alcance nacional e internacional. O propósito deste projeto é contemplar à comunidade acadêmica, em todos os seus segmentos, à um acolhimento, apoio, valorização e incentivo existencial. Um suporte, através das sonoridades, esta com seus recursos confortadores, amparadores e saudáveis. Entendendo a Saúde Coletiva em sua magnitude, no composto ensino-serviço- comunidade.

Revisão de Literatura

A Teoria Ator-Rede (TAR) preconizada por Bruno Latour (2005) comporta o conceito de redes que se baseia nas conexões. A iniciativa de criar um dispositivo grupal de encontros músico-artísticos na Pandemia, baseados na Musicoterapia, visa criar modos de lidar com os efeitos sociais, emocionais, relacionais da Pandemia COVID-19. Este projeto baliza-se na TAR e se amplia com os conceitos do pensamento de Boaventura de Sousa Santos: Ecologia de Saberes, Artesania das Práticas (SOUSA, 2014, 2016), estes pertencentes ao campo de investigação das Epistemologias do Sul (SOUSA, 2007). A cartografia das controvérsias latouriana se constitui num dos pilares para a observação participante.

Metodologia

A abordagem configura-se como pesquisa-ação, pesquisa-intervenção. Com inspiração etnográfica. As descrições se constituem em ações imprescindíveis na abordagem TAR que está inserida no campo Ciência, Tecnologia e Sociedade. As narrativas das descrições constituirão parte das publicações e relatórios previstos. As técnicas interativas da Musicoterapia são utilizadas, numa abordagem ecológica e comunitária (SIQUEIRA-SILVA,2015). Pragmaticamente, é realizado um encontro sonoro-musical por semana, no turno da manhã, 5 feiras-11 às 12h. Online. Todos/as os/as docentes, estudantes,

técnicos administrativos e outros profissionais da UFSB foram convidados e ampliou-se a divulgação online para convidados/as destes. Todos/as recebem acolhimento salutar. Pessoas recitam poemas, alguns mostram desenhos e pinturas. Nestes encontros, cada pessoa apresenta-se livremente com sua arte. Em duração de uma hora, nos 40 minutos iniciais ocorrem expressões sonoro-musical-artísticas seguida de uma roda de conversa sobre o encontro e as emoções suscitadas. Há descrição de todos os encontros conforme a Teoria Ator-Rede preconiza. Atualmente conta com uma estudante bolsista de iniciação científica (PIBIPCI) e dois estudantes voluntários. Depois do grupo, a orientadora se reúne com estudantes e acontece a orientação acadêmica.

Resultados

Esta pesquisa de extensão está em andamento na UFSB, de modo online desde agosto. Estamos nos reunindo semanalmente conforme projeto inicial. Em média 8 pessoas por semana, estudantes e convidados dos estudantes. Decidimos ampliar a participação e pretendemos convidar participar do XX ENPEMT para se juntarem à nós nessa iniciativa. Divulgando este projeto assim, nacionalmente, para estudantes e musicoterapeutas que queiram participar dos encontros semanais. Ainda estamos começando e já, qualitativamente, observados nos comentários ao final dos encontros, que há satisfação dos participantes de compartilharem suas musicalidades e outras artes. Há comentários de satisfação por participarem dos encontros semanais.

Considerações

Consideramos esta pesquisa de extensão como uma das contribuições ao campo da musicoterapia, juntando-se a outras iniciativas da área. Utilizando nossos recursos profissionais e acadêmicos extensionistas para promover saúde. Uma artesanaria em construção, neste período de sofrimento coletivo. Um espaço em que as vozes são ouvidas e respeitadas e toda forma de arte é bem vida, nessa arte de viver e produzir saúde.

Referências

COSTA, Clarice Moura. **Musicoterapia: o despertar para o outro**. Summus Editorial. São Paulo, 1989.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

NUNES, João Arriscado; SIQUEIRA-SILVA, Raquel. Dos “abismos do inconsciente” às razões da diferença: criação estética e descolonização da desrazão na Reforma Psiquiátrica

Brasileira. **Sociologias**, Porto Alegre , v. 18, n. 43, pp. 208-237, dez. 2016 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222016000300208&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-018004308.SANTOS>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologies of the South: Justice Against Epistemicide*. Boulder: Paradigm Press, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ARAUJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**, Porto Alegre , v. 18, n. 43, p. 14-23, dez. 2016 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222016000300014&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 20 nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-018004301>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estud.** - CEBRAP, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>.

SIQUEIRA-SILVA, Raquel.; NUNES, João Arriscado . Quando a terapia se torna arte: Teoria Ator-Rede e cocriação musical. **Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)**, v. 15, p. 1224-1237-1224, 2015

SIQUEIRA-SILVA, Raquel. **Conexões Musicais: musicoterapia, saúde mental e teoria ator-rede**. Editora Appris. Curitiba, 2015.

Texto de Encerramento

Caminhos...

São locais de passagem entre o que éramos até quem somos hoje, e andando, continuamos a caminhar para o que seremos.

Lá nos anos 70, quando a Musicoterapia veio ao Brasil, dando início ao primeiro curso de graduação do país, no Rio de Janeiro em 1972, talvez suas precursoras não tivessem dimensão dos caminhos que teriam que construir em nosso país. Sendo desbravadoras e corajosas, construíram caminhos através da prática, do ensino e da pesquisa, onde tudo era muito novo e difícil. Pois o novo pode causar medo, e o medo, às vezes, gera dificuldades.

De tantas coisas, a pesquisa, ainda que em pequena proporção, nunca deixou de ser um dos grandes pilares da Musicoterapia Brasileira. Novos caminhos foram se abrindo através dos cursos de graduação e especialização além de novidades nas abordagens utilizadas na prática clínica. O saber foi sendo compartilhado e dispersado pelas 5 regiões do nosso país, conduzido por mais e mais pessoas que acreditam e amam a nossa profissão. As Associações de Musicoterapia, bem como a união delas pela UBAM, nos fazem ter um vislumbre de onde os caminhos percorridos chegariam, mas nunca uma certeza.

No ano de 2020, nossos caminhos foram dificultados por uma situação amedrontadora. Mas mesmo diante de uma barreira como essa, novos caminhos foram sendo traçados para que nossa profissão continuasse seguindo seu próprio rumo. Nos reinventamos, nos redescobrimos e nos fortalecemos diante da adversidade com muita criatividade e música. Esta é a força da Musicoterapia.

O Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia foi criado em 2009, na cidade de Curitiba/PR. Já estamos na vigésima edição. Nesses 5 dias de ENPEMT, nos prestamos a ver e refletir sobre quantos caminhos estão sendo abertos nos últimos anos em nossa profissão. Novos pesquisadores, novos saberes, novos compartilhamentos, novas amizades e descobertas. Foi um tempo de perceber que tem mais gente caminhando com a gente.

Do fundo dos nossos corações, nós gostaríamos que todos estivessem curtindo o XX ENPEMT em nossa casa- Minas Gerais, com um cafezinho e um pão de queijo na mão. Entretanto a rota acabou sendo mudada de uma hora para outra. Mas, pensando bem, os momentos que vivenciamos nessa semana foram tão incríveis que não podemos reclamar de nada! Haverão várias outras oportunidades para nos encontrarmos!

A todos, nosso sincero agradecimento pela confiança, pela paciência, pela compreensão e pelas geniais participações! Agradecemos às comissões, aos mediadores, aos palestrantes, aos nossos suportes técnicos, aos participantes, enfim... a todos que fizeram com que este evento se tornasse realidade! Sem toda a ajuda que tivemos, o sucesso desse evento seria impossível. Sintam-se todos abraçados com nossa imensa gratidão!

E por fim, é chegado o momento de passarmos o bastão de mão. Vamos anunciar qual estado sediará o XXI ENPEMT, em 2021. E será em... SÃO PAULO! APEMESP, temos certeza de que farão um trabalho brilhante! E contem com a gente para o que precisarem.

APEMEMG